



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE HISTÓRIA (FH)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO

RAFAEL MARTINS DE MARCELO FALLONE

MAX WEBER NOS EUA:
A FORMAÇÃO DE UMA COMUNIDADE INTELLECTUAL

Goiânia - GO

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese

2. Nome completo do autor

Rafael Martins de Marcelo Fallone

3. Título do trabalho

Max Weber nos EUA: a formação de uma comunidade intelectual.

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
 - b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
- O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Sérgio Duarte Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 16/09/2021, às 12:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Documento assinado eletronicamente por **Rafael Martins de Marcelo Fallone, Usuário Externo**, em 16/09/2021, às 12:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](#), informando o código verificador **2351935** e o código CRC **B367FACA**.

RAFAEL MARTINS DE MARCELO FALLONE

MAX WEBER NOS EUA:
A FORMAÇÃO DE UMA COMUNIDADE INTELECTUAL

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em História (PPGH), como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: Culturas, Fronteiras e Identidades.

Linha de pesquisa: Ideias, Saberes e Escritas da (e na) História.

Orientação: Prof. Dr. Luiz Sérgio Duarte da Silva

Goiânia - GO

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Martins de Marcelo Fallone , Rafael

Max Weber nos EUA: [manuscrito] : a formação de uma comunidade intelectual / Rafael Martins de Marcelo Fallone . - '2021. cxxii, 122 f.

Orientador: Prof. Luiz Sérgio Duarte da Silva .

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, '2021.

Bibliografia.

Inclui tabelas, lista de tabelas.

1. Max Weber. 2. Estados Unidos da América. 3. Comunidades Intelectuais. 4. História Intelectual. I. Duarte da Silva , Luiz Sérgio , orient. II. Título.

CDU 94



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 024/2021 da sessão de Defesa de Dissertação de **Rafael Martins de Marcelo Fallone**, que confere o título de Mestre(a) em **História**, na área de concentração em **Culturas, Fronteiras e Identidades**.

Ao/s **trinta e um dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e um**, a partir da(s) **14h**, via **videoconferência**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “**Max Weber nos EUA: a formação de uma comunidade intelectual.**”. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), Professor(a) Doutor(a) **Luiz Sérgio Duarte da Silva (PPGH/UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor(a) Doutor(a) **Estevão Chaves de Rezende Martins (UnB)**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **Eurico Antônio Gonzalez Cursino dos Santos (UnB)**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **Ulisses do Valle (PPGH/UFG)**, membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido(a) o(a) candidato(a) **aprovado(a)** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo(a) Professor(a) Doutor(a) **Luiz Sérgio Duarte da Silva**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **trinta e um dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e um**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Sérgio Duarte Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 07/04/2021, às 12:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jiani Fernando Langaro, Coordenador de Pós-graduação**, em 07/04/2021, às 12:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ulisses Do Valle, Professor do Magistério Superior**, em 01/06/2021, às 09:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1965403** e o código CRC **ADA1384F**.

Referência: Processo nº 23070.015833/2021-80

SEI nº 1965403

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer minha mãe, Célia Fallone, que me proveu das formas mais diversas de suporte e apoio. Não existiriam palavras belas o suficiente para demonstrar a gratidão que tenho por todo esforço que esta forte mulher colocou na minha criação.

Meu pai, Paulo Humberto, que apoiou minha carreira acadêmica mesmo nos momentos mais difíceis desta jornada.

Murilo Gonçalves, Guilherme Siqueira e Sabrina Costa Braga, que por coabitarem o mesmo apartamento que o autor, tiveram que lidar com os piores momentos. Naqueles dias em que os demônios se apossam das ações eles tiveram de lidar com as piores partes da convivência. Pela paciência e pelo apoio eu os agradeço.

Muryel Almeida, Rômulo Carvalho, José Ricardo Lopes Filho e Geovana Daher. Amigos de longa data. Eles apoiaram este esforço intelectual mesmo não compreendendo os propósitos e motivos do meu trabalho.

Aos professores Carlos Oiti, Ulisses do Valle e Sérgio Duarte, que fizeram parte da minha formação intelectual ao mesmo tempo que orientaram na produção do texto.

Ao Departamento de História, que criou o ambiente necessário para minha formação e a construção de um espaço que toca a vida de tantas pessoas.

Agradeço a todos.

RESUMO:

Esta dissertação procura mapear as comunidades acadêmicas que se formaram em torno do pensamento weberiano nos Estados Unidos da América. O processo de formação dessas comunidades passaram por questões materiais envolvendo a disponibilidade de traduções e a construção de redes de colaboração, ao mesmo tempo que ocorreram em meio a debates sobre a formação de interpretações e o estabelecimento de autoridades intelectuais. A transposição de um intelectual de um contexto intelectual para outro é também a formulação de um novo espaço acadêmico; no caso americano, Weber foi utilizado como um dos grandes pensadores das ciências humanas. Dentre os autores pesquisados: Frank Knight (1885-1972), Talcott Parsons (1902-1979), C. Wright Mills (1916-1962), Hans Gerth(1908-1978) e Guenther Roth (1931-2019). Buscou-se delinear os elementos intelectuais que compunham o ambiente intelectual americano anterior à chegada dos textos de Weber, como o excepcionalismo, a filosofia pragmática e o mito da terra prometida. Explicitar como esses elementos facilitaram a introdução da epistemologia weberiana dentro do léxico americano, principalmente aqueles que explicavam certo sucesso americano. Descrever como um novo tipo de pensamento sobre Max Weber surgiu no ‘novo mundo’, primordialmente a divisão entre as formas produzidas por Harvard/Chicago e Wisconsin.

Palavras-Chave: Max Weber, Estados Unidos da América, Comunidades Intelectuais, História Intelectual.

ABSTRACT:

This dissertation seeks to map the academic communities that formed around Weberian thinking in the United States of America. The formation process of these communities went through material issues involving the availability of translations and the construction of collaboration networks, which took place amid debates about the formation of interpretations and intellectual authorities' establishment. The transposition of an intellectual from one intellectual context to another is also the formulation of new academic space; in the American case, Weber was used as one of the great thinkers of the humanities. Among the authors surveyed: Frank Knight (1885-1972), Talcott Parsons (1902-1979), C. Wright Mills (1916-1962), Hans Gerth (1908-1978), and Guenther Roth (1931-2019). We sought to outline the intellectual elements that made up the American intellectual environment before the arrival of Weber's texts, such as exceptionalism, pragmatic philosophy, and the promised land's myth. Explain how these elements facilitated Weberian epistemology's introduction into the American lexicon, especially those that explained a particular American success. Describe how a new type of thinking about Max Weber emerged in the 'new world,' primarily the division between the forms produced by Harvard / Chicago and Wisconsin.

Key-Words: Max Weber, United States of America, Intellectual Communities, Intellectual History.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	7
1. O texto weberiano como substrato	9
2. Elementos para história de uma comunidade intelectual.....	11
2.1. Historização do conhecimento	13
2.2. Falácias interpretativas	15
3. Orientação da Pesquisa	19
CAPÍTULO I — Elementos constituintes de uma racionalidade americana	20
1. Considerações Iniciais	20
2. A Terra Prometida	21
2.1. O Povo Escolhido	22
2.2. <i>The Frontier Thesis</i>	24
2.3. Urbano <i>versus</i> rural	26
3. Excepcionalismo	27
3.1. Moderno sem Antigo — excepcionalismo histórico	28
3.2. <i>A city upon a hill</i> — excepcionalismo religioso	29
3.3. Destino Manifesto — excepcionalismo institucional	30
3.4. O Capitalismo — excepcionalismo econômico	33
4. Filosofia Moral	34
5. Pragmatismo Filosófico	35
5.1. O problema epistemológico	37
5.2. <i>Will to believe</i>	40
6. O que é história para o Estadunidense?	42
6.1. Uma história natural e evolutiva	43
6.2. As ciências humanas como controle do futuro	45

CAPÍTULO II — Weber nos EUA	49
1. Universidades Americanas	49
1.1. Provincialismo Intelectual	52
1.2. Europa: aliado e antagonista	52
2. Mapeamento dos pensadores nos EUA	54
2.1. Harvard University (1636) — Chicago University (1890)	54
2.2 - University of Wisconsin (1848)	57
2.3. New School for Social Research (1918)	59
3. Mapeamento das traduções	61
3.1. <i>General Economic History</i> (1927) — Frank Knight	64
3.2. <i>The Protestant Ethics and The Spirit of Capitalism</i> — Talcott Parsons	71
3.2.1. Parsons como tradutor	71
3.2.2. Críticas à tradução de Parsons	73
3.2.3. Impacto da EPEC	76
3.2.4. <i>The Structure of Social Action</i> (1937)	78
3.3. <i>From Max Weber: Essays in Sociology</i> (1946) - Mills and Gerth	82
3.3.1. <i>Bureaucracy and Charisma: A Philosophy of History</i>	87
3.3.2. <i>The Sociological imagination</i> (1959)	91
3.4. <i>Economy and Society</i> (1968) - Guenther Roth	98
3.4.1. <i>Weber's Vision of History</i> (1979)	99
4. Considerações finais	104
CONCLUSÃO	107
Referências	111
TABELAS	
Tabela I — Intelectuais de Harvard e Chicago	55
Tabela II — Intelectuais de Wisconsin	57
Tabela III — Traduções de livros	62

Considerações Iniciais

Este trabalho pretende observar como certos fatores histórico-culturais da experiência americana influenciaram na formação de comunidades intelectuais nos Estados Unidos que se congregaram em torno da obra de Max Weber. Essas comunidades foram relevantes para a formação do pensamento americano durante o século XX, se considerarmos que os EUA possuem ciências humanas mais jovens que a Europa.

A escolha dos Estados Unidos como objeto de estudo se divide em duas frentes. Primeiramente, existe um déficit de produção sobre a comunidade intelectual americana no Brasil. A tradição de pensamento francesa e alemã ganhou espaço e, com essa tradição, herdamos também um desinteresse pelo espaço intelectual norte-americano. Os EUA seriam um objeto para observação, mas raramente uma fonte de grandes pensadores(as), sofreriam de um “*intellectual and cultural provincialism*”¹. Se, por um lado, essa afirmação é verdadeira, o continente americano como um todo é uma província intelectual. Por outro, demonstra um juízo de valor acerca do que se considera como conhecimento válido. “Americanos só escrevem sobre a América” é um clichê que tem seu valor de verdade, mas não sem motivos historicamente fundamentados, o que esperamos contemplar ao longo do trabalho.

Paralelo a esse desdém, existe um abandono da interpretação que os EUA fazem parte do mundo colonizado. Uma série de hipóteses poderiam ser pensadas para justificar isso. Poderia se afirmar que a América não ibérica é percebida diferente como resultado da barreira linguística, ou que o sucesso capitalista que transformou-se em imperialismo paternalista fez com que os EUA passassem à categoria de colonizador. Talvez esses conceitos que diferenciam colônia de metrópole já estejam datados o suficiente e esse par analítico não se aplique. Mas o foco deste trabalho não é esse. Fala-se da história dos EUA, ou enquanto uma crença na mitologia americana, ou como uma rejeição dos valores que a fundaram. Ambos os movimentos retiram a historicidade das experiências humanas e criam pontos cegos para a análise do que consiste a formação do mundo moderno. Definir e delimitar os motivos para tal ‘cegueira voluntária’ poderia auxiliar a compreensão do nosso esforço acadêmico, também como agentes dessa cegueira. E, enquanto também somos uma província intelectual, observar a resposta produzida pelos americanos é olhar uma colônia que optou por uma saída completamente distinta da adotada aqui. Compreender os Estados

¹ “Provincianismo intelectual e cultural” — TL
SCAFF, Lawrence. *Max Weber in America*. Princeton University Press. Princeton, 2011. Pág 240.

Unidos, para além do senso comum, seria lançar luz sobre a quantidade obscena de elementos importados para nossas terras. Importa-se cultura, militância política, debates sociais, ferramentas de organização social, tecnologia, e meios de produção dos EUA. E, como notado, até o desejo de pertencer a uma nação foi importado e comprado pela nossa população.

Um certo desprezo pelos EUA e suas formas intelectuais é compreensível. Desde a influência que atrasou o desenvolvimento nacional — político, econômico e cultural — até os coturnos americanos que marcharam sobre terras brasileiras, legitima-se compreensivamente esse desinteresse e repulsa. Porém, o esforço em compreendê-los é também um esforço de compreender o nosso país. As elites intelectuais desejavam uma nação que se assemelhasse à Europa, mas é um pesar afirmar que temos uma nação mais qualitativamente próxima aos EUA do que gostaríamos de admitir.

Outro motivo para a escolha dos Estados Unidos foi a constatação de que Weber possui um peso e uma força distinta no pensamento norte-americano se confrontarmos com outros intelectuais europeus. Os argumentos para justificar essa afirmação serão tratados no texto com maior descrição, mas apresentam-se em três vias principais: a) Esse ‘novo mundo’, baseado em valores humanistas, mostrou-se bastante receptivo às considerações de Weber sobre o papel de uma orientação religiosa na formação de uma sociedade que organizou-se moralmente tradicional e pragmaticamente moderna; b) Weber ofereceu à comunidade intelectual um léxico conceitual que permitiu uma abordagem de caráter historiográfico que explicasse um certo ‘sucesso’ norte-americano de um ponto de vista cosmopolita, mas que não travava combate à tradição americana; c) O caráter multimetodológico da perspectiva weberiana possibilitou sua adoção por uma grande variedade de intelectuais operando sobre distintas bases de conhecimento formal, orientações políticas ou objetivos intelectuais.

A necessidade estadunidense em criar uma maturidade intelectual própria levou-os a buscar em Weber as fundamentações para que formulassem um modelo próprio de ciências humanas. Este já seria fundada sob a égide do moderno². Essa nova ciência evitaria os erros cometidos pelas ciências europeias ao mesmo tempo que colocaria em evidência os ideais do ‘novo homem’ americano. Ou, pelo menos, foi assim que essa narrativa se desenrolou.

² “[...] a busca da maturidade através da reflexão sobre a modernidade, onde essa reflexão é articulada via uma reconstrução histórica do nosso ser no presente”.

OWEN, David. *Maturity and Modernity: Nietzsche, Weber, Foucault and the Ambivalence of Reason*. Routledge. London, 1994 *apud* ALMEIDA, Tiago Santos. Erguendo barreiras contra o irracionalismo: História das Ciências e diagnóstico da atualidade em Gaston Bachelard. *Tempo*. Vol.25 no.3 Niterói Sept./Dec. 2019

1. O texto weberiano como substrato

Another kind of new history emerged from efforts to use modernization theory as the narrative analytical spine of American historiography. Modernization theory descends from ideas of liberal progress that have been powerful since the eighteenth century and from sociological theories of Ferdinand Tonnies and Max Weber.³

Acreditamos ser necessário usar dos textos weberianos como base referencial, mas o objetivo deste trabalho é observar a formação da comunidade weberiana e suas interpretações. Assim sendo, levaremos em consideração as condições materiais de formação de uma comunidade — disponibilidade textual — em paralelo à observação epistemológica que motiva a congregação em torno de um aparato de organização do conhecimento. É necessário um *disclaimer*: por mais que se esforce por manter o rigor analítico, deve-se pontuar que não é possível estabelecer o que seria uma leitura ideal dos trabalhos de qualquer autor. Não existe linha metafísica capaz de delimitar o que seria uma leitura apropriada ou uma interpretação fidedigna dos modelos de pensamento de qualquer obra; não existe nenhuma essência ou natureza apta a orientar o uso e desenvolvimento de conceitos. As questões colocadas para a leitura de qualquer trabalho são criadas por indivíduos imbuídos de desejos e vontades inerentes à sua cultura e ao seu tempo. Devido ao valor comunicativo de todo texto, o significado intrínseco não se encontra somente na produção do texto, mas também na sua recepção.⁴

Assim sendo, este texto possui uma quantidade menor de observações sobre Max Weber do que espera-se de uma dissertação como esta. O foco escolhido é adjacente a Max Weber, mais precisamente, o que os seus discípulos da ‘terra prometida’ produziram com o substrato vindo de formulações germânicas e quais questões podem ser apreendidas dessa experiência. Trata-se do esforço de humanizar os indivíduos que trabalham com o conhecimento e aceitar as decisões epistemológicas, das quais podemos concordar ou não, se for considerado que a agência histórica os pertencia, assim como agora se trata da nossa. A

³ “Um novo tipo de história emerge dos esforços em usar a teoria da modernização como a coluna analítica e narrativa da historiografia americana. A teoria da modernização descende de ideias de progresso liberal que têm sido poderosas desde o século XVIII e de teorias sociológicas de Ferdinand Tonnies e Max Weber.” — TL ROSS, Dorothy. *The Origins of American Social Science*. Cambridge University Press. Cambridge, 1991. Pág 83.

⁴ “Trata-se da dificuldade [...] de trazer à tona aquilo que almeja: o estabelecimento do significado de uma obra literária, um estudo sobre os limites mesmos a que a interpretação (de uma obra) está sujeita ou não.” VALLE, Ulisses do. *As vicissitudes da história: Max Weber e a teoria do conhecimento histórico*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2013. Pág 18.

produção de Weber, dentro desse quadro, não é a métrica usada para definir quais indivíduos o leram corretamente ou incorretamente; a produção é o substrato de onde surgiram sujeitos que tomaram para si a responsabilidade de imprimir sentido à realidade. Compreendê-los por aquilo que são, indivíduos de carne e osso⁵, não consiste em julgar leituras mais ou menos apropriadas de Max Weber⁶, mas em analisar as nuances interpretativas produzidas em um dado contexto. Compreender como distintas temporalidades e historicidades produziram respostas nos direciona para elementos formadores de sujeitos históricos. Este trabalho tem a intenção de demonstrar que aqueles indivíduos, que tomaram para si o árduo esforço de produzir proposições sobre a experiência humana, tiveram motivos plausíveis e compreensíveis em fundamentar suas ideias como tal. Toda forma de produção de conhecimento — pelo menos a partir da compreensão aqui partilhada — é fruto de contingências pautadas espaço-temporalmente e, eventualmente, indivíduos encontram-se ‘do lado errado da história’ devido à confluência de visões de mundo que lhes são alheias. Qualquer comentário negativo realizado nesta dissertação não tem como objetivo, portanto, expor as vantagens de retrospectiva (*hindsight*) que possuímos em relação ao nosso objeto. Apenas faremos o esforço de explicitar os parâmetros pelos quais certas concepções foram forjadas e, por vezes, apontar possíveis interpretações consideradas errôneas sob o prisma do presente.

O pensamento weberiano mostrava-se capaz de unir uma série de questões e problemáticas relevantes ao contexto americano⁷, estava apto a oferecer um aparato teórico que criaria pontes entre formas do conhecimento — jurídico, social, econômico, científico, teológico, filosófico, histórico, político — sob uma égide epistemológica compreensiva e

⁵ “Para mim, as ideias não são frias e sem sangue, mas coisas insistentes, importantes e até eróticas.”

“*For me, ideas are not cold and bloodless but insistent, important, and even erotic things.*”

LACAPRA, Dominick. Intellectual History and Its Ways. *The American Historical Review*, Vol. 97, No. 2. 1992. Pág 426.

⁶ Mesmo que fosse plausível definir o que seria a leitura correta de um determinado autor, não acreditamos que fruiria em uma grande narrativa histórica. Eleger qual foi o melhor leitor de Weber nos EUA diz mais sobre este que produz o texto que sobre o quadro histórico em si.

⁷ “Os escritos de Weber desencadearam o tipo de entusiasmo intelectual que levou ao engajamento sustentado, incentivando um movimento de pensamento além da investigação rotineira e das perspectivas paroquiais e satisfazendo a sede de grandes questões e conexões novas e inesperadas. A obra parecia oferecer algo para uma ampla gama de leitores - economista, sociólogo, historiador, cientista político, antropólogo, classicista ou metodólogo. Multivalente e de textura aberta, recusava-se a obedecer a uma nomenclatura disciplinar padrão.”

“*Weber’s writings set off the kind of intellectual enthusiasm that led to sustained engagement, encouraging a movement of thought beyond routine inquiry and parochial perspectives and satisfying the thirst for large questions and unanticipated and novel connections. The work seemed to offer something for a wide range of readers—the economist, sociologist, historian, political scientist, anthropologist, classicist, or methodologist. Multivalent and open-textured, it refused to conform to a standard disciplinary nomenclature.*”

SCAFF, Lawrence. *Max Weber in America*. Princeton University Press. Princeton, 2011. Pág 209.

adaptável. Parecia ser essa uma necessidade do pensamento americano, em seu modelo fragmentado e com suas deficiências teóricas, o que parecia faltar “[...] *was that typical German cross-connection of the theological, juridical, social science, and philosophy faculties as represented precisely by Max Weber*”⁸.

Entretanto, essa concepção de interdisciplinaridade só ganhou espaço após a tradução de Charles Wright Mills e Hans Gerth do livro *Essay on Max Weber*, em 1946. Esse é o momento em que Weber passou a ser considerado de forma mais clara como um teórico das ciências humanas⁹. Anterior a esse momento é notória a inclinação, por parte de alguns autores com quem trabalhamos, de categorizar Max Weber dentro de um quadro disciplinar determinado. No segundo capítulo, será descrito como Max Weber possuiu quatro quadros disciplinares distintos nos EUA, respectivamente: a) historiador da economia; b) sociólogo; c) teórico do método; d) historiador. Tal necessidade de categorização, por um lado, pode ser pensada como um esforço didático em transmitir conhecimento sobre determinados autores ou escolas de pensamento¹⁰. Rótulos e definições auxiliam na constituição de constelações de significado que, embora úteis, podem acarretar em simplificações e generalizações, por vezes, prejudiciais.

2. Elementos para uma história de uma comunidade intelectual

Fronteiras disciplinares não se sustentam apenas sobre pilares epistemológicos. A política, as delimitações didáticas e as visões de mundo também exercem força na determinação desses limites. Definir Weber dentro de uma categoria específica aparenta ser uma forma de afirmação disciplinar dentro de um contexto intelectual. Esse impulso de definição apresenta sua validade, tendo em vista que a categorização e a delimitação são

⁸ “O que faltava era a típica conexão cruzada alemã das faculdades teológicas, jurídicas, das ciências sociais e da filosofia, representada precisamente por Max Weber.” - TL HONIGSHEIM, Paul. *The Unknown Max Weber*. Transaction Publisher. New Jersey, 2003. Pág 262.

⁹ Pelo menos do ponto de vista de um material literário que já trazia o pensamento interdisciplinar como marca.

¹⁰ “Tal imagem da ciência foi extraída – até mesmo pelos próprios cientistas – principalmente do estudo de trabalhos científicos acabados tal como eles se encontram expostos nas obras consideradas clássicas ou, mais recentemente, nos livros didáticos em que cada uma das novas gerações de cientistas aprende o seu ofício. Inevitavelmente, contudo, o objetivo desses livros tem muito mais um caráter pedagógico e de persuasão. Um conceito de ciência tirado deles ajusta-se tanto ao processo de produção de que resultam os componentes com que são constituídos quanto à imagem de uma cultura nacional tirada de um folheto turístico ou de um texto escrito de acordo com a norma oficial da língua.”

KUHN, Thomas S. *The Structure of Scientific Revolutions*. The University of Chicago Press. Chicago/London, 1996. Traduzido por Paulo Aukar. Santa Maria, 2016. Pág 9.

elementos fundamentais de qualquer aparato de apreensão do mundo. Dividir, nomear e categorizar são atributos da cognição humana fundamentais para organizar e gerir a realidade e, desse modo, no ambiente acadêmico não poderia ser diferente. Por um lado, gostaríamos de discutir o papel que as fronteiras disciplinares exercem sobre nossa apreensão de intelectuais e seus modelos de pensamento e, por outro, considerar como essas fronteiras criaram uma certa narrativa sobre Max Weber no contexto contemplado pela presente dissertação. Pretendemos tratar da passagem de um ‘Weber delimitado disciplinarmente’ para um ‘Weber interdisciplinar’ como parte crucial da formação da comunidade weberiana.

Fronteiras disciplinares são construtos historicamente definidos. Logo, cabe ao historiador incorporar à análise que nenhum parâmetro de distinção existe enquanto grandeza no mundo em si. A realidade é fundamentalmente irracional e o caráter de racionalidade ocorre na atribuição abstrata de significados dentro da fragmentação da realidade em conjuntos operacionais. A distinção feita entre as ciências humanas e naturais, por exemplo, está mais ligada à forma do conhecimento produzido — ideográfica/nomotética — do que à natureza da realidade analisada — abstrata/concreta. Supõe-se então, que tais definições disciplinares foram criadas a partir de distinções conceituais anteriores à produção científica.

[...] o desenvolvimento inicial da maioria das ciências caracterizou-se pela competição contínua entre várias concepções distintas da natureza, cada uma delas derivada parcialmente dos ditames da observação e do método científico, e mais ou menos compatível com eles. O que diferenciou essas várias escolas não foi uma ou outra carência de método – elas eram todas científicas –, mas aquilo que denominaremos suas maneiras incomensuráveis de imaginar o mundo e de praticar a ciência dentro dele. [...] Mas a observação e a experiência sozinhas não podem determinar uma configuração particular de tal crença. Um elemento aparentemente arbitrário – composto de casualidade pessoal e histórica – é sempre um ingrediente formativo das crenças esposadas por uma comunidade científica durante um tempo dado.¹¹

A capacidade de imaginar o mundo parece ultrapassar o método ou a epistemologia, ela cria e define o que se entende do mundo e no mundo¹². A produção de enunciados

¹¹ KUHN, Thomas S. *The Structure of Scientific Revolutions*. The University of Chicago Press. Chicago/London, 1996. Traduzido por Paulo Aukar. Santa Maria, 2016. Pág 12

¹² “Contudo, esse elemento de arbitrariedade não sugere que algum grupo científico pudesse praticar seu ofício sem um conjunto presumido de crenças. Ele também não diminui a importância da constelação particular de crenças com que o grupo está comprometido num dado momento. A pesquisa efetiva dificilmente começa antes que a comunidade científica pense ter obtido respostas firmes para questões como as seguintes. Quais são as entidades fundamentais de que o universo é composto? Como elas interagem umas com as outras e com os sentidos? Que questões podem ser legitimamente feitas sobre tais entidades e que técnicas podem ser empregadas na busca das soluções?”

KUHN, Thomas S. *The Structure of Scientific Revolutions*. The University of Chicago Press. Chicago/London, 1996. Traduzido por Paulo Aukar. Santa Maria, 2016. Pág 13.

verdadeiros não é um fim, é um meio pelo qual se justifica essa imaginação. Eles não refletem o mundo tanto quanto o criam. Então, da visão adotada nesta análise, o aparato epistemológico cria uma realidade na qual indivíduos circulam. Este debate nos é relevante pois a hipótese de trabalho é de que o aparato epistemológico weberiano foi bem aceito nos EUA porque foi usado na manutenção de uma visão de natureza que já existia por lá — o conceito de natureza manipulável engloba o mundo cultural, social e psicológico. O primeiro capítulo deste trabalho tenta produzir respostas para os elementos que constituem esse terreno das concepções anteriores à chegada do pensamento weberiano.

Devemos levar em consideração que o desenvolvimento e a diferenciação dos modelos de pensamento ocorreram como respostas a questões colocadas aos indivíduos pela cultura acumulada e pelo devir. Novos objetos e novos problemas apresentam-se para os atores históricos pela expansão da experiência e da realidade inteligível. O conjunto de elementos que definia a validade do objeto enquanto passível de investigação ampliava-se devido à expansão da realidade empírica. Da mesma forma que a invenção do microscópio possibilita a produção de conhecimento de um mundo que sempre esteve disponível — pelo menos do ponto de vista concreto —, a disseminação de conceitos e aparatos teóricos amplia o que significa a realidade para os cientistas das humanidades. Weber foi uma expansão da realidade nos EUA. Sua obra criou as ‘respostas firmes’ que Kuhn afirma serem necessárias para a condução do trabalho científico.

2.1. Historização do conhecimento

A produção de conhecimento não é, sob a ótica aqui adotada, a formulação de axiomas verdadeiros, mas o encontro de condições históricas/culturais que colocam determinados objetos e enunciados como válidos e suficientes para a definição da realidade. Não significa apenas a definição e execução de um método, ou a formulação de uma matriz narrativa que formula parâmetros para a produção de uma afirmação válida, ou a formação de aparatos institucionais que formalizam a produção e disseminação do conhecimento; mas produção de conhecimento é sobre o desenvolvimento e a preservação de uma concepção de realidade. A epistemologia é um meio e um fim, ela formula o mundo que pretende defender.

Ciência como um sistema uno e indissoluto mostrava-se como a única forma de produção de conhecimento válido no século XIX. Essa visão de ciência emerge de uma

concepção, estabelecida pelas ciências da natureza¹³, de realidade *una*. A mecânica, intrínseca ao mundo natural, postou-se como elemento para a problematização epistemológica. O que poderia e deveria ser explicado era definido pela formulação nomotética e universalista dos fenômenos. O mecanicismo epistemológico tentava definir a realidade pela redução da realidade às suas menores partes e às forças que existiam entre elas¹⁴. O mecanicismo é parte formadora do determinismo: a reação de partes conhecidas levaria a reações previsíveis. A crença que a realidade é *una* parte do aparato epistemológico que esses indivíduos desenvolveram. A narrativa da empiria se dá do seguinte modo: o que se pode observar aqui, pode se observar em qualquer lugar, justamente porque as partes constituintes da realidade são as mesmas em todos os lugares — se foi observado que a água ferve a 100°C ao nível do mar, isso é verdade em qualquer lugar dadas as mesmas condições. Foi descrita uma lei. Temos, no exemplo dado, uma definição de natureza e uma definição de história compartilhada por esses indivíduos. É, também, uma fé na história e na experiência. A crença de que o que se observou no passado será igual ao que se observará no futuro. Logo, uma ciência *una* devido a um conceito de natureza *una*.

The science of mechanics does not comprise the foundations, no, nor even a part of the world, but only an aspect of it. [...] to say that mechanics, of itself alone, constitutes the entire science of the real. For in the present state of our knowledge, science is not one, it is multiple. Science, regarded as including all the sciences, is but an abstraction.¹⁵

A constatação da ciência como aparato que englobaria a totalidade da realidade não passa de um valor emitido a partir de um conceito de natureza. Para as populações teístas, a concepção de uma natureza que opera sob uma ordem *una* já estava dada. Não é surpresa que essa concepção tenha sido exportada para as humanidades. O questionamento se a realidade

¹³ Apenas para exemplificar a concepção adotada, mas que nem sempre se manifesta na escrita. A forma correta de produzir esta frase seria: os indivíduos que compartilhavam da visão de mundo em que a empiria era a melhor forma de descrever a natureza.

¹⁴ RHEINBERGER, Hans-Jörg. *On historicizing epistemology: an essay*. Translated by: David Fernbach. Stanford University Press. Stanford, 2010. Pág 5.

¹⁵ “A ciência das mecânicas não engloba as fundações, não, nem mesmo uma parte do mundo, mas apenas um aspecto dele [...] dizer que a mecânica, apenas por si só, constitui toda a ciência do real. Pelo presente estado de nosso conhecimento, ciência não é uma, são múltiplas. A ciência, considerada como incluindo todas as ciências, é apenas uma abstração.” — TL

BOUTROUX, Émile. *The Contingency of the Laws of Nature*. Trans. Fred Rothwell. Chicago: Open Court. [De la contingence de la nature. Paris: Germer Baillièrre, 1874.]. 1916 apud RHEINBERGER, Hans-Jörg. *On historicizing epistemology: an essay*. Translated by: David Fernbach. Stanford University Press. Stanford, 2010. Pág 11.

histórica obedecia às ordens de um relógio cósmico ou se existia agência humana sobre a história estava dado pelo conceito de realidade das ciências naturais.

2.2. *Falácias interpretativas*

Similar a todo historiador, não podemos afirmar uma objetividade analítica, mas podemos conjecturar sobre certas falácias interpretativas que poderiam causar falsas formulações acerca dos textos e autores aqui analisados.

We should attempt to be as aware as possible of this problem in order to elaborate more intellectually responsible and normatively controlled modes of inquiry and interaction. In research, this requires a certain combination of "objective" reconstruction and dialogic exchange in which we check our tendencies toward projection and narcissistic enclosure in order to understand the other as other and to enter into a non-invidious relation having both normative and cognitive dimensions.¹⁶

Uma parte do processo consiste em evitar que o outro seja tratado como o eu, ou seja, a elevação narcisista dos textos que ‘envelheceram bem’ e a ocultação de textos que carregam consigo as partes do passado que gostaríamos de esquecer. Uma pequena lista de orientações metodológicas, propostas por LaCapra, que têm por função evitar desvios interpretativos. Esse quadro parte do pressuposto que o historiador já está situado dentro de forças que lhes são alheias. Especialmente para o caso americano esse cuidado é necessário.

2.2.1. *Era de Ouro da Interpretação Textual*

Pretendemos evitar a concepção de uma ‘era de ouro’ da análise textual, ou seja, um momento pregresso em que os textos eram interpretados de forma pura, à luz de um conceito de intelectualismo que findou-se. Normalmente o argumento é que ele acabou devido à degeneração da sociedade ou da elevação da popularização de debates acadêmicos perante as massas. LaCapra aponta que esse modelo de análise do cenário intelectual indica muito mais sobre o posicionamento ideológico e político de quem analisa do que sobre o posicionamento

¹⁶ “Devemos tentar estar o mais conscientes possível desse problema a fim de elaborar modos de investigação e interação mais intelectualmente responsáveis e normativamente controlados. Na pesquisa, isso requer uma certa combinação de reconstrução "objetiva" e troca dialógica na qual verificamos nossas tendências para a projeção e o fechamento narcísico a fim de compreender o outro como outro e entrar em uma relação não ofensiva com dimensões normativas e cognitivas.” — TL

LACAPRA, Dominick. Intellectual History and Its Ways. *The American Historical Review*, Vol. 97, No. 2. 1992. Pág 429.

epistemológico em questão. O argumento sendo: supor esse momento em que não existiam posicionamentos subjetivos, e contaminados por afetos, perante debates acadêmicos, retira a historicidade e a vida existente nesses espaços de sociabilidade que são as universidades. É um tipo de fantasia que supõe uma realidade em que debates intelectuais ocorrem no vácuo, escondidos das sensibilidades humanas.

2.2.2. *O texto ou o intelectual independente*

"Independent" means selling yourself on a different market. [...] Precisely in its use of terms like "independent" it panders to the all-American ideology of self-reliance and rugged individualism ..."¹⁷. É a valorização de um texto ou de um intelectual pela imputação de não possuir nenhum motivo escuso ou qualquer empecilho na sua produção ou distribuição. Essa falácia se apresenta para nós de duas formas:

a) Como um profundo despreço pela academia. Um texto escrito fora do ambiente acadêmico apela para o individualismo existente, o mundo moderno coloca esse sistema de valores para o indivíduo. Academia não só é um ambiente colaborativo como também é um espaço de constrangimento das liberdades. É uma instituição que possui regras e valores, logo seu compromisso não é com a verdade, mas com seus próprios valores. A academia, dentro dessa mentalidade, não é o espaço ideal de produção de conhecimento, é um conhecimento filtrado pela hierarquia acadêmica e produzido pela colaboração.

Para explicar a aversão à colaboração é necessário retornar à literatura bíblica. No livro de gênesis as cinco primeiras narrativas são: a criação do universo e do homem; a queda do homem e a expulsão do Éden; Caim, Abel e a invenção da violência; o dilúvio e o povo escolhido; e finalmente, a Torre de Babel. Para o ponto atual focaremos na Torre de Babel, mas todas serão contempladas no decorrer do texto. A narrativa se dá, começando no capítulo 11: O dilúvio acaba, e depois de Deus os leva em segurança até a terra prometida; os descendentes de Noé resolveram construir uma torre que tocasse o céu. O senhor, ao ver aquela torre diz: “Eis que o povo é um, e todos têm uma mesma língua; e isto é o que começam a fazer; e agora, não haverá restrição para tudo o que eles intentarem fazer.”¹⁸ E então Deus, como punição, confunde a linguagem de todos para que não possam colaborar na

¹⁷ "Independente" significa vender-se em um mercado diferente. [...] Precisamente no uso de termos como "independente", ele cede à rude ideologia americana de autossuficiência e individualismo ...” — TL LACAPRA, Dominick. *Intellectual History and Its Ways. The American Historical Review*, Vol. 97, No. 2. 1992. Pág 434.

¹⁸ Gênesis 11:6

construção da torre. Essa é a explicação teológica para a existência do outro e da alteridade. Deus dividiu as pessoas através da linguagem para que elas não colaborassem. É compreensível que o individualismo seja supervalorizado¹⁹.

b) Como um desprezo pelo mercado, mas principalmente pelas massas. Um texto lido pelas massas é, por natureza, um texto que passou pelo aparato do mercado, ou seja, foi transformado em mercadoria (*commodity*)²⁰, perdeu sua aura. Dentro dessa mentalidade, o texto independente não apreciou certo sucesso editorial, seja por ser demasiado complexo ou demasiado subversivo para a sociedade. Essa falácia pode aparecer tanto na disseminação do texto quanto na formação de comunidades.

O esforço de popularização de um autor pode usar essas falácias de forma perversa ou ingênua. Intelectuais são capazes de formar comunidades também porque provocam reações afetivas motivadas pela cultura. A questão é que não levar em consideração os fatores humanos que precedem a apreciação textual é também ignorar uma parte da realidade.

2.2.3. A Simplificação e o Reduccionismo

Consiste na valorização de autores e textos que são acessíveis justamente por reduzir qualquer questão a uma matriz narrativa que encaixa qualquer parcela da realidade em categorias ideológicas. É a inversão do papel das categorias. Apresenta um sistema de explicação do mundo que é estável, contanto que se mantenha as categorias de análises dentro da mesma base ideológica. “*While not rejecting all modes of simplification, reduction, or readability, I do criticize misleading forms of oversimplification, ill-considered reduction, and facile readability that amount to ideological distortion.*”²¹ Nasce da suspeita de que a comunidade intelectual possui explicações demasiadamente complexas por não ser capaz de ou não ter disposição de falar a verdade. LaCapra postula que é um problema de ‘tradução’

¹⁹ DORON, Yael. The Tower of Babel: Massification, Individuality and Empathy in Large Societies and in Small groups. *Group Analysis*. Vol. 49(2). 2016

²⁰ “A cultura de massa, em contraste, é fortemente capitalizada e mercantilizada, e a cultura popular nas sociedades industriais foi amplamente absorvida pelo sistema de commodities.” — TL
“*Mass culture, by contrast, is heavily capitalized and commodified, and popular culture in industrial societies has been largely absorbed into the commodity system.*”
LACAPRA, Dominick. Intellectual History and Its Ways. *The American Historical Review*, Vol. 97, No. 2. 1992. Pág 438.

²¹ “Embora não rejeite todos os modos de simplificação, redução ou legibilidade, eu critico as formas enganosas de simplificação excessiva, redução mal pensada e legibilidade fácil que equivalem à distorção ideológica.” — TL
LACAPRA, Dominick. Intellectual History and Its Ways. *The American Historical Review*, Vol. 97, No. 2. 1992. Pág 428.

entre a linguagem técnica, logo complexa, utilizado pela comunidade acadêmica e uma audiência incapaz de acompanhar todas as esferas de especialização disponíveis.

And they bear on the problem of how one should indeed relate specialized and at times necessarily difficult forms of inquiry to more accessible, altogether necessary, and desirable modes, of public intercourse. Here, one must make the admittedly problematic effort to open the difficult to public scrutiny and accountability without resorting to ideologically tendentious and often implicitly elitist or disparaging modes of vulgarization.²²

É um problema demasiado sério, que não deveria ser resolvido com a vulgarização ou a comodificação dos temas complexos. Transformar temas complexos em truísmos não é aumentar a acessibilidade do debate.

2.2.4. *Textos Canônicos como textos a-históricos*

É necessário considerar a canonização dos textos sob duas perspectivas distintas e complementares:

a) Quais condições históricas levaram aquele texto ao cânone? O que estava em debate no momento em que se decidiu colocar aquele texto em um espaço intelectual deslocado de todo o resto da produção intelectual? Qual afeto aquele texto mobilizou? A consideração sendo, aqueles textos continuam sendo artefatos da produção humana, logo, deveriam ser vítimas do mesmo escrutínio.

b) Como esse texto é tratado pela comunidade que o canonizou? A leitura não canônica de textos canônicos pode ser um espaço frutífero para a reflexão sobre uma determinada comunidade.²³ Evitar a hipostatização — do texto, do contexto, do leitor —

²² “E eles se relacionam com o problema de como alguém deveria de fato relacionar formas especializadas e às vezes necessariamente difíceis de investigação a modos de comunicação pública mais acessíveis, totalmente necessários e desejáveis. Aqui, deve-se fazer o esforço reconhecidamente problemático de abrir o difícil ao escrutínio público e à responsabilização, sem recorrer a modos de vulgarização ideologicamente tendenciosos e muitas vezes implicitamente elitistas ou depreciativos.” — TL

LACAPRA, Dominick. *Intellectual History and Its Ways*. *The American Historical Review*, Vol. 97, No. 2. 1992. Pág 429.

²³ “[...] um importante *locus* para a autorreflexão teórica na historiografia e um ponto de entrada notável para formas mais críticas de leitura e interpretação (incluindo de forma proeminente leituras não canônicas de textos canônicos) muitas vezes provenientes da Europa Continental.” — TL

“[...] an important *locus* for theoretical self-reflection in historiography and a noteworthy point of entry for more critical forms of reading and interpretation (prominently including noncanonical readings of canonical texts) often coming from Continental Europe.”

LACAPRA, Dominick. *Intellectual History and Its Ways*. *The American Historical Review*, Vol. 97, No. 2. 1992. Pág 436.

ilustra as tensões entre as diversas forças que confluem na criação e difusão de um texto. O texto, nesse caso, é tratado não como um objeto humano, logo, histórico. Tratá-lo como um objeto inerte no tempo é epistemologicamente irresponsável.

Especificamente no caso americano teremos essas falácias aplicadas a Weber. Ele foi colocado como um estrangeiro que vinha de uma época mais esclarecida, mas um autor não reconhecido no seu tempo. Sua obra foi um elogio ao espírito americano e foi canonizado como um dos pais da sociologia americana.

3. Orientação da Pesquisa

Defendemos que dois elementos contribuem para a recepção da obra de Max Weber nos Estados Unidos.

I - A existência de uma ressonância da obra de Weber com uma narrativa histórico-cultural pré-existente. Hipótese: o excepcionalismo, a filosofia moral, o pragmatismo filosófico, buscaram no aparato weberiano um modelo explicativo para o ‘moderno’ que não atacasse o ‘tradicional’.

II - A emergência de determinadas carências de orientação cosmopolita. Hipótese: fuga do paroquialismo americano em direção a uma compreensão autorreflexiva e multifacetada de realidade sócio-historicamente inteligível e dominada pela modernidade.

E três condições necessárias para a formação de uma comunidade intelectual.

I - Uma rede de indivíduos com interesses similares.

II - Acessibilidade ao material textual necessário para difusão de um léxico.

III - Institucionalização dos temas nos debates públicos.

Desse modo, trataremos, em um primeiro momento, do exame de concepções de mundo hegemônicas nos Estados Unidos. As especificidades dadas à leitura dos trabalhos de Max Weber poderiam ser justificadas por parcelas da cultura histórica americana. Ademais, faremos algumas considerações sobre o desenvolvimento de um projeto de ciências humanas, finalizando o capítulo com um conceito de história para o americano.

No segundo capítulo, existe a narrativa da introdução de Weber nos EUA. O mapeamento dos pensadores que organizaram a difusão dos textos e o ensino de Weber. Em seguida, passaremos para uma análise cronológica das traduções e finalizaremos com um debate sobre Weber e a história.

CAPÍTULO I

Elementos constituintes de uma racionalidade americana

1. Considerações Iniciais

Este capítulo pretende delinear o quadro intelectual dos Estados Unidos, não apenas enquanto resultado de alguns indivíduos enclausurados em bibliotecas e recolhidos às alcovas, mas como produto de uma contingência histórica que transformou uma colônia de acossados em uma potência imperial em poucos séculos. Um grupo de indivíduos que enfrentaram: intempéries da natureza, povos originários, processos colonizadores distintos, uma revolução e uma guerra civil, enquanto formavam uma identidade nacional que, ao decorrer do tempo, poderia confundir-se com a identidade ocidental sem grandes dificuldades. Defendo aqui que a explicação do caso americano é também uma delimitação do que ‘bem-sucedido’ quer dizer no ocidente moderno.

Optei por narrar desenvolvimentos epistemológicos diretamente atrelados às narrativas que forjaram determinadas concepções. Ao utilizar o preceito de que o aparato epistemológico é formulado da relação entre a realidade concreta e o estoque cultural — a experiência, individual e coletiva; as narrativas de explicação da realidade; os valores, morais e práticos; e, a visão de tempo — podemos tratar como objeto não apenas as narrativas que foram bem-sucedidas, mas também a matriz narrativa que organiza a visão de mundo dos meus objetos.

Restringirei-me a descrever os elementos que considero relevantes para a formação da comunidade weberiana nos EUA. Sob hipótese alguma este capítulo tem o objetivo de narrar a totalidade da história americana ou a totalidade das ideologias disponíveis em um determinado momento ou outro. Tampouco houve um completo rigor cronológico. Selecionei não aquelas ideologias que se provaram como mais verdadeiras, mas as que tiveram mais impacto sobre a formação de uma mentalidade. Por exemplo, no ponto 2.2 deste capítulo encontram-se observações sobre a Tese da Fronteira (*Frontier Thesis*) de Frederick Jackson Turner, que é uma tese já amplamente criticada desde os anos 60 e foi retirada dos livros didáticos de história desde os anos 80. Entretanto, ela persiste como uma forma de mentalidade, justamente pois reforça uma mitologia que ajudou a construir a racionalidade americana.

2. A Terra Prometida

“After God had carried us safe to New England and we had builded our houses, provided necessaries for our livelihood, reared convenient places for God’s worship, and settle the civic government: one of the next things we longed for, and looked and after was to advance learning and perpetuate it to posterity.”²⁴

A terra prometida dos estadunidenses é metafórica e prática. Os peregrinos e os puritanos, que começaram a colonização em New England na primeira metade do século XVII, viam na terra o cumprimento das profecias bíblicas. A recorrência constante do americano à narrativa bíblica irá permear a totalidade da compreensão de mundo por eles desenvolvida. A narrativa da terra prometida sustentou-se sobre duas narrativas bíblicas:

a) Narrativa do Êxodo - A jornada no *Mayflower* era o correspondente moderno da fuga judaica do Egito em direção a Israel. Assim como os colonos, os judeus haviam fugido da perseguição religiosa no Egito em direção ao lugar que lhes era destinado. Similarmente, eles sustentaram a jornada até a terra prometida para ali, já salvos por Deus, terem de lidar com os ocupantes das terras que lhes eram de direito.

b) Narrativa de Gênesis - Neste caso o correspondente era a Arca de Noé. A mecânica narrativa é similar à anterior. Um período de grande provação seguido pela recompensa da terra prometida. Com a diferença que essa narrativa era a fundação de um mundo novo. Noé encontra uma terra completamente desolada. É um recomeço para a humanidade.

Não conseguiria afirmar qual das duas narrativas foi mais difundida, mas a narrativa do êxodo²⁵ vai acompanhar a mentalidade americana desde a marcha para o oeste até os atuais esforços de colonização de Marte. A narrativa é considerada legítima, pois assume uma dupla pré-configuração. Deus criou aquele povo para aquela terra com um motivo específico.

Simultaneamente, essa narrativa constrói uma válvula de escape que explica a realidade dos materialmente destituídos e dos socialmente excluídos: “[...] *the topos of the Promised Land at the same time was used as a form of cultural critique with the aim of*

²⁴ “Depois que Deus nos carregou em segurança para a Nova Inglaterra e construímos nossas casas, provemos o necessário para nosso sustento, criamos lugares convenientes para a adoração a Deus e estabelecemos o governo cívico: uma das próximas coisas que ansiamos e cuidamos foi para avançar o aprendizado e perpetuá-lo para a posteridade.” — TL

New England First Fruits, panfleto de 1643 — *apud* LUCAS, Christopher J. *American Higher Education: A History*. Palgrave Macmillan. New York, 2006. Pág 103.

²⁵ “Não é exagero dizer que o êxodo é um dos temas centrais da América.” — TL

“It is hardly an exaggeration to say that the exodus is one of America’s central themes.”

SOLLORS, Werner. *Beyond Ethnicity: Consent and Descent in American Culture*. Oxford UP. New York, 1986. Pág 43.

empowering groups who had found hell rather than their Promised Land in the United States.”²⁶ A massa de miseráveis — mas também todos aqueles que sofreram infortúnios — fora colocada na categoria de ‘não escolhidos’, mas se eles continuassem honestos e continuassem buscando, eventualmente, encontrariam a terra em que Deus lhe daria a graça. Se eles de fato fossem escolhidos, deveriam continuar procurando onde estava a terra que Deus havia predestinado a eles. É uma narrativa bastante eficiente, pois naturaliza o *status quo* em um ente suprassensível, ao mesmo passo que cria esperança para a massa de excluídos. Irei me adiantar dois tópicos, mas essa fronteira, que divide as terras ocupadas pelos ‘escolhidos’ da terra ainda não conquistada, precisa sempre ser movida, pois a massa de miseráveis é sempre maior.

2.1. O Povo Escolhido

Herrenvolk Democracy é um conceito utilizado pelos grupos que pensam sobre a extrema-direita americana. A ‘democracia do povo escolhido’ faz parte de uma linha historiográfica que considera a formação da democracia americana como a formação de um etno-estado. A definição de ‘população branca’ é exponencialmente mais restritiva do que aquela que experimentamos no Brasil. Normalmente se considera uma forma de segregação entre a população afrodescendente e a população eurodescendente. Entretanto, devemos considerar que até a segunda metade do século XX, a maior parte da população europeia não era considerada branca. Italianos, irlandeses, poloneses, portugueses etc, não são considerados brancos. Católicos e judeus ingleses não são considerados brancos. O conceito de W.A.S.P. define bem o que era considerado branquitude: White-Anglo-Saxon-Protestant. A relação entre a religiosidade e o conceito de branquitude é latente.

A narrativa que legitimava essa organização se chama: a Marca de Caim. Em Gênesis, após Caim inventar a violência, Deus o condena a vagar errante e sem terras. Para evitar que Caim fosse assassinado — com objetivo que sua punição não fosse interrompida —, Deus deu a ele uma marca que seria também transmitida também aos seus filhos. A marca de Caim era a indicação de uma população que estava expiando os pecados do fratricida²⁷.

²⁶ “[...] o topos da Terra Prometida ao mesmo tempo foi usado como uma forma de crítica cultural com o objetivo de empoderar grupos que haviam encontrado o inferno em vez de sua Terra Prometida nos Estados Unidos.” — TL
PAUL, Heike. *The Myths That Made America*. CPI - Clausen & Bosse. Leck, 2014. Pág 140.

²⁷ Recomendo: KILLIAN, Lewis. The Stigma of Race: Who Now Bears the Mark of Cain? *Symbolic Interaction*, 8(1), 1-14. 1985

A reflexão é que os EUA conseguem alterar os membros desse grupo ‘amaldiçoado’ com uma certa maleabilidade. A população afrodescendente continua sendo a mais estigmatizada dentro dessa visão de mundo, mas podemos considerar a inserção das populações latinas — Donald Trump parece ser um bom expoente dessa mentalidade — e, pós-9/11, a população islâmica. Alguns grupos de historiadores do movimento civil consideram que a linha da branquitude é reposicionada durante a segunda metade do século XX devido aos movimentos civis. Os grupos etnicamente europeus perderam a marca de Caim e foram inseridos ao conceito de ‘brancos’, assim reorganizando a sociedade e mantendo o *status quo*.

Essa narrativa é relevante, pois a forma utilizada para o controle dessas populações, não muito diferente do Brasil, foi o controle da propriedade. Em 1865, logo após o fim da guerra civil, a população negra liberta recebeu “quarenta acres e uma mula” (*forty acres and a mule*) do Estado, como parte do Lei da Propriedade Rural de 1861 (*Homestead Act of 1861*), que tinha como objetivo o povoamento de terras ociosas através de subsídio estatal. Entretanto, a criação da 13th emenda²⁸ (1865) afirma que a escravidão seria abolida, exceto em caso de punição para crime. O que impediu o acesso da população negra aos subsídios estatais que teriam promovido equidade racial. A democracia americana é fundada sobre uma dialética entre diferenciação e igualdade. “*America has believed that in differentiation, not in uniformity, lies the path of progress*”²⁹. Igualdade de oportunidades — o mito do homem que se constrói (*myth of the self made man*), apenas na competição individualista entre os escolhidos — e diferenciação sustentada por um Etno-Estado criado por um povo escolhido e para um povo escolhido. Igualdade democrática é apenas equivalência política entre os iguais³⁰.

²⁸ "Nem a escravidão nem a servidão involuntária, exceto como punição por um crime pelo qual a parte tenha sido devidamente condenada, deve existir nos Estados Unidos ou em qualquer lugar sujeito à sua jurisdição."— TL

"Neither slavery nor involuntary servitude, except as a punishment for crime whereof the party shall have been duly convicted, shall exist within the United States, or any place subject to their jurisdiction."

The Thirteenth Amendment to the United States Constitution

Disponível em: <https://guides.loc.gov/13th-amendment>

²⁹ BRANDEIS, Louis D. “True Americanism.” *Brandeis on Zionism: A Collection of Addresses and Statements*. Union: The Lawbook Exchange, 1999 apud PAUL, Heike. *The Myths That Made America*. CPI - Clausen & Bosse. Leck, 2014. Pág 274.

³⁰ “Aparentemente, (Andrew) Jackson (Presidência: 1829 — 1837) nunca foi tentado a estender a mão para tomar o poder em nome do povo. A democracia, como ele a entendia, significava igualdade política, não nivelamento.”— TL

“Jackson apparently never was tempted to put forth his hand to seize power in the name of the people. Democracy as he understood it meant political equality, not levelling.”

GARRETT, Garet. *The American Story*. Henry Regnery Company. Chicago, 1955. Pág 52.

2.2. *The Frontier Thesis*³¹

Frederick Jackson Turner (1861 - 1932) publicou em 1893 a ‘Tese da Fronteira’. Essa tese postula que os elementos que constituem os bons valores do colono americano seriam aqueles formados no embate homem contra natureza hostil, ou seja, a fronteira não era apenas o espaço a ser explorado pelos ganhos materiais, mas era nesse espaço que os valores americanos eram forjados. O individualismo, a democracia e a liberdade foram valores sustentados nesse eterno êxodo pelo qual o americano deve passar.

Em 1607, Jamestown-Virgínia é fundada pelos ingleses. O ambiente urbano de Londres não oferece vantagem ou expertise nenhuma para a sobrevivência no novo mundo. Dentro da mentalidade de Turner, a vida urbana europeia teria retirado o homem do seu elemento natural e o havia deixado letárgico e preguiçoso. A natureza violenta forçou esses homens a se adaptar, a encontrar soluções pragmáticas e a abandonar a forma de ser que traziam da Europa. O argumento de Turner é que os colonos que chegaram no Mayflower eram ingleses, entretanto, por ter de trabalhar e combater as intempéries da natureza indomada, deixaram de ser ingleses e se tornaram americanos.

The frontier promoted the formation of a composite nationality for the American people [...]. In the crucible of the frontier the immigrants were Americanized, liberated, and fused into a mixed race, English in neither nationality nor characteristics.³²

Turner acredita que a ferramenta de formação americana é o embate violento com a natureza e seu subsequente controle. O americano não é nem um grupo étnico, nem um conjunto de características, mas uma atitude — ou uma ética, caso queira deixar muito evidente minhas intenções. A fronteira deixa de ser um espaço físico para se tornar um

³¹ Mediante aprovação poderia alterar ou acrescentar esta noção que não soube responder. A relação entre *Lebensraum* e a *Frontier Thesis*.

“Examina as ideias expansionistas do historiador americano Frederick Jackson Turner (e sua ‘tese de fronteira’), o geógrafo alemão Friedrich Ratzel (e sua noção de *Lebensraum*) e o teórico geopolítico alemão Karl Haushofer (e suas teorias geopolíticas).” — TL

“It examines the expansionist ideas of the American historian Frederick Jackson Turner (and his ‘frontier thesis’), the German geographer Friedrich Ratzel (and his notion of *Lebensraum*), and the German geopolitical theorist Karl Haushofer (and his geopolitical theories).”

KAKEL, Carroll. *The Holocaust as Colonial Genocide: Hitler’s ‘Indian Wars’ in the ‘Wild East’*. Palgrave Macmillan. Basingstoke, 2013. Pág 8.

³² “A fronteira promoveu a formação de uma nacionalidade composta para o povo americano [...]. No cadinho da fronteira, os imigrantes foram americanizados, libertados e fundidos em uma raça mista, ingleses sem nacionalidade nem características.” — TL

TURNER, Frederick Jackson. *The Frontier In American History*. Harvard University, 1920. Pág 9.

espaço de redenção, de um novo começo e, principalmente, um ambiente de moralização. No século XIX, a marcha para o oeste (*Settlement to the West*³³) renova esse ideal com um sentido empreendedor e desbravador. O futuro estaria acontecendo naquele momento com o embate homem *versus* natureza, aliado ao processo de modernização trazido pelas locomotivas. Era possível para esses indivíduos abandonar o passado trágico das mazelas criadas pela Guerra Civil e criar um novo espaço para a liberdade, e assim regenerar a virtude perdida, produzindo, dessa forma, uma consciência histórica voltada para o futuro baseada no controle da natureza e na industrialização como método.

Na fronteira é onde existe a inovação e onde existe liberdade de fato, as *unclaimed lands* são o espaço que as armas usadas para sobrevivência são a violência, o individualismo e o pragmatismo. O estabelecimento de uma nova fronteira para o ‘espírito americano’ dominar se tornou uma necessidade simbólica para manutenção de uma identidade. O argumento segue: o indivíduo habita um determinado lugar, no momento em que a natureza é dominada e se constitui um espaço urbano, aquele espaço deixa de ser a fronteira e se torna a sociedade. Ao se tornar sociedade existe o retorno à condição de letargia europeia. Repete-se o ciclo até não existir mais natureza a ser dominada. Este ciclo de infinitas novas colonizações é, para Turner, o fator fundamental na criação da democracia americana. “*This new democracy that captured the country and destroyed the ideals of statesmanship came from no theorist's dreams of the German forest. It came, stark and strong and full of life, from the American forest.*”³⁴ Ao mesmo tempo, a fronteira causava uma redução de atritos entre as elites locais. Se existe sempre mais espaço a ser conquistado, é mais simples evitar a competição entre as elites, evitando, assim, conflitos entre as populações miseráveis e as elites. Cada nova empreitada em direção à natureza selvagem criou um tipo novo de homem americano, tipos distintos justamente pela grande diversidade geográfica do vasto território americano. Aqueles que enfrentaram o inverno ao norte ou o calor escaldante ao sul formaram culturas americanas distintas, mas ainda são americanos por compartilharem os valores e a ética.

³³ Datação complexa, mas atribui-se que inicia em 1607, com a fundação de Jamestown, na Virgínia e se encerra em 1912 com a anexação dos últimos territórios dos EUA ‘continental por assim dizer. Entretanto, a incorporação do Hawaii aos territórios americano em 1898 e a compra do Alaska — da Rússia por \$7 milhões em 1867 — fazem parte desse movimento. Ambos foram incorporados à federação apenas em 1959. Ainda existem os casos de Guam e Puerto Rico (*Treaty of Paris of 1898*), que ainda não foram incorporados à federação.

³⁴ “Essa nova democracia que conquistou o país e destruiu os ideais de estadista não surgiu dos sonhos de nenhum teórico sobre a floresta alemã. Ele veio, austero, forte e cheio de vida, da floresta americana.” — TL TURNER, Frederick Jackson. *The Frontier In American History*. Harvard University, 1920. Pág 293.

Imagine if you can, my dear friend, a society comprising all the nations of the world: English, French, German. [...] All people having different languages, beliefs, and opinions. In short, a society without roots, without memories, without prejudices, without routines, without common ideas, without national character. [...] What ties these very diverse elements together? What makes a people of all this? ³⁵

A teoria do *melting pot*, defendida no lema dos EUA — *E Pluribus Unum*³⁶ —, partia da crença que nenhuma sociedade do mundo alcançaria a pluralidade existente nos EUA. A mistura de culturas e distintas formas de produção resultaria no nascimento do novo homem moderno. Entretanto, o que ocorre não é o nascimento do homem novo, mas a transformação de todos os tipos de homem em um só. O que foi definido como moderno e legítimo. O que a *frontier thesis* prega é a incorporação da diversidade na forja do americano no embate com a natureza.

2.3. Urbano versus rural

A '*frontier thesis*' gera uma separação entre o urbano e o rural que ainda pode ser observada hoje. É um aparato de definição de mundo que gera uma distinção sobre as formações de identidades nacionais. Se o '*melting pot*' formou uma democracia baseada na pluralidade, a *frontier thesis* instaurou um sistema de valores sobre essa pluralidade. A partir do momento em que a natureza é dominada e a cidade é construída não há mais uma forma de sustentar valores americanos. Os 'americanos verdadeiros' abandonaram o estado de conforto urbano e se aventurariam em direção ao desconhecido, assim os '*city dwellers*' foram considerados cada vez mais europeizados. Os moradores da cidade se voltaram para a indústria e para a educação formal, enquanto os verdadeiros americanos continuaram na missão puritana que lhes foi dada.

Essa divisão pode ser observada na organização política e social dos EUA. O conflito político nunca foi democratas *versus* republicanos, mas urbano *versus* rural. Dentro da formação de mentalidades podemos observar essa dinâmica formulada na imagética

³⁵ "Imagine se puder, meu caro amigo, uma sociedade que reúna todas as nações do mundo: inglês, francês, alemão. [...] Todas as pessoas com línguas, crenças e opiniões diferentes. Em suma, uma sociedade sem raízes, sem memórias, sem preconceitos, sem rotinas, sem ideias comuns, sem caráter nacional. [...] O que une esses elementos tão diversos? O que torna tudo isso um povo?" — TL
Alexis De Tocqueville para Ernest De Chabrol, 9 de junho de 1831 — *apud* PAUL, Heike. *The Myths That Made America*. CPI - Clausen & Bosse. Leck, 2014. Pág 257

³⁶ "Out of many, one", "de muitos, um" — interpretado de dois pontos de vista. De uma pluralidade, uma unidade. De diversos, o escolhido.

promovida pelo cinema, enquanto o campo é um lugar bucólico e idílico de pessoas honestas, a cidade é o lugar do pecado em que se originam todos os males que afetam a sociedade moderna. Isso surge da noção de que o ambiente urbano afasta o homem da natureza e, logo, de Deus. Existe uma tendência cinematográfica desde os Westerns em se construir heróis a partir de indivíduos do campo e vilões de ambientes urbanos. O herói é um indivíduo que vaga pela terra violenta da fronteira até encontrar uma cidade que está sendo explorada por um chefe de gangue que controla uma cidade. A mensagem implícita é que a vida na cidade corrompe aqueles homens³⁷. Essa questão é relevante, pois ajuda a compreender a mentalidade que organiza o mundo do americano³⁸.

3. Excepcionalismo

Excepcionalismo é um tipo de ideologia que pode ser encontrada em todas as esferas da experiência americana. É a noção que os EUA foram formados em condições únicas — o que é verdade para todos os países. Assim, qualquer aparato de investigação fundamentado no conhecimento nomotético não se aplicaria à experiência americana, não pelos motivos que os historiadores abandonaram o objetivo de descrever leis históricas, mas a partir da ideia de que o ‘povo americano’, escolhido por Deus e renascido na fronteira, reage aos estímulos da realidade de forma única e predeterminada. Alexis de Tocqueville (1806 — 1859) é citado erroneamente como um proponente do excepcionalismo americano. Ele se referia à condição política excepcional que havia observado em sua viagem pelos EUA (1835 — 1840). O período conturbado francês pode ter influenciado sua análise, mas isso não vem ao caso. O relevante é que Tocqueville identificou uma tendência expansiva daquela organização social observada nos EUA para outras localidades. Excepcionalismo não é apenas uma narrativa de superioridade, é um projeto de *Pax Americana* e uma visão de futuro.

³⁷ A resposta para essa lógica foi a formação dos subúrbios, é a confluência ideal entre vida urbana e vida rural. O subúrbio é o simulacro de uma vida rural dentro do espaço urbano. Os limites do subúrbio são também os limites da civilização e da barbárie. O senso de segurança é criado pela uniformidade de estilos de vida — marca comum de ambiente rurais ou cidades pequenas —, pela vida comunal — em oposição ao individualismo despersonalizante do urbano —, pelos baixos níveis de criminalidade e pela uniformidade étnica.

³⁸ Poderia-se acrescentar a essa linha de pensamento que o afastamento da fronteira afasta o homem da natureza justamente porque o afasta da violência justificada. Normalmente debates sobre a 2ª emenda passam por essa lógica, o direito ao armamento é um direito para praticar violência legítima. Seja contra o estado tirânico, seja contra aqueles que ameaçam a propriedade privada e o direito à busca pela felicidade.

3.1. *Moderno sem Antigo — excepcionalismo histórico*

Façamos o esforço de observar os motivos que levaram à plausibilidade dessa narrativa. Ela se dá: ao passo que na Europa era necessário destruir o Antigo Regime, assassinar o rei, dar fim à nobreza, fugir das amarras restritivas do dogmatismo religioso, restringir o papel perseguidor da Igreja Católica e matar o homem antigo com o objetivo que o homem novo nasça, nas Treze Colônias tais necessidades não existiam. A América possibilita a criação de um novo mundo. Sem o entrave de ter de destruir o antigo. As ‘ilhas virgens’ mostravam-se como espaço fecundo para a criação de uma nação baseada na liberdade religiosa, política e econômica. O mundo novo não se submeteria a nenhuma forma de opressão característica da Europa. Sem vassalos ou tiranos.³⁹

A Declaração de Independência dos Estados Unidos da América (*The unanimous Declaration of the thirteen united States of America*) de 1776 é redigida treze anos antes da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (*Déclaration des droits de l'homme et du citoyen*) de 1789 da Revolução Francesa. Para os defensores do excepcionalismo, essa era a prova cabal de que os Estados Unidos estavam — de forma orgânica — à frente da Europa na formação do mundo moderno. Uma ex-colônia que se fixava à frente de uma Europa milenar, mas atrasada em relação ao que os puritanos estavam criando na ‘terra prometida’. Essa narrativa ainda foi reforçada pela crença de que a revolução ocorrida nos Estados Unidos havia sido bem-sucedida, enquanto a Revolução Francesa havia fracassado. Para esses indivíduos, a profecia do Protestantismo realizava-se na América pela mão dos colonos, ao passo que o velho continente debatia-se em tentativas frustradas de ‘modernizar-se’.⁴⁰

Podemos observar que a historiografia da Guerra Civil Americana (1861 — 1865) demonstra essa mentalidade em sua construção narrativa. Uma guerra travada “*brother against brother*” — dito comum durante a guerra civil e adotado pela historiografia como definição — pela defesa de sua soberania e de seus valores. Uma guerra interna que tinha

³⁹ “Esperava-se poder colher — como na Inglaterra — os frutos de uma Revolução sem ter que se expor ao terror de uma guerra civil. Se fosse necessário derramar sangue, então o exemplo do movimento da independência norte-americana parecia garantir uma saída feliz.”

KOSSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Contraponto. Rio de Janeiro, 2006. Pág 68.

⁴⁰ “... o sucesso da Revolução Americana permitiu que os americanos buscassem a segurança moral na proteção divina e os sujeitou às ansiedades do tempo milenar.”— TL

“...the success of the American Revolution allowed Americans to seek moral assurance in divine protection and subjected them to the anxieties of millennial time.”

ROSS, Dorothy. *The Origins of American Social Science*. Cambridge University Press. Cambridge, 1991. Pág 24.

como motivação política duas vias: a destruição da institucionalizada estrutura escravocrata, adotada pelo Norte, e a defesa do direito de se autogovernar sem influências externas, adotada pelo Sul. Mesmo com as diferenças de posicionamento perante a guerra, ambos batalham pela defesa de valores e ideias assegurados pela Constituição e por esse ideal de um novo mundo⁴¹. A Guerra Civil era colocada como uma guerra por valores humanistas⁴². Na mentalidade americana, aquela guerra era mais racional que as guerras do antigo mundo. Não se está matando pelo papa ou por um rei, se matava por um ideal.

3.2. *A city upon a hill — excepcionalismo religioso*

Durante o sermão da montanha, Jesus enumera uma série de qualidades que constituem os bem-aventurados, e afirma: “Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte”⁴³. O sermão da montanha postula a posição, a missão, e os ideais que deveriam guiar o povo escolhido, pois eles irão herdar o reino dos céus. O puritano John Winthrop realiza o sermão, ainda no navio que chegava em Massachusetts, intitulado ‘Um Modelo de Caridade Cristã’ (1630):

⁴¹ “Alguns historiadores enfatizam que os soldados da Guerra Civil foram movidos pela ideologia política, mantendo convicções firmes sobre a importância da liberdade, da União ou dos direitos do Estado, ou sobre a necessidade de proteger ou destruir a escravidão.” — TL

“Some historians emphasize that Civil War soldiers were driven by political ideology, holding firm beliefs about the importance of liberty, Union, or state rights, or about the need to protect or to destroy slavery.”

PERMAN, Michael; TAYLOR, Amy M. *Major Problems in the Civil War and Reconstruction: Documents and Essays* (3 ed.). Boston, Massachusetts: Wadsworth, Cengage Learning, 2010.

⁴² “Articulado por trabalhadores radicais e agricultores auto suficientes, às vezes unidos à linguagem de “direitos iguais”, foi arrastado para a defesa da sociedade de trabalho livre durante a Guerra Civil [...]” — TL

“Articulated by radical workers and self-sufficient farmers, sometimes joined to the language of “equal rights,” it was drawn into the Civil War defense of free-labor society [...]”

ROSS, Dorothy. *The Origins of American Social Science*. Cambridge University Press. Cambridge, 1991. Pág 34.

⁴³ “Vós sois o sal da terra; e se o sal for insípido, com que se há de salgar? Para nada mais presta senão para se lançar fora, e ser pisado pelos homens. / Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte;”

Mateus 5:13-14

For we must consider that we shall be as a city upon a hill. The eyes of all people are upon us, so that if we shall deal falsely with our God in this work we have undertaken, and so cause Him to withdraw His present help from us, we shall be made a story and by-word through the world.⁴⁴

‘Cidade sobre o monte’ é a narrativa que fundamenta a missão puritana. O fracasso dessa missão seria também o fracasso da cristandade. O excepcionalismo, do ponto de vista religioso, é a predestinação divina guiando o povo escolhido para a formação do mundo novo, renascido e redimido dos pecados antigos. O desenvolvimento de uma sociedade virtuosa era fundamental para essa missão. Os EUA deveriam ser o exemplo seguido pelo mundo porque a providência estava do lado deles. O imperativo de sucesso é uma relação direta com a missão divina. A providência tomaria conta da realidade — *creatio continua* — enquanto a graça se tornaria um indicador divino que o que está sendo praticado é o correto.

Americans understood the success of the Revolution and the establishment of republican government in the Constitution as events in Christian and republican time. Protestant Americans already had available a Christian paradigm to which the establishment of the new nation could be assimilated. Reformation prophecy allowed them to believe that the millennium was a progressive historical period on which the Reformed world was about to enter, and the Puritan errand to New England moved the scene of that hope to the New World.⁴⁵

3.3. Destino Manifesto — excepcionalismo institucional

O Destino Manifesto — termo cunhado em 1845, por John O'Sullivan — é a secularização da missão puritana para o plano institucional. Seja no Estado, no exército, na igreja, na universidade. As instituições que florescem de uma sociedade virtuosa, devem também espalhar essa virtude. “[...] *for the avowed object of thwarting our policy and*

⁴⁴ “Pois devemos considerar que seremos como uma cidade sobre uma colina. Os olhos de todas as pessoas estão sobre nós, de modo que se agirmos falsamente com nosso Deus nesta obra que empreendemos, e assim fizermos com que Ele retire Sua ajuda presente de nós, seremos feitos uma história e por palavra por meio do mundo.” — TL

WINTHROP, John. *A Model of Christian Charity*. 1630

Disponível em: https://www.winthropsociety.com/doc_charity.php

⁴⁵ “Os americanos entenderam o sucesso da Revolução e o estabelecimento do governo republicano na Constituição como eventos no tempo cristão e republicano. Os protestantes americanos já tinham à disposição um paradigma cristão ao qual o estabelecimento da nova nação poderia ser assimilado. A profecia da Reforma permitiu-lhes acreditar que o milênio era um período histórico progressivo no qual o mundo reformado estava prestes a entrar, e a missão puritana para a Nova Inglaterra mudou o cenário dessa esperança para o Novo Mundo.” — TL

ROSS, Dorothy. *The Origins of American Social Science*. Cambridge University Press. Cambridge, 1991. Pág 22.

hampering our power, limiting our greatness and checking the fulfillment of our manifest destiny to overspread the continent allotted by Providence for the free development of our yearly multiplying millions.”⁴⁶

O primeiro uso do destino manifesto foi a justificação do genocídio indígena. Enquanto a independência americana foi um sucesso para os colonos, significou uma tragédia para os indígenas. A Proclamação Real de 1763 (*Royal Proclamation of 1763*) criava uma linha que definia os espaços que poderiam ser ocupados pelos colonos. Com a independência essa linha deixou de existir e os colonos poderiam mover-se para o território indígena. O uso da violência para controle da natureza — leia-se, a população indígena — foi enaltecido na formação do exército. Nas palavras de Elihu Root: “[...] *the American soldier is different from all other soldiers of all other countries since the world began. He is the advance guard of liberty and justice, of law and order and of peace and happiness.*”⁴⁷

Após a independência, o estado do Texas começa a distribuir concessões de terra (*headrights*), que seriam comprovações de propriedade de terra. Tudo que se precisava fazer era inspecionar a terra e produzir um *survey*, ou seja, terras sem custo para todos aqueles que inspecionaram a terra. A nação dos Comanche, que habitava o espaço hoje considerado o Texas, conduziu ataques organizados contra indivíduos que tentavam mapear a terra. Eles já compreendiam as formas de roubo da terra devido às notícias que chegavam dos indígenas relocados. Os Comanche deixaram cenas cada vez mais violentas para serem encontradas pelo homem branco. O grande problema era como manter esses cartógrafos desbravadores (*surveyors*) vivos.

⁴⁶ “[...] pelo objetivo declarado de frustrar nossa política e entravar nosso poder, limitando nossa grandeza e impedindo o cumprimento de nosso destino manifesto de ultrapassar o continente atribuído pela Providência para o livre desenvolvimento de nossos milhões anuais que se multiplicam.” — TL
HIETALA, Thomas R. *Manifest design: American exceptionalism and Empire*. Cornell University Press. Ithaca, 2003. Pág 255.

⁴⁷ “[...] o soldado americano é diferente de todos os outros soldados de todos os outros países desde o início do mundo. Ele é a vanguarda da liberdade e da justiça, da lei e da ordem, da paz e da felicidade.” — TL
Elihu Root (1899), secretário da guerra, em palestra Howard Zinn at MIT 2005 - The Myth of American Exceptionalism.

Os Texas Rangers⁴⁸ foram criados com esse objetivo. Formado pelos membros mais violentos do exército americano, os renegados eram um grupo de indivíduos considerados excessivamente cruéis para obedecer a hierarquia militar. A invenção de Samuel Colt, a pistola e o rifle de repetição, foi providencial na guerra contra os Comanche, criando um preceito do pensamento americano⁴⁹. A associação entre a violência militar e a inovação industrial torna-se o meio para construção do novo mundo. O Estado forte associado à tecnologia é a grande chave para o futuro dos EUA.

Os motivos que levam o americano a exercer o destino manifesto: a) a crença que o povo americano e suas instituições são virtuosos; b) é a missão moral dos americanos em difundir suas instituições; c) é uma missão divina dada por Deus aos americanos. Quando se transpõe essa mentalidade para o século XXI podemos ver a preservação da democracia mundo afora como a secularização dessa ideologia. Este imperativo moral pode ser visto na forma com que democratas e republicanos se dividem em todos os temas, menos naqueles ligados à defesa. É um tema politicamente equalizador justamente porque constitui uma ideologia nacional formadora do americano. Uma vez que se tem autorização divina para ação, a moralidade humana perde seu ponto de apoio, então, o destino manifesto foi o argumento utilizado diversas vezes para justificar a violação de soberanias nacionais, direitos humanos e limites do aceitável.

Entretanto, o imperialismo me parece um subproduto dessa mentalidade. O produto principal é a conjectura de que o Estado é responsável por desobstruir os caminhos que levam ao progresso, por meio da violência e de indivíduos violentos. Enquanto o Estado for capaz de gerar estabilidade interna e de afastar os males externos, estará cumprindo sua função. Logo, o Estado é a lança para o alcance da missão puritana. Parece um bom indicador para observar as questões relacionadas ao *welfare state* dos EUA: o Estado americano não foi

⁴⁸ “[...] como os biógrafos do imortal Ranger Leander McNelly escreveram recentemente, seu tema poderia ser” terrivelmente brutal e cruel “e, em ocasiões, ele até encorajou seus homens a” atirar primeiro e fazer perguntas depois”, mas ele foi” ainda assim eficaz no hora e local em que ... [ele] trabalhou. ” — TL
“[...] as the biographers of Ranger immortal Leander McNelly recently wrote, their subject could be “terribly brutal and cruel, ” and on occasions he even encouraged his men to “shoot first and ask questions later, ” yet he was “nevertheless effective in the time and place in which ... [he] worked.”
COLLINS, Michael L. Collins. *Texas Devils: Rangers and Regulars on the Lower Rio Grande, 1846-1861*. University of Oklahoma Press. Norman, 2010

⁴⁹ “Depois que o exército de Taylor tomou Monterey, ele relatou” algumas atrocidades vergonhosas “dos Texas Rangers e os mandou para casa quando seu alistamento expirou. Mas outros continuaram roubando e matando mexicanos”. — TL
“After Taylor’s army took Monterey he reported “some shameful atrocities” by the Texas Rangers, and he sent them home when their enlistment expired. But others continued robbing and killing Mexicans.”
ZINN, Howard. *A People’s History of the United States, 1492-Present*. Routledge. New York, 2003. Pág 165.

constituído para cuidar da sociedade, ele cumpre seu papel com o indivíduo — garantir liberdade, a propriedade e a segurança física.

3.4. *Capitalismo — excepcionalismo econômico*

O excepcionalismo econômico tomou o modelo narrativo da mobilidade social, dos trapos à riqueza (*‘from rags to riches’*) —, que seria o alto grau de mobilidade ocasionado pela formação de uma sociedade americana justa. Também associada ao mito do *self-made man*, essa narrativa tenta colocar o caso de sucesso econômico americano em oposição à sociedade europeia que dispunha de uma imobilidade social. Era uma forma de comprovação de que os valores que constituíam aquela sociedade estavam funcionando, a narrativa se dá: se a sociedade americana é verdadeiramente livre, liberdade em decidir qual parte do estrato social se ocupa é uma realidade, pois todos são iguais.

From the beginning, American nationalists attached to their history the values of individual liberty, political equality, social harmony, and to some variable degree, social equality as well. The millennial underpinnings of American exceptionalism made it possible to see those values as both present and potential, both the reality of American society and the ideal toward which reality moved.⁵⁰

A questão relevante é a de que o capitalismo é uma métrica do quão americano o indivíduo é. A miséria advém não de um sistema injusto de organização da economia, mas de uma falha individual em conquistar o que está disponível. Aqueles que precisam ser ajudados pelo Estado são fruto de uma formação incompleta do que significa ser americano. É um tipo de individualismo que se sustenta sobre a noção de agência. Agência sobre o próprio futuro, sobre o tempo. Isso ajuda a compreender como o liberalismo econômico foi construído através de mentalidade similar. A ‘mão invisível do mercado’ nada mais é do que a confiança de que as elites econômicas são aqueles indivíduos por eles terem sido mais americanos, logo, mais capazes de conduzir a missão puritana. Então, se o Estado é a lança, o Mercado é o martelo que vai construir um mundo novo.

⁵⁰ “Desde o início, os nacionalistas americanos atribuíram à sua história os valores da liberdade individual, igualdade política, harmonia social e, em algum grau variável, igualdade social também. Os fundamentos milenares do excepcionalismo americano tornaram possível ver esses valores como presentes e potenciais, tanto a realidade da sociedade americana quanto o ideal para o qual a realidade se moveu.” — TL
ROSS, Dorothy. *The Origins of American Social Science*. Cambridge University Press. Cambridge, 1991. Pág 476.

4. Filosofia Moral

As universidades americanas eram comumente associadas a corporações religiosas. Esse padrão, não tão diferente do caso europeu, transpunha um modelo de disciplina monástica para um espaço de difusão e produção de conhecimento secular. Era preponderante a formação de intelectuais que possuíam domínio das ciências aplicadas — direito, educação, política, jornalismo, economia, medicina etc. —, e também que incorporavam os valores das ‘*respectable classes*’, ou seja, formação religiosa associada ao espírito capitalista — comércio e indústria. Essas ‘classes de respeitáveis’, dentro de uma sociedade em processo de secularização exponencial, vislumbravam no modelo educacional uma forma de preservar certa tradição moral e cultural, incentivando os indivíduos virtuosos a se tornarem líderes de uma nação que levaria a sociedade em direção a um futuro moderno.

The intellectual framework in which social science was taught in the colleges was moral philosophy, that mediate realm between theology and natural philosophy within which the eighteenth-century Scottish sciences of man and society had developed. Understood as a science of the principles and obligation of duty, moral philosophy studied human affairs as the realm within which individuals sought moral improvement. Politics, civil polity, and political economy were included as adjuncts to or chapters within the course in moral philosophy, which was taught in the senior year as the capstone of higher education, usually by the clerical president of the college.⁵¹

A formação das universidades cumpre três tipos de funções: a) a conciliação entre o moderno e o tradicional; b) a defesa do excepcionalismo como marca de uma ideologia nacional; c) a manutenção do processo de modernização econômica em sentido positivo. Em outras palavras, era a função da academia conservar e definir os elementos fundadores do sucesso americano. Ou seja, “*the Art of pursuing our highest Happiness by the practice of virtue*”⁵².

⁵¹ “A estrutura intelectual em que as ciências sociais eram ensinadas nas faculdades era a filosofia moral, o domínio intermediário entre a teologia e a filosofia natural dentro do qual as ciências escocesas do homem e da sociedade do século XVIII se desenvolveram. Entendida como uma ciência dos princípios e obrigações do dever, a filosofia moral estudou os assuntos humanos como o reino no qual os indivíduos buscavam o aperfeiçoamento moral. Política, governo civil e economia política foram incluídos como adjuntos ou capítulos do curso de filosofia moral, que era ministrado no último ano como a pedra angular do ensino superior, geralmente pelo presidente clerical da faculdade.” — TL

ROSS, Dorothy. *The Origins of American Social Science*. Cambridge University Press. Cambridge, 1991. Pág 36.

⁵² “A arte de buscar nossa maior felicidade pela prática da virtude” — TL
SCHNEIDER, Herbert and Carol. *Samuel Johnson, President of King's College: His Career and Writings*, Columbia University Press, 4 vols., 1929, Volume II. Pág 392.

A preservação dos valores, como objetivo das ciências humanas, mostra-se especialmente contundente no desenvolvimento da Filosofia Moral⁵³. Devemos considerar que essa dualidade — progresso laico e moral religiosa — se apresenta em diversos setores da vida cívica americana. A Declaração de Independência Americana (1776), documento canônico da formação do mundo moderno, mostra a relação entre o direito, dado pelo Criador aos homens, e seu dever em defendê-lo⁵⁴. Logo, uma organização secular motivada por elementos pré-modernos. Nos EUA a disciplina da Filosofia Moral foi desenvolvida com o objetivo de “*forge a new intellectual culture for the United states*”⁵⁵, na qual se buscava edificar um intelectual apto a conciliar uma crítica secular a uma fé cristã e, simultaneamente, que cumprisse seus ‘deveres’ perante a sociedade. Deveres que estariam intrinsecamente ligados a uma defesa do nacionalismo e de sua narrativa do excepcionalismo.

As críticas feitas por membros da comunidade acadêmica europeia deveriam ser combatidas em defesa do princípio do excepcionalismo americano. As universidades tornaram-se espaços para o debate entre aqueles que se alinhavam ao pensamento europeu — secularizado, urbano, cosmopolita, abstracionista — e aqueles que defendiam os valores americanos — tradicional, rural, provinciano, pragmatista.

5. Pragmatismo Filosófico

Uma filosofia que se poderia dizer genuinamente americana foi desenvolvida na segunda metade do século XIX. Charles Sanders Peirce (1839 — 1914), William James

⁵³ “Também apoiou a crença na harmonia entre ciência e religião, mantendo o avanço da ciência dentro do alcance cristão.” — TL

“*It also supported belief in the harmony between science and religion, keeping the advance of science within the Christian purview.*”

ROSS, Dorothy. *The Origins of American Social Science*. Cambridge University Press. Cambridge, 1991. Pág 37.

⁵⁴ “Consideramos essas verdades como auto-evidentes, que todos os homens são criados iguais, que são dotados por seu Criador com certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a Vida, a Liberdade e a busca da Felicidade. - Que para garantir esses direitos, os governos são instituídos entre os homens, derivando seus justos poderes do consentimento dos governados.” — TL

“*We hold these truths to be self-evident, that all men are created equal, that they are endowed by their Creator with certain unalienable Rights, that among these are Life, Liberty and the pursuit of Happiness. — That to secure these rights, Governments are instituted among Men, deriving their just powers from the consent of the governed.*”

The Unanimous Declaration of the thirteen united States of America. 1776

Disponível em: <https://www.archives.gov/founding-docs/declaration-transcript>

⁵⁵ “forjar uma nova cultura intelectual para os Estados Unidos” — TL

HOEVELER, J. David. *Creating the American Mind: Intellect and Politics in the Colonial Colleges*. Rowman & Littlefield, 2007. Pág XII.

(1842 — 1910) e John Dewey (1859 — 1952) foram os grandes proponentes desse modelo epistemológico. Apesar do escárnio e dos termos derogatórios usados pelos defensores das luzes europeias ao definir tal escola de pensamento, esta mostra-se epistemologicamente estável quando submetida a uma análise direta. Não pretendemos produzir aqui uma apologia ou uma defesa do pragmatismo, apenas uma apreciação de suas proposições como elemento constituinte do quadro intelectual dos Estados Unidos. E, dando um passo adiante, argumentando que tal escola filosófica não existe apenas no intramuros da academia, mas como um tipo de elemento crucial na construção do que significa ser americano⁵⁶.

O pragmatismo sofreu duras críticas vindas da Europa. O pensamento do velho continente reduziu esse modelo epistemológico em um tipo de anti-intelectualismo ou um instrumentalismo antiteórico. Os motivos desse descontentamento ficarão claros nos parágrafos seguintes: de um lado, o pragmatismo trabalhou com um conceito de verdade que desagradava os preceitos universalistas tão caros à filosofia continental; de outro lado, os pragmatistas eram bastante críticos do que a Europa tentava impor como conhecimento. Ou como colocado por William James:

The tough think of the tender as sentimentalists and soft-heads. The tender feel the tough to be unrefined, callous, or brutal. Their mutual reaction is very much like that that takes place when Bostonian tourists mingle with a population like that of Cripple Creek. Each type believes the other to be inferior to itself; but disdain in the one case is mingled with amusement, in the other it has a dash of fear.⁵⁷

Na citação em questão *'the tough'* são os: pragmatistas (motivados por 'fatos'), sensorialista, materialista, pessimista, irreligioso, fatalista, pluralista, cético; *'the tender'*:

⁵⁶ “[não há] razão para duvidar de que o” pragmatismo “foi um tema central na vida americana, fluindo naturalmente da experiência americana e se tornando, no século XX, 'quase a filosofia oficial da América. (...) Ser pragmático era tão essencial para ser americano, observou o panfleto de Amherst sobre "Pragmatismo e cultura americana" no mesmo ano, que debater os méritos do pragmatismo era colocar "a própria civilização americana ... em julgamento.” — TL

“[there is] no reason to doubt that "pragmatism" was a central theme in American life, flowing naturally out of American experience and becoming, in the twentieth century, 'almost the official philosophy of America. (...) Being pragmatic was so essential to being American, observed the Amherst pamphlet on "Pragmatism and American Culture" in the same year, that to debate the merits of pragmatism was to place "American civilization itself. ... on trial.”

HOLLINGER, David A. The Problem of Pragmatism in American. *History: The Journal of American History*, Vol. 67, No. 1 (Jun., 1980). Pág 88.

⁵⁷ “Os durões pensam nos sensíveis como sentimentalistas e cabeças-moles. O sensível pensa o duro como um ser não refinado, insensível ou brutal. A reação mútua deles é muito parecida com a que ocorre quando os turistas de Boston se misturam com uma população como a de Cripple Creek. Cada tipo acredita que o outro é inferior a si mesmo; mas o desdém, em um caso, é mesclado com diversão, no outro, tem uma pitada de medo.” — TL

JAMES, William. *Pragmatism: A New Name for Some Old Ways of Thinking*. Harvard University, April, 1907. S/P.

racionalista (motivados por ‘princípios’), intelectualista, idealista, otimista, religioso, monista, dogmático. Aqui podemos notar a referência ao Bostoniano, remetendo ao embate urbano *versus* rural debatido no ponto 2.3.

5.1. O problema epistemológico

Essa relação, digamos, pouco cordial, se dá pelo problema epistemológico que segue: o pragmatismo filosófico desenvolve suas considerações epistemológicas sobre duas concepções básicas de mundo:

a) Não há nada para além do mundo prático: Esse modelo de racionalidade parte do pressuposto de que o sujeito tem acesso ao objeto apenas pelos ‘efeitos práticos’ produzidos por ele — físicos (peso, medida, distância) ou da ordem das sensações⁵⁸ (cor, formato, rigidez) — em relação às concepções adquiridas pela experiência concreta. O significado de um objeto recai sobre a ação — o que quer dizer ‘vinho’? Ver ou beber vinho. Partindo da ação, o sujeito produz concepções dos efeitos e esses englobam a totalidade do objeto. Nesse sentido, aponta Peirce: “*Consider what effects that might conceivably have practical bearings you conceive the objects of your conception to have. Then, your conception of those effects is the whole of your conception of the object.*”⁵⁹

A consideração de que não há nada além, no objeto, do que a capacidade de afetar o sujeito mostra-se como um grande pilar desse modelo de produção de conhecimento. Sendo o sujeito apenas receptor dos ‘efeitos’ que emanam do objeto, não há abstração capaz de afetar o ‘mundo prático’. Isso denota uma concepção de realidade que existe anterior à experiência humana da realidade.

⁵⁸ “A sensação é um processo fisiológico, a percepção deve ser aprendida.” — TL

“*Sensation is a physiological process, perception must be learned.*”

RHEINBERGER, Hans-Jörg. *On historicizing epistemology: an essay*. Translated by: David Fernbach. Stanford University Press. Stanford, 2010. Pág 9.

⁵⁹ “Considere os efeitos que podem ter orientações práticas que você concebe que os objetos de sua concepção tenham. Então, sua concepção desses efeitos é toda a sua concepção do objeto.” — TL
PEIRCE, Charles Sanders. *Issues of Pragmaticism. The Monist* v. XV, n. 4. 1905. Pág 481.

Man is no law-giver to nature, he is an absorber. She it is who stands firm; he it is who must accommodate himself. Man is no law-giver to nature, he is an absorber. She it is who stands firm; he it is who must accommodate himself. Let him record truth, inhuman tho it be, and submit to it! ⁶⁰

Podemos notar uma empiria em que a realidade deve ser observada para melhor compreensão de seus efeitos, mas que não se pode construir nenhum *nomos* sobre a natureza. Então, o sujeito pode perceber ou sentir o objeto, mas não se pode inferir nada no objeto. Apenas no mundo prático se pode conhecer. Para os pragmatistas, o que se constitui como a produção de um enunciado ‘claro’ é a melhor utilização desses elos entre o sujeito ao objeto: a percepção e a sensação. De nada agrega uma abstração sobre determinado assunto. Os ‘instrumentos’ existem para a formulação de pressupostos ‘claros’, não verdadeiros. Ao esforço em tornar um enunciado cada vez mais claro os pragmatistas dão o nome de ‘clarificação’ — melhor medida, quantidade ou descrição.

b) Verdade é o que emerge da interminável investigação racional: A partir dessa relação exposta entre o sujeito e o objeto, vamos para o que define a verdade:

Truth is that concordance of an abstract statement with the ideal limit towards which endless investigation would tend to bring scientific belief, which concordance the abstract statement may possess by virtue of the confession of its inaccuracy and one-sidedness, and this confession is an essential ingredient of truth. ⁶¹

Essencialmente, para os pragmatistas, a verdade é aquilo que emerge da concordância entre uma afirmação e a infinita investigação. Mediante a constatação da infinita investigação, os pragmatistas abrem mão da noção de uma verdade absoluta e mudam o eixo de investigação do verdadeiro para o útil.

⁶⁰ “O homem não é legislador da natureza, ele é um absorvedor. Ela é quem permanece firme; ele é quem deve se acomodar. O homem não é legislador da natureza, ele é um absorvedor. Ela é quem permanece firme; ele é quem deve se acomodar. Que ele registre a verdade, por mais desumana que seja, e se submeta a ela!” — TL JAMES, William. *Pragmatism: A New Name for Some Old Ways of Thinking*. Harvard University, April, 1907. S/P

⁶¹ “A verdade é que a concordância de um enunciado abstrato com o limite ideal para o qual a investigação sem fim tenderia a trazer a crença científica, concordância que o enunciado abstrato pode possuir em virtude da confissão de sua inexatidão e unilateralidade, e essa confissão é um ingrediente essencial de verdade.” — TL PEIRCE, Charles Sanders. Truth and Falsity and Error. *Dictionary of Philosophy and Psychology*, v. 2. Collected Papers 5.565. 1901.

The truth of an idea is not a stagnant property inherent in it. Truth HAPPENS to an idea. It BECOMES true, is MADE true by events. Its verity is in fact an event, a process: the process namely of its verifying itself, its veri-FICATION. Its validity is the process of its valid-ATION.⁶²

Assim sendo, a verdade atual nada mais é que o melhor argumento, extraído das evidências disponíveis, para suprir as necessidades atuais. Logo, no estado de coisas do mundo, verdades podem existir com cortes temporais determinados. Determinada afirmação é verdadeira? Ela foi verdadeira mediante as evidências disponíveis e as necessidades daquele momento — responderia o pragmatista. Desse passo surge a ligação dos pragmatistas com as verdades úteis. Do ponto de vista dos pragmatistas, quando chamamos uma ideia de ‘verdadeira’, tudo que podemos estar dizendo é que ela era útil naquele momento⁶³, logo não faria sentido perguntar se ela era também verdadeira. O que é verdade só será encontrado no infinito da investigação. Se uma ideia será útil por uma curta duração, ou se será útil *ad infinitum*, não é uma questão plausível para um pragmatista.

Existe um movimento dialógico na noção de utilidade de uma ideia. Se afirmo que a H1 (hipótese) é verdadeira pois ela é útil em T1, o caminho da comprovação pode ser feito pelo crivo da ação. Afirmar que H1 foi útil, pois alterou minha ação em T1, também é um mecanismo de comprovação da utilidade. Logo, o enunciado deve não apenas ser capaz de descrever uma situação, mas também de alterar a ação do indivíduo.

A valorização da experiência prática pode ser explicada a partir de uma interessante oposição entre pragmatistas e filósofos continentais. Para os pragmatistas, argumentos abstratos eram definidos como produto da remoção do humano das considerações filosóficas, que o esforço dos europeus era de produzir uma concepção de realidade que desconsiderava a natureza da experiência humana. Dewey argumentava: se você viesse de outro plano e lesse

⁶² “A verdade de uma ideia não é uma propriedade estagnada inerente a ela. A verdade ACONTECE com uma ideia. SE TORNA verdade, é FEITO pelos eventos. A sua veracidade é de facto um acontecimento, um processo: o processo nomeadamente a sua verificação, a sua veri-FICAÇÃO. Sua validade é o processo de sua valid-AÇÃO.” — TL

JAMES, William. *Pragmatism: A New Name for Some Old Ways of Thinking*. Harvard University, April, 1907. S/P

⁶³ “Se estou perdido na floresta e faminto, e encontro o que parece ser um caminho de vacas, é da maior importância que eu pense em uma habitação humana no final dela, pois se eu o fizer e seguir, Eu me salvo. O verdadeiro pensamento é útil aqui porque a casa que é seu objeto é útil. O valor prático das idéias verdadeiras é, portanto, principalmente derivado da importância prática de seus objetos para nós.” — TL

“If I am lost in the woods and starved, and find what looks like a cow-path, it is of the utmost importance that I should think of a human habitation at the end of it, for if I do so and follow it, I save myself. The true thought is useful here because the house which is its object is useful. The practical value of true ideas is thus primarily derived from the practical importance of their objects to us.”

JAMES, William. *Pragmatism: A New Name for Some Old Ways of Thinking*. Harvard University, April, 1907. S/P

apenas filosofia, chegaria à conclusão de que ninguém se alimenta, ninguém esbarra em objetos, ninguém sente raiva ou furor erótico, somente há o que é intelectual. Dewey argumentava que esses espaços são partes constituintes da experiência humana e que removê-las da consideração filosófica não era se aproximar da verdade, mas criar um espaço em que a imaginação pudesse substituir a investigação prática. Experiência do mundo não é o mesmo que conhecer o mundo. Para os pragmatistas, existem formas outras de interação com o mundo além do que o racionalismo europeu considerava válido.

Não é exatamente que o pensamento abstrato não exista, apenas que ele só possui valor caso possa ser aplicado no mundo prático. No caso, o pensamento abstrato é fruto da natureza humana e de nada tem a ver com o objeto, mas caso o indivíduo utilize da sua abstração para demonstrar algo no mundo concreto, isso seria válido, porém não poderia ser inferido⁶⁴. O preceito é anticartesiano ao ponto que não supõe a existência de uma inferência válida, apenas na demonstração prática pode-se deduzir.

5.2. *Will to believe*

A crença torna-se uma questão central, principalmente para William James (1842 — 1910), devido à necessidade de uma resposta que fosse capaz de responder a pergunta: é moralmente correto acreditar em algo que não se pode provar? Era um debate, primordialmente, sobre a crença em Deus. William Clifford (1845 — 1879), um matemático inglês, defendia que a crença no que não poderia ser demonstrado é universalmente imoral.

James, que sofria de melancolia, acreditava que a única força que o mantivera vivo foi a crença em Deus, e questiona: devemos fazer esforço para estar longe das crenças que nos fazem bem?⁶⁵ Seria necessário rejeitar toda crença que conforta a alma humana? Retomando

⁶⁴ “A falácia do racionalista aqui é exatamente igual à do sentimental. Ambos extraem uma qualidade dos elementos turvos da experiência e a acham tão pura quando extraídos que a contrastam com cada uma de suas instâncias turvas como uma natureza oposta e superior. Todo o tempo é a natureza DELES.” — TL

“*The rationalist's fallacy here is exactly like the sentimentalist's. Both extract a quality from the muddy particulars of experience, and find it so pure when extracted that they contrast it with each and all its muddy instances as an opposite and higher nature. All the while it is THEIR nature.*”

JAMES, William. *Pragmatism: A New Name for Some Old Ways of Thinking*. Harvard University, April, 1907. S/P

⁶⁵ “O que seria melhor para acreditarmos! Isso soa muito como uma definição de verdade. Chega muito perto de dizer 'o que DEVEMOS acreditar': e NESSA definição nenhum de vocês acharia esquisitice. Devemos nunca acreditar no que é MELHOR PARA NÓS acreditar? E podemos então manter a noção do que é melhor para nós e do que é verdadeiro para nós, permanentemente separada?” — TL

“*What would be better for us to believe! This sounds very like a definition of truth. It comes very near to saying 'what we OUGHT to believe': and in THAT definition none of you would find any oddity. Ought we ever not to believe what it is BETTER FOR US to believe? And can we then keep the notion of what is better for us, and what is true for us, permanently apart?*”

o argumento pragmatista, ele afirma que esse preceito moral defendido por Clifford é apenas um racionalismo que deseja remover o humano da produção de enunciados.

Existem certas decisões em que as evidências não são suficientes para decidir a questão, então James propõe um esforço de controle de riscos. O argumento se dá: se você acredita em uma verdade, pode ser que ela seja falsa; se você se recusa a acreditar, pode estar ignorando uma verdade. Assim, James sugere que se pese os riscos entre acreditar e não acreditar. Para ele, acreditar em Deus mostra-se um risco menor que defender a inexistência divina. Alguns tipos de hipóteses não poderiam ser provadas pela investigação prática, mas a crença — para os pragmatistas são hábitos da ação — incita ações que afetam o mundo concreto, logo, pelo preceito da utilidade, aquela crença é útil. “*In other words, the greatest enemy of any one of our truths may be the rest of our truths. Truths have once for all this desperate instinct of self-preservation and of desire to extinguish whatever contradicts them.*”⁶⁶ Dessa forma, alguém poderia decidir acreditar, sem comprovação prática, pelas implicações de hábito que essa crença possui e, assim, essa decisão é filosoficamente legítima.

O pragmatismo é um tipo de filosofia que transpõe os muros da universidade. Um cidadão poderia aproveitá-la de forma similar. Ela pode mediar as decisões de como alguém deve viver a vida cotidiana. O pragmatismo associou o indivíduo com a ação e colocou os problemas do conhecimento na investigação.

O pragmatismo ganhou espaço porque correspondia a um conjunto de valores americanos. Trazia uma conjunção entre uma visão crítica da realidade e a preservação dos valores tradicionais, ao mesmo tempo que oferecia uma alternativa ao modelo europeu de produção de conhecimento.

JAMES, William. *Pragmatism: A New Name for Some Old Ways of Thinking*. Harvard University, April, 1907. S/P

⁶⁶ “Em outras palavras, o maior inimigo de qualquer uma de nossas verdades pode ser o resto de nossas verdades. As verdades têm de uma vez por todas esse instinto desesperado de autopreservação e de desejo de extinguir tudo o que as contradiz.” — TL

JAMES, William. *Pragmatism: A New Name for Some Old Ways of Thinking*. Harvard University, April, 1907. S/P

6. O que é história para o Estadunidense?

A formação do aparato de produção histórica dos EUA não é particularmente distinto de qualquer outro lugar. É um produto da relação entre a cultura e a forma que uma determinada comunidade nomeia e organiza seu passado.

No caso americano, os elementos formadores dessa cultura são uma associação entre as concepções de terra prometida, excepcionalismo, filosofia moral e pragmatismo. O problema em questão é que o método epistemológico pragmatista considera que a reflexão abstrata sobre algo que já não existe — o passado — é um esforço relativamente inútil. Como anteriormente demonstrado, o pensamento pragmatista não nega a importância do pensamento abstrato, mas este deve organizar-se em torno de uma utilidade concreta. Assim sendo, do ponto de vista dos pragmatistas, a história — como disciplina — seria uma grande coleção de exemplos ‘anedóticos’, e não um desencadear de eventos humanos ligados por uma grande cadeia de elos causais. Apenas um desenrolar de forças da natureza. Para os pragmatistas, a história — como disciplina — deveria primeiramente moralizar, ou seja, prover estoque moral, e desvelar os fatores que levaram ao ‘sucesso’ americano. Ou se argumenta sobre um passado imemorial de liberdade infinita que existia anterior à vida urbana e a conquista da fronteira — mais frequentemente que não esse exemplo é bíblico⁶⁷ — ou usava-se exemplos do que não deveria ser feito ou tentado — normalmente a degeneração da sociedade europeia⁶⁸.

O excepcionalismo produziu uma outra faceta do pensamento histórico americano. O sucesso da formação da república e a visão de mundo protestante culminou na crença de que o caminhar histórico americano estava operando em bases distintas. Essas ocorreram não devido ao sucesso dos EUA, mas à crença de que o sucesso americano estaria alterando o curso da história mundial — diga-se de passagem que eles não estavam completamente

⁶⁷ “A esmagadora maioria de nossas verdadeiras ideias não admite verificação direta ou face a face - aquelas da história passada, por exemplo, de Caim e Abel”. — TL

“*The overwhelming majority of our true ideas admit of no direct or face-to-face verification-those of past history, for example, as of Cain and Abel.*”

JAMES, William. *Pragmatism: A New Name for Some Old Ways of Thinking*. Harvard University, April, 1907. S/P

⁶⁸ “É claro que estou falando aqui de homens marcados de forma muito positiva, homens de idiosincrasia radical, que deixaram sua marca e semelhança na filosofia e figuraram em sua história. Platão, Locke, Hegel, Spencer, são pensadores temperamentais.” — TL

“*Of course I am talking here of very positively marked men, men of radical idiosyncrasy, who have set their stamp and likeness on philosophy and figure in its history. Plato, Locke, Hegel, Spencer, are such temperamental thinkers.*”

JAMES, William. *Pragmatism: A New Name for Some Old Ways of Thinking*. Harvard University, April, 1907. S/P

errados sobre o resultado, mas estavam equivocados sobre os motivos. O indivíduo, como aqui já apontado, é a causa do sucesso apenas no sentido em que ele operou os desígnios divinos e foi abençoado com a graça. Não existem, para esses indivíduos, grandes confluências históricas mundiais que corroboram para o sucesso de uma parte da sociedade. Tudo o que existe é o trabalho, a ética e a graça.

Aqui reforça-se um motivo para um tipo de provincialismo americano. O excepcionalismo cria um tipo de história que não precisa ter referências externas. Os americanos só falam sobre a América, também porque não há motivo para falar sobre outra coisa. É um microcosmo que retroalimenta os seus próprios valores.

6.1. Uma história natural e evolutiva

A junção desses elementos — o pragmatismo e o excepcionalismo — deu origem a um empiricismo histórico-evolutivo⁶⁹, que ganha espaço dentro dos Estados Unidos através da leitura de Charles Darwin sob o prisma das ciências humanas. O esforço em garantir caráter de cientificidade⁷⁰, nas bases das ciências naturais, conduziu à interpretação de fenômenos sociais e humanos pelo olhar da evolução. Filosoficamente falando, a ideia não era completamente nova⁷¹, mas a roupagem científica dada pelo pensamento de Darwin estabeleceu fundamentações ‘empíricas’ para uma ciência social que já possuía forte caráter teleológico. O princípio das variações fortuitas, em que os descendentes se diferenciavam dos ancestrais de forma positiva, já era a crença americana, antes da chegada do pensamento darwiniano. A realidade histórica em ‘estágios’ de evolução conciliava-se de certa forma à

⁶⁹ "Várias espécies de empirismo histórico-evolutivo foram adicionadas à lista com Comte, Spencer e Darwin." — TL

"Various species of historico-evolutionary empiricism were added to the list with Comte, Spencer, and Darwin." ROSS, Dorothy. *The Origins of American Social Science*. Cambridge University Press. Cambridge, 1991. Pág XVI.

⁷⁰ "[...] essa concepção de evolução ... fornece uma base para a ciência moderna da antropologia. [...] os antropólogos culturais não teriam descoberto os 'estágios' da evolução social se não fosse pela teoria darwiniana." — TL

"[...] this conception of evolution ... supplies a basis for the modern science of anthropology. [...] cultural anthropologists would not have discovered 'stages' of social evolution had it not been for Darwinian theory." BOCK, Kenneth E. Darwin Social Theory. *Philosophy of Science*. Vol. 22, No. 2. Apr 1955. Pág 123.

⁷¹ "Essa teoria, de que a humanidade havia avançado e continuaria a avançar lenta e gradualmente de um estado de rudeza a um estado de polimento e refinamento, serviu como uma estrutura abrangente para a descrição da evolução social ou cultural." — TL

"This theory, that mankind had advanced and would continue to advance slowly and gradually from a state of rudeness to one of polish and refinement, served as a comprehensive framework for the depiction of social or cultural evolution." BOCK, Kenneth E. Darwin Social Theory. *Philosophy of Science*. Vol. 22, No. 2. Apr 1955. Pág 128.

visão de mundo americana — a África estaria na infância, a Europa na adolescência e os EUA na idade adulta.

[...] the models of the social world that have dominated American social science [...] invite us to look through history to a presumably natural process beneath. Here the social world is composed of individual behaviors responding to natural stimuli, and the capitalist market and modern urban society are understood, in effect, as part of nature. We are led toward quantitative and technocratic manipulation of nature and an idealized liberal vision of American society.⁷²

Esse modelo de produção histórica, embriagado de darwinismo, carrega uma concepção que o mundo histórico opera sobre as mesmas bases que o mundo natural. A história se transforma em uma força que seleciona os grupos mais propícios à sobrevivência e elimina aqueles que não o estiverem. É historicamente evidente que a construção dessa narrativa obedece ordens de afeto que transpõem a dimensão científica do darwinismo e consequentemente da realidade histórica. Perde-se o propósito de tratar a realidade histórica como humanamente fundamentada, a função de investigar o passado transforma-se no esforço de buscar respostas pragmáticas nesse ‘estoque de experiência’. O sentido da expressão não quer dizer uma sociedade que não se volta ao passado, mas que volta ao passado com objetivos práticos de compreender de uma formação nacional que já foi legitimada pela seleção do tempo. Uma prospecção histórica em busca das causas do sucesso. Enquanto o pensamento europeu concebia o ‘mundo histórico’ como fruto de uma constelação criada a partir da experiência humana — em práticas, símbolos e narrativas — o excepcionalismo americano concebe que o empreendimento histórico tem como função desvelar o segredo da natureza histórica, obscurecido pelo tempo, com objetivo de encontrar a modernidade em germe que ali existiria. Encontrar esses fatores de ‘sucesso’ é, de certa forma, descobrir o que deve ser preservado e o que não deve.

⁷² “[...] os modelos do mundo social que dominaram as ciências sociais americanas [...] nos convidam a olhar através da história para um processo presumivelmente natural abaixo. Aqui, o mundo social é composto de comportamentos individuais que respondem a estímulos naturais, e o mercado capitalista e a sociedade urbana moderna são entendidos, com efeito, como parte da natureza. Somos levados à manipulação quantitativa e tecnocrática da natureza e a uma visão liberal idealizada da sociedade americana.” — TL
ROSS, Dorothy. *The Origins of American Social Science*. Cambridge University Press. Cambridge, 1991. Pág XIII.

6.2. As ciências humanas como controle do futuro

What my history shows is that American social science has consistently constructed models of the world that embody the values and follow the logic of the national ideology of American exceptionalism. The exceptionalist vision has continually responded to the changes of history itself, and it has been open to a considerable variety of disciplinary interests, political purposes, and personal experiences. But the exceptionalist stance has withal produced remarkable continuities within and across these disciplines. Both the differences and similarities, it seems to me, confirm the historical character of the social science enterprise and the power of the exceptionalist vision to shape history to its purposes.⁷³

As ciências humanas nos Estados Unidos organizaram-se sobre a ideia de que o mundo social, político e econômico — entendidos como partes da natureza — deveriam ser tratados como tal. Deveria-se aplicar a matriz analítica de que o ‘sucesso americano’ ocorreu devido ao alto nível de controle da natureza, motivado por uma ética do trabalho *sui generis* e pelo espírito americano de buscar novas fronteiras a serem dominadas. O mundo social, histórico e econômico era apenas mais uma fronteira a ser dominada. A filosofia moral oferecia uma bagagem ética para legitimar que o domínio dessa realidade não apenas era justa, mas um dever. Fazia parte da atribuição dos intelectuais conduzir a sociedade em direção ao bem comum pela preservação dos bons valores. Era, simultaneamente, um esforço em proteger o excepcionalismo e conduzir a missão moderna. “*Social control was aimed at the classes above and below the professional social scientists. Moreover, social scientists were moved by the double goals of American exceptionalism; they sought both to protect the established course of American history and to draw it closer to its presumably inherent ideals.*”⁷⁴

⁷³ “O que minha história mostra é que a ciência social americana construiu consistentemente modelos do mundo que incorporam os valores e seguem a lógica da ideologia nacional do excepcionalismo americano. A visão excepcionalista respondeu continuamente às mudanças da própria história e esteve aberta a uma variedade considerável de interesses disciplinares, objetivos políticos e experiências pessoais. Mas a postura excepcionalista produziu continuidades notáveis dentro e entre essas disciplinas. Tanto as diferenças quanto às semelhanças, parece-me, confirmam o caráter histórico do empreendimento das ciências sociais e o poder da visão excepcionalista de moldar a história de acordo com seus propósitos.” — TL
ROSS, Dorothy. *The Origins of American Social Science*. Cambridge University Press. Cambridge, 1991. Pág 471.

⁷⁴ “O controle social era dirigido às classes acima e abaixo dos cientistas sociais profissionais. Além disso, os cientistas sociais foram movidos pelos objetivos duplos do excepcionalismo americano; eles procuraram

Em 1905, foi formada a Associação Americana de Sociologia (*American Sociological Society*), constituída inicialmente por: Lester Frank Ward, Edward A. Ross, William Graham Sumner, Franklin Giddings e Albion Small. O objetivo desse grupo era usar a sociologia para corrigir⁷⁵ os males que afetam as elites e as massas de trabalhadores. A elite, que se tornava mais secular e merecia um guia para secularizar-se da forma correta, e as massas trabalhadoras deveriam introjetar os valores americanos que preservam o *status quo*. Desenvolveu-se a psicologia social e a ideologia da harmonia social.

A solução para essa situação parece ter sido a fusão entre essa visão evolutivamente naturalizada de história dentro da narrativa excepcionalista. O desenvolvimento de um tipo de história que reconciliava todos os conflitos. Os traumas históricos foram solucionados com narrativas do romance naturalista. Como William James coloca, uma crença sem comprovação, mas útil, pois motiva a ação. O excepcionalismo emerge de uma compreensão de mundo fomentada por um tipo de teleologia histórica que coloca o presente como ponto de chegada inevitável e natural. Os corpos multilados, as ditaduras e as violências no caminho são apenas a natureza cruel da história. Não se assume responsabilidade porque não foram indivíduos que cometeram a barbárie, mas uma designação divina. Dentro da política de memória opera-se o que a história americana poderia ter sido. *Pocahontas* é melhor que a *Trilha de Lágrimas*, então, o imaginário deve ser povoado por *Pocahontas* e a *Trilha de Lágrimas*⁷⁶ deve ser esquecida. A massa de trabalhadores industriais não é um proletariado industrial (*'industrial proletariat'*), mas um grupo industrial (*'industrial group'*). Nenhum conflito de classes pode ocorrer. Essas partes da sociedade devem coabitar pacificamente e é o papel do intelectual fazer com que essa harmonia seja preservada.

proteger o curso estabelecido da história americana e aproximá-lo de seus ideais presumivelmente inerentes.” — TL

ROSS, Dorothy. *The Origins of American Social Science*. Cambridge University Press. Cambridge, 1991. Pág 250.

⁷⁵ “O controle social tinha como premissa a ideia de que havia um conflito fundamental entre os interesses individuais e sociais. Para se manter, a sociedade teve que modificar os sentimentos, idéias e comportamentos individuais para se adequar ao interesse social.” — TL

ROSS, Dorothy. *The Origins of American Social Science*. Cambridge University Press. Cambridge, 1991. Pág 230.

⁷⁶ Trilha de lágrimas (*Trail of Tears*) é o nome dado pelos Cherokee ao percurso feito no processo de relocação após o *Native American Removal Act* (1830)

O cinema⁷⁷ é o espaço em que essa reconciliação pode ser performada de forma mais clara. O caso dos movimentos de contracultura são interessantes. A mentalidade é de que existiu uma grande vitória histórica dos movimento dos direitos civis e da contracultura, mesmo quando o Verão do Amor (*summer of love — 1967*) termina com a eleição de Nixon, o assassinato da liderança do movimento negro e um recrudescimento da guerra do Vietnã (1968). Existiu uma vitória histórica, não no mundo real — no mundo real ocorreu violência, repressão, ditaduras, ocupações e interferências; mas ocorreu uma vitória do ponto de vista cultural. Hollywood passou a retratar o movimento de contracultura como a *New Left* interpretou o movimento e o mundo comprou essa ideia⁷⁸. *Hippie Incorporated*, a ascensão da contracultura corporativa é o engolimento do movimento pelo capitalismo de consumo. Para essa realidade, a crença de que o movimento havia sido um sucesso era mais simples tanto para os conservadores quanto para os progressistas. A história dos direitos civis é reconciliada no cinema, a vitória na tela e o que está na tela é mais importante que a realidade⁷⁹.

Do ponto de vista das ciências sociais, elas se apoiaram nas ciências humanas matematizáveis e aplicáveis. A pesquisa sociológica se torna para a produção de enunciados que motivam a ação, as descrições dos nichos comunitários como uma forma de acesso do mercado, o uso da sociologia como uma forma de se produzir uma vantagem eleitoral. A *corporate sociology* nada mais é que o desdobramento de um tipo de ciência humana que observa a história e a realidade como conquistável e manipulável.

⁷⁷ “O sucesso do cinema americano, isto é, teve a ver com a forma como seus filmes ‘foram trazidos à consciência ótica. . . e disseminou uma experiência histórica particular.’” — TL

“*The success of American cinema, that is, had to do with how its films ‘brought into optical consciousness . . . and disseminated a particular historical experience.’*”

HANSEN, Miriam. *New German Critique* 122, 41, no. 2. 2014. Pág 68. *apud* MENNE, Jeff. *Post-Fordist cinema: Hollywood auteurs and the corporate counterculture*. Columbia University Press. New York, 2019. Pág 248.

⁷⁸ “O único espaço para pessoas que querem mudar o sistema”, disse ele, “parece ser em cinemas como este, ou em revistas, mas não no mundo onde o poder é acumulado.” [...] Embora Daniel Aaron tenha acusado a Nova Esquerda de ter “uma certa atitude a-histórica”, o que ele negligenciou foi que implícita no estilo da Nova Esquerda estava uma sensibilidade histórica ao “aparato cultural”, como Mills o chamaria, e o que fluía disso era uma estratégia de *outfoxing* — ser mais inteligente que — ou ficando um passo à frente do aparato cultural.” — TL

“*The only space for people who want to change the system,*” he said, “*seems to be in theaters like this, or in magazines, but not in the world where power is accumulated.*” [...] *Though Daniel Aaron accused the New Left of having “a certain ahistorical attitude,” what he overlooked was that implicit in New Left style was a historical sensitivity to the “cultural apparatus,” as Mills would call it, and what flowed from it was a strategy of outfoxing or staying a beat ahead of the cultural apparatus.*”

MENNE, Jeff. *Post-Fordist cinema: Hollywood auteurs and the corporate counterculture*. Columbia University Press. New York, 2019. Pág 95.

⁷⁹ Para notarmos que essa relação com o passado não é exclusiva de uma direita conservadora, mas algo da forma que o americano pensa a história independente do espectro político.

Cabe a pergunta, o excepcionalismo americano é uma filosofia da história?

O excepcionalismo é uma marca cultural que emerge de condições religiosas de uma sociedade. O excepcionalismo se torna uma filosofia da história quando é epistemologicamente afirmado pela filosofia moral, pelo pragmatismo filosófico e pela missão puritana. A transformação desses elementos culturais em uma marca das ciências sociais desenvolvidas nos EUA é o início de uma filosofia da história acadêmica. O controle do futuro, marcado pela reforma protestante, retira da igreja o controle sobre o tempo e coloca-o sob o controle humano. Enquanto natureza e história se separaram em outros lugares⁸⁰, nos EUA não houve essa separação. O desenvolvimento dessa história parece ser uma boa pista sobre os elementos que formam a visão de mundo americana, em que o desenvolvimento de uma história ideal parece ser parte condicionante do esforço em construir uma realidade ideal.

⁸⁰ “Natureza e história puderam desde então separar-se conceitualmente”

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Contraponto. Rio de Janeiro, 2006. Pág 54.

CAPÍTULO 2

Weber nos EUA

Para não nos afastarmos do método que almeja humanizar o problema aqui tratado, proponho uma observação sobre os espaços universitários. Esse espaço de existência comunitária organiza determinados aparatos de estruturas de difusão epistemológica. Por meio de uma dominação tradicional condiciona-se determinados valores e concepções de mundo. Ao final do processo se coloca uma beca e um ritual mágico transforma aquele indivíduo em alguém dotado de qualidade distinta do ordinário. Junto da afirmação “eu sou um historiador(a)” está uma carga de cultura que define essa designação e, esses elementos auxiliam na formação de comunidades. Essas identidades que se formam a partir do aparato epistemológico podem ajudar na construção da comunidade. Cada um dos intelectuais aqui analisados também são uma marca do espaço que os formou.

1. As universidades Americanas

Devemos considerar que os EUA constituíram um sistema educacional que em muito pouco se parece com um sistema. A imensa variabilidade de tipos e formas de organização acadêmica geraram um tipo de caos intelectual. De forma simplista, podemos argumentar que o federalismo americano gerou uma desregulação das instituições acadêmicas. A ausência de uma organização ocasionou uma disparidade de objetivos acadêmicos entre as universidades. Ao passo que os currículos cumprem a mesma lógica de um sistema liberal — no sentido de uma rejeição de intervenções externas —, as universidades organizam-se como grandes nichos intelectuais. Determinadas universidades não apenas se especializam em determinados temas, mas possuem apenas determinados temas. Se fossemos adotar a *‘frontier thesis’* para compreender o fenômeno, o argumento seria de que o processo de ocupação do espaço criou

uma pluralidade de ‘americanos’, logo, cada uma dessas universidades reflete um certo conjunto de valores locais.

Entretanto, cabe pontuar que universidades americanas também fazem parte do complexo acadêmico industrial (*‘academic industrial complex’*). As universidades operam no mercado de produção de atletas (*sports scholarships*), atendem ao exército americano (*army tuition*) e ao mercado de tecnologia (*Silicon Valley*), e também existem as universidades de nicho político-estatal. Algumas universidades se tornaram especializadas na formação de elites políticas. Existe uma competição informal entre universidades com o maior número de presidentes eleitos. Atualmente Harvard lidera essa ‘batalha’⁸¹. Não que isso desabone o esforço acadêmico, mas essas universidades operam dentro da lógica do mercado, seja na produção de capital, seja na produção de presidenciáveis. Universidades públicas e subsidiadas pelo governo, como conhecemos no Brasil, não são uma realidade. Esse sistema universitário em nicho vai além de temas e currículos ofertados: existem universidades etnicamente orientadas. Universidades que atendem exclusivamente às populações negra, latina, oriental ou indígena. Lembrando que a segregação estudantil⁸² foi suspensa em 1960, a existências dessas universidades não é tão assustadora quanto aparenta.

O ponto aqui sendo, o sistema educacional atrai tipos determinados de pessoas. Proponho aqui observar as universidades em que se começou o debate sobre Max Weber, com objetivo de encontrar alguma pista sobre o tipo de indivíduo que buscaram sua obra e qual espaço intelectual ocasionou esse encontro.

_____Harvard foi o protótipo de um tipo de universidade. *Liberal Arts College* é uma universidade ligada à igreja, normalmente, em um ambiente não totalmente urbanizado. Elas funcionam como internatos de tempo integral, ou seja, um espaço em que o corpo administrativo deve cumprir a totalidade das necessidades dos alunos, de alojamento até entretenimento, passando também pela formação espiritual. Essas universidades difundiram-se durante todo o século XVII-XVIII. Com a filosofia moral, tratada no ponto 4 do primeiro capítulo, simula-se a ideia de mandar os filhos para o que seria basicamente um seminário ou um convento⁸³. Das centenas de instituições similares que se formaram durante

⁸¹ Com os seguintes presidentes: John Adams, John Quincy Adams, Theodore Roosevelt, Franklin D. Roosevelt e John F. Kennedy.

⁸² Ruby Bridges, William Frantz Elementary School.

⁸³ “[...] os estudos liberais foram úteis‘ na elevação do caráter, na simpatia mais viva com o verdadeiro, o bom e o belo, e no aumento do poder mental’.” — TL
“[...] *liberal studies were useful ‘in the elevation of character, in the more lively sympathy with the true, the good, and the beautiful, and in increase of mental power’.*”

o século XVII, apenas algumas dezenas perduraram. Christopher Lucas descreve o que essas universidades que sobreviveram tinham em comum: a) a tendência de serem pequenas (Durante todo o século XVII, apenas 465 pessoas se formaram em Harvard); b) eram exclusivamente masculinas (algo sobre homens e mulheres coabitando o mesmo espaço impediu o sucesso dessas instituições); c) eram altamente lucrativas (o custo de manutenção era bastante baixo pois usavam membros do clero como corpo docente e administrativo); d) o currículo era rígido e simples (ministrava-se: filologia, retórica, lógica formal, gramática, história, literatura grego-romana, geografia, ética e teologia)⁸⁴.

Em oposição a esse modelo, vejamos o caso da *University of Chicago* (1890). Uma universidade fomentada pelo estado — doação de terra — sob a administração da iniciativa privada. Financiada por mais de 30 milhões de dólares por John D. Rockefeller. Não apreciou a aprovação social que se esperava. Primeiramente, sem o labor clerical, essas instituições eram altamente custosas. Em segundo lugar, a população não compreendia o porquê de uma instituição usar terras públicas para ensinar geografia, história e artes para a população. Do ponto de vista da população, o Estado só deveria investir em universidades que fossem melhorar diretamente a educação agrícola e as artes mecânicas — alguns autores apontam isso como pragmatismo acadêmico: só deveria existir universidades que contribuíssem diretamente para o capitalismo e para manutenção do Estado. Além disso, as universidades civis abriram suas portas para a educação de mulheres (1891) e guiaram o currículo para o ensino de ciências humanas, direito e economia.

Durante a era progressiva (1896–1916), as universidades entraram em um grande movimento de aprimorar a relevância social e cívica da academia, para levar a expertise acadêmica como ferramenta de mudança social. A universidade de Wisconsin foi uma pioneira nesse movimento. No final do século XIX, havia uma preocupação com a concentração de poder, capital e privilégio que se formava nas classes superiores. O corpo docente de Wisconsin considerava que estava se formando um perigo para a democracia americana. A solução seria a ideia de wisconsin (*'wisconsin idea'*). A universidade utilizou de sua expertise para produzir efeito sobre a sociedade. Em 1877, John Bascom promoveu uma grande expansão da relação universitária com a sociedade. Os membros das artes mecânicas iriam ensinar os agricultores a consertar seus tratores contanto que também escutassem sobre os males que assolavam a sociedade. A ideia de Wisconsin era utilizar os

LUCAS, Christopher J. *Crisis in the Academy: Rethinking higher education in america*. St. Martin 's Griffin Press. New York, 1996. Pág 55.

⁸⁴ LUCAS, Christopher J. *Crisis in the Academy: Rethinking higher education in america*. St. Martin 's Griffin Press. New York, 1996. Pág 57.

meios da universidade para que os limites não fossem os portões, e assim, cumprir o esforço de melhorar a sociedade pelo uso das ciências humanas. No caso, a realidade seria melhorada através da educação da população.

1.1. Provincialismo Intelectual — Americans only write about America

O conceito de Provincialismo Intelectual é duplamente problemático. Por um lado, descreve algo do eurocentrismo — se você não é alemão ou francês, você provavelmente faz parte de uma província intelectual; por outro lado, os EUA tinham como limite da produção aquilo que seus olhos conseguiam enxergar — e por vezes nem isso. A formação de pensadores que não se envolviam com problemas universais ia contra as definições de conhecimento europeu. O objeto de estudo seria apenas reflexivo à realidade observável. O microcosmo americano via, apenas em si, propósito para o empreendimento da razão. O pragmatismo não vinha sem suas consequências. Combater o provincialismo, ou o paroquialismo, do pensamento americano parecia significar fazer as pazes com a Europa, mas o que ocorreu foi algo distinto.

1.2. Europa: aliado e antagonista

De certa forma, a experiência americana é muito similar à brasileira. A metrópole é vista como o espaço em que o processo civilizatório está completo e cria-se fascínio pela ‘civilização’, mas desenvolve-se certo desejo de emancipação. A compreensão de que conceitos de civilização e barbárie refletem uma hierarquia de poder manifesta esse desejo de emancipação. Por vezes a Europa é vista como um continente que provê o modelo de modernidade a ser seguido, por vezes é vista como o perpetrador da perversidade e do domínio tirânico⁸⁵. As duas visões são verdadeiras. No caso americano, a emancipação ocorreu mais cedo que no Brasil. Enquanto se via na Europa um modelo de academia, a ideia

⁸⁵ “Algumas vezes, eles presumiram que tudo o que os europeus ocidentais dizem deve ser correto, especialmente se for quase ininteligível. Ao mesmo tempo, as ideias europeias eram desconfiadas, como se os filósofos estrangeiros fossem diplomatas, tentando ser mais espertos que os Estados Unidos.” — TL

“They have sometimes assumed that whatever the Western Europeans say must be correct, especially if it is almost unintelligible. At the same time European ideas were mistrusted, as if the foreign philosophers were diplomats, trying to outsmart the United States.”

KUKLICK, Bruce. *A History of Philosophy in America*. Oxford University Press Inc. New York, 2001. Pág 4.

americana nunca foi emular a academia europeia, mas apropriar-se dos elementos julgados positivos e se livrar dos excessos dispensáveis. Os debates que ocorriam no velho continente — busca pelas condições de possibilidade do conhecimento, tentativa de fundação de teoria da subjetividade — eram alheios ao americano de forma geral. “*The only object of scientific study was the present, ‘the actual civilized society.’*”⁸⁶ Do ponto de vista dos americanos, a Europa era um continente atrasado, incapaz de acompanhar os largos passos dados em direção à modernidade.

American nationality formed in order to separate the United States from Europe and has been fueled by the tendency to view America and Europe as polar opposites. Europeans themselves began that polar vision long before we were a nation, projecting onto America, the New World, their Utopian - and dystopian - fantasies, and they have often continued to encourage it for their own reasons.⁸⁷

Mas o que teriam os europeus a ensinar? A resposta é relativamente simples. A Europa via a América como a possibilidade de realização da utopia desde o renascimento. Logo, todos aqueles que corroboram com a realização da utopia na América eram aliados. Pensadores da Europa eram considerados dignos de serem lidos quando seus objetos estavam voltados para a América, tangiam questões diretamente relevantes para a compreensão do mundo americano e, principalmente, quando esses escritores conjecturam sobre o sucesso a realização da utopia na América⁸⁸. No contexto abordado, a Alemanha se torna um modelo acadêmico devido à tradição histórica da segunda metade do XIX, o idealismo alemão agradava ao pensamento americano por supor uma unidade e uma direção histórica — Hegel — que poderia ser investigada pela visão de mundo (*Weltanschauung*) — Kant. A partir de 1860s e 1870s, uma grande onda de pesquisadores americanos viajaram para a Alemanha.

⁸⁶ “O único objeto de estudo científico era o presente, ‘a verdadeira sociedade civilizada.’ — TL
ROSS, Dorothy. *The Origins of American Social Science*. Cambridge University Press. Cambridge, 1991. Pág 354.

⁸⁷ “A nacionalidade americana foi formada para separar os Estados Unidos da Europa e foi alimentada pela tendência de ver a América e a Europa como pólos opostos. Os próprios europeus começaram essa visão polar muito antes de sermos uma nação, projetando na América, o Novo Mundo, suas fantasias utópicas - e distópicas, e eles sempre continuaram a encorajá-la por seus próprios motivos.” — TL
ROSS, Dorothy. *The Origins of American Social Science*. Cambridge University Press. Cambridge, 1991. Pág 475.

⁸⁸ “América, você está melhor do que o nosso continente, o antigo” — TL
“*Amerika, Du hast es besser als unser Kontinent, der alte.*”
Goethe, Xenien *apud* PAUL, Heike. *The Myths That Made America*. CPI - Clausen & Bosse. Leck, 2014. Pág 141.

Atraídos pela boa reputação dos programas de pesquisa, esses pesquisadores foram para Halle, Leipzig, Breslau, Göttinger, Berlin e Heidelberg.

American academics who had visited or studied in Germany returned home filled with effusive praise for the Germanic notion of the university as a place of pure research. Their common resolve was to transform the American institutions to which they returned along the same lines.⁸⁹

O esforço de reformar as universidades americanas, ao molde alemão, passava por dois tipos de liberdades — *Lehrfreiheit*, liberdade do professor em definir o currículo; *Lernfreiheit*, a liberdade dos alunos formular seu próprio currículo —, mas principalmente, a competência das universidades alemãs em formar corpos para a organização social.

O pensamento weberiano chega aos Estados Unidos, durante a primeira metade do século XX, pelos viajantes que vão a Heidelberg e retornam aos EUA dispostos a utilizá-lo como um movimento revolucionário no pensamento das ciências sociais americanas.

2. Mapeamento dos pensadores nos EUA

Weber torna-se parte do cotidiano acadêmico nos Estados Unidos a partir de três grupos de pesquisadores. Essa categorização é proposta por Scaff, porém acrescento a esse ponto de vista. Enquanto Scaff argumenta que essa separação é relevante devido à formação de redes de contato e ensino, acrescento que essas são relevantes pela formação de comunidades que compartilham interpretações e visões de mundo.

2.1. Harvard University (1636) — Chicago University (1890)

Da universidade de Harvard temos um contexto intelectual mais conservador em relação aos costumes. A relação estrita com a igreja e os valores preservados por esta instituição talvez deem uma dica sobre o tipo de intelectual weberiano formado aqui: mais conservadores, tanto político quanto epistemologicamente, e normalmente ligados à economia e aos conceitos weberianos de tradição, formação de comunidades, família etc.

⁸⁹ “Acadêmicos americanos que haviam visitado ou estudado na Alemanha voltaram para casa cheios de elogios efusivos à noção germânica da universidade como um lugar de pura pesquisa. A resolução comum deles era transformar as instituições americanas para as quais eles retornaram na mesma linha.” — TL
LUCAS, Christopher J. *Crisis in the Academy: Rethinking higher education in america*. St. Martin 's Griffin Press. New York, 1996. Pág 57.

A universidade de Chicago dispensa apresentações. É uma universidade criada pelas elites industriais para as elites industriais. A *Chicago School of Economics* causou mais danos à América Latina que diversos desastres naturais. O pensamento econômico desenvolvido por Chicago é um ótimo exemplo de ciências humanas pragmáticas. É a produção de uma narrativa que naturaliza a barbárie do mundo — e da história —, dentro de uma visão racionalista e impessoal. Difunde-se essa narrativa como um método de produção do futuro. Aplica-se esse método à revelia da vontade dos sujeitos. Autoritarismo é opcional, mas recomendado.

	Formação	Nacionalidade	Vida - Morte
Frank Knight	Economista	Americano	1885-1972
Louis Wirth	Sociólogo	Alemão	1897-1952
Edward Shils	Sociólogo	Americano	1910-1995
Talcott Parsons	Sociólogo	Americano	1902-1979
Melchoir Palyi	Economista	Hungaro / Americano	1882-1970

Tabela I — Intelectuais de Harvard e Chicago

Frank Knight foi amplamente associado a Friedrich Hayek e foi considerado uma das figuras mais importantes do liberalismo clássico. Foi o primeiro tradutor de Weber. Em 1927, traduziu *General Economic History*. Tratou Weber como um historiador da economia e era fascinado com a definição dada por Weber acerca da origem do capitalismo moderno. Tentou produzir um conceito de 'Economia Psicológica' que fosse capaz de explicar o sucesso do capitalismo pelo uso da análise psicológica individual, claramente uma marca weberiana — explicação do coletivo pelo individual —, também se esforçou no desenvolvimento de uma 'economia antropológica', seguindo lógica similar. Sendo um filho da classe média protestante e conservadora, vindo de Illinois, parece claro que seu interesse em Weber legitima uma visão de mundo de uma América rural.

Louis Wirth, imigrou em 1911, passou a maior parte da sua vida acadêmica pensando sobre urbanismo e a derrocada da vida urbana, caos social e a destruição da família⁹⁰. Escreveu sobre a formação dos Guetos judaicos nos EUA como grandes bolhas de tradicionalismo que se perdiam em meio à urbanização. Louis Wirth, sociólogo alemão que fundamentou sua carreira acadêmica na Escola de Chicago, foi um dos indivíduos responsáveis por essa passagem de Weber para uma definição de Weber como sociólogo⁹¹.

Edward Shils, traduziu um número elevado de textos de Weber e foi um dos primeiros indivíduos a pensar Weber como um teórico do método sociológico. Falava da necessidade de se dominar a Filosofia Científica de Weber e apresentou os conceitos de tipo ideal e neutralidade de valores para a comunidade americana. Foi um dos grandes expoentes da historização da sociologia e do valor da tradição⁹².

⁹⁰ [...] o enfraquecimento dos laços de parentesco, o declínio do significado social da família, o desaparecimento da vizinhança e o enfraquecimento das bases tradicionais de solidariedade social ” — TL

[...] *the weakening of bonds of kinship, the declining social significance of the family, the disappearance of neighbourhood and the undermining of traditional basis of social solidarity*”

WIRTH, Louis. Urbanism as a way of life. *The American Journal of Sociology*, Vol. 44, No. 1. Jul., 1938. Pág 21.

⁹¹ “A referência de Wirth a Weber como sociólogo e não como economista ou historiador econômico foi uma escolha importante, pois refletia as mudanças ocorridas em Chicago nas disciplinas das ciências sociais e, em particular, a separação entre sociologia e economia, seguidas mais tarde por diferenciação entre sociologia e antropologia e entre ciência política e história.” — TL

Wirth's reference to Weber as a sociologist rather than an economist or economic historian was an important choice, for it reflected changes occurring at Chicago in the social science disciplines, and in particular the separation of sociology from economics, followed somewhat later by further differentiation between sociology and anthropology and between political science and history.

SCAFF, Lawrence. *Max Weber in America*. Princeton University Press. Princeton, 2011. Pág 208.

⁹² “Os críticos da cultura ocidental contemporânea a criticam por ter perdido suas tradições; a desordem pública é atribuída à decadência da tradição, os defeitos das instituições são interpretados como resultado da dissolução das tradições ou do seu fracasso em desenvolver tradições ”. — TL

“Critics of contemporary Western culture criticize it for having lost its traditions; public disorder is attributed to the decay of tradition, the defects of institutions are interpreted as a result of the dissolution of traditions or their failure to develop traditions.”

Talcott Parsons foi um conservador de primeira categoria. Foi abertamente um defensor do excepcionalismo americano e na defesa da família como o ponto base da manutenção da sociedade americana. Falaremos mais sobre Parsons mais à frente, mas ele com certeza se encaixa na categoria de weberianos conservadores.

Melchior Palyi emigra para os EUA em 1933 para trabalhar para o *Deutsche Bank*. Pesquisou sobre o sistema bancário e o papel moeda. Grande defensor do liberalismo e defendeu o padrão ouro. Membro da fração conservadora da Escola Econômica de Chicago. Atualmente seus textos se encontram como bibliografia indicada do instituto Mises.

2.2 - University of Wisconsin (1848)

Devido à *Wisconsin Idea*, tratada anteriormente, formou-se na Universidade de Wisconsin uma comunidade acadêmica mais próxima de um espectro progressista, com um ideal de conhecimento mais próximo do pragmatismo social desenvolvido nessa universidade.

	Formação	Nacionalidade	Vida - Morte
Hans Gerth	Sociólogo	Alemão	1908-1978
Karl Mannheim	Sociólogo	Alemão	1893-1947
C. Wright Mills	Sociólogo	Americano	1916-1962
Don Martindale	Sociólogo	Americano	1915-1995

Tabela II — Intelectuais de Wisconsin

Hans Heinrich Gerth, imigrou para os EUA em 1933. Pesquisou sobre a situação sócio-histórica da intelectualidade burguesa na virada do século XVIII. Buscava um caráter da estrutura social e uma psicologia das instituições sociais. Mentor de toda uma geração de sociólogos americanos, fez uma ponte com a Escola Frankfurt⁹³. Um weberiano de esquerda

SHILS, Edward. Tradition. *Comparative Studies in Society and History*, Vol. 13, No. 2, Special Issue on Tradition and Modernity. Apr., 1971. Pág 136.

⁹³ “A propósito, Gerth, assim como Lowe, sustentavam que não havia" Escola de Frankfurt "naquela época, embora os nomes do Instituto de Pesquisa Social e da Escola de Frankfurt fossem usados como sinônimos nos Estados Unidos. O Instituto era de orientação marxista e não foi cultivada uma nova escola de pensamento. Foi

preocupado com a formação de mentalidades burguesas. A parceria Mills, Gerth e Martindale foi fundamental para retirar Weber do eixo Chicago-Harvard, mas principalmente das propostas de Parsons. Por um lado, desejavam escapar do funcionalismo estrutural de pessoas, por outro desejavam desenvolver um Weber que fosse mais student friendly.

Karl Mannheim, autor do livro *Ideologia e Utopia* (1936), obra muito popular nos EUA. Trata-se de um texto que pensa como estruturar epistemologicamente os objetos da realidade. Mannheim se alinhou à concepção weberiana de que a estrutura de consciência é socialmente orientada, mas defendeu uma política capaz de formar um mundo melhor. Foi aluno de Georg Lukács e bem próximo do pensamento marxista de que a mentalidade do proletariado é formada pela sua relação com os meios de produção. Tentou pensar sobre os escritos políticos de Weber sob a lógica da ação política no mundo.

2.3. *New School for Social Research (1918)*

They expected the New School to generate a body of critical social science that would contribute to the “reconstruction” of western society along more egalitarian and scientific lines. Fifteen years later their successors created the “University in Exile,” an affiliate of the New School that provided a haven for a generation of European scholars exiled by Hitler and Mussolini. No American institution of higher learning responded to the plight of these refugees, many of them Jewish or socialist, as energetically and effectively.⁹⁴

A *New School for Social Research* é um divisor de águas sobre o pensamento weberiano nos EUA. A universidade foi criada em 1918 por cientistas sociais progressistas: Charles Beard, James Harvey Robinson, Wesley Mitchell, John Dewey e Thorstein Veblen.

somente depois que o Instituto se mudou para os Estados Unidos que o nome "Escola de Frankfurt" foi associado a ele." — TL

“Incidentally, Gerth, as well as Lowe, maintained that there was no “Frankfurt School” at that time, although the names of the Institute for Social Research and the Frankfurt School were used synonymously in the U.S. The Institute was Marxist oriented and no new school of thought was cultivated. It was only after the Institute had moved to the United States that the name “Frankfurt School” was attached to it.”

GERTH, Nobuko. *“Between Two Worlds” Hans Gerth : Eine Biografie 1908-1978*. Springer Fachmedien. Wiesbaden, 2002. Pág 34.

⁹⁴ “Eles esperavam que a Nova Escola gerasse um corpo de ciências sociais críticas que contribuiria para a “reconstrução” da sociedade ocidental em linhas mais igualitárias e científicas. Quinze anos depois, seus sucessores criaram a “Universidade no Exílio”, uma afiliada da New School que proporcionou um refúgio para uma geração de acadêmicos europeus exilados por Hitler e Mussolini. Nenhuma instituição americana de ensino superior respondeu à situação desses refugiados, muitos deles judeus ou socialistas, com tanta energia e eficácia.” — TL

RUTKOFF, Peter; SCOTT, William. *New School: A History of the New School for Social Research*. The Free Press. New York, 1986. Pág. XII.

Em 1933, a *New School* transformou-se em um refúgio para intelectuais⁹⁵ que escapavam da ascensão do nazi-fascismo na Europa. Esse grupo formou uma pequena bolha de pensamento europeu no coração de New York. ‘*University in Exile*’, como passou a ser chamada, era uma grande escola de artes e ciências humanas que acolheu diversos intelectuais judeus, mesmo com a ascensão do antissemitismo americano nos calcanhares da grande depressão⁹⁶. Falaremos disso mais adiante.

A maioria desses intelectuais já estava familiarizada com o pensamento weberiano, mas a experiência do exílio e da vida na América fizeram com que diversos temas fossem reavaliados. “*Weber as the self-described ‘outsider’ took on the function of providing orientation to the experience of displacement and the condition Adorno labelled the ‘damaged life’*”⁹⁷.

De um lado, esses intelectuais imigrantes ajudaram na construção de um ambiente intelectual mais cosmopolita — tirando parte do excepcionalismo das análises weberianas nos EUA — e, de outro, colocavam em questão a experiência americana como uma modernidade palpável e assustadora. Uma coisa era ler sobre os EUA, mas viver nos EUA trouxeram novas questões e problemáticas para esses indivíduos.⁹⁸

⁹⁵ Existiram imigrantes que foram para Wisconsin, Harvard e Chicago. A distinção feita entre estes e aqueles é que estes chegam aos EUA como refugiados e se concentram em NY.

⁹⁶ “Além disso, um preconceito nativista e antijudaico era generalizado, mesmo nas academias americanas. Esses ressentimentos foram alimentados pela previsível atitude defensiva dos intelectuais americanos em relação aos intelectuais europeus, que muitas vezes agiam condescendentemente com os estudos americanos”. — TL

“*Moreover, a nativistic and anti-Jewish prejudice was widespread, even in American academies. Such resentments were fed by the predictable defensiveness of American intellectuals toward European intellectuals, who often acted condescendingly toward American scholarship.*”

RUTKOFF, Peter; SCOTT, William. *New School: A History of the New School for Social Research*. The Free Press. New York, 1986. Pág. 86.

⁹⁷ “Weber, como o auto descrito ‘forasteiro’, assumiu a função de fornecer orientação para a experiência de deslocamento e a condição que Adorno rotulou de ‘vida danificada’” — TL

SCAFF, Lawrence A. *Weber and the Weberians*. Partridge Macmillan. New York, 2014. Pág 16.

⁹⁸ “[...] por um tempo, entre 1950 e o início dos anos 1960, a Faculdade de Graduação fez do trabalho de Max Weber a fonte de seu diálogo intelectual e influenciou um pequeno, mas significativo grupo de jovens acadêmicos americanos.” — TL

“*[...] for a time, between 1950 and the early 1960s, the Graduate Faculty made the work of Max Weber the source of its intellectual dialogue, and influenced a small but significant group of younger American scholars.*”

RUTKOFF, Peter; SCOTT, William. *New School: A History of the New School for Social Research*. The Free Press. New York, 1986. Pág. 200.

Few members of the Graduate Faculty had been Max Weber's student, but all were agreed that he was the most important German thinker in their lifetimes. As an empirical social scientist and as an intellectual concerned with the theoretical problems of the social sciences, Weber had set the terms of debate for German social scientists in the first half of the twentieth century. He, more than any other German thinker of his generation, wrestled with questions of objectivity, the relationship between nature and society, and the possible tensions between scientific knowledge and political action. The richness of his writing and the complexity of his thought invited controversy. Not only were Weber's heirs divided over the correctness of his position in a given area of inquiry, but they often fought for recognition as the definitive interpreter of his position.⁹⁹

Dentre os intelectuais que foram para a *New School* estão: Emil Lederer, Albert Salomon, Hannah Arendt, Paul Honigsheim, Arthur Salz, Eric Voegelin, Karl Loewenstein, Franz Neumann, Leo Lowenthal. Franz Neumann chegou a considerar que a produção weberiana na Alemanha havia sido desenvolvida apenas em suas características menos inspiradoras, e que nos EUA, o pensamento weberiano havia ganhado vida por ter se libertado da rigidez da academia alemã. Salomon foi um dos primeiros a enfatizar uma relação entre Weber e Marx. Rejeitava a ideia de que Weber era um intelectual atormentado e o tratou como um 'intelectual do cotidiano racionalizado'. *"He affirmed Weber's idea of rational transformation as a historically and politically valid alternative to Marxian revolution."*¹⁰⁰ As ideias de Salomon foram importantes principalmente para os pensadores da universidade de Wisconsin que se propuseram a incorporar o pensamento marxista ao pensamento weberiano.

3 - Mapeamento das traduções

⁹⁹ "Poucos membros do corpo docente de pós-graduação foram alunos de Max Weber, mas todos concordaram que ele foi o pensador alemão mais importante de suas vidas. Como cientista social empírico e intelectual preocupado com os problemas teóricos das ciências sociais, Weber estabeleceu os termos do debate para os cientistas sociais alemães na primeira metade do século XX. Ele, mais do que qualquer outro pensador alemão de sua geração, lutou com questões de objetividade, a relação entre natureza e sociedade e as possíveis tensões entre conhecimento científico e ação política. A riqueza de sua escrita e a complexidade de seu pensamento geraram polêmica. Não apenas os herdeiros de Weber estavam divididos sobre a correção de sua posição em uma determinada área de investigação, mas muitas vezes lutaram pelo reconhecimento como o intérprete definitivo de sua posição." — TL

RUTKOFF, Peter; SCOTT, William. *New School: A History of the New School for Social Research*. The Free Press. New York, 1986. Pág 201.

¹⁰⁰ "Ele afirmou a ideia de Weber de transformação racional como uma alternativa histórica e politicamente válida para a revolução marxista." — TL

RUTKOFF, Peter; SCOTT, William. *New School: A History of the New School for Social Research*. The Free Press. New York, 1986. Pág 214.

A obra de Weber mostra-se complexa por uma série de motivos. Mesmo que desconsiderássemos todos os problemas de publicação e tradução, teríamos uma gama de dificuldades. A escrita não sistemática de Weber¹⁰¹ associada a um certo caos editorial dificultam a apreensão para todos aqueles que se debruçam sobre o tema. Nos EUA, seus trabalhos começaram a ser traduzidos e difundidos pela comunidade universitária de forma caótica e pouco sistemática. Tais textos foram traduzidos sem uma ordem ou propósito previamente definidos, o que pode ser percebido como uma das questões formadoras das diversas comunidades weberianas que se estabeleceram. Ou, como afirma Scaff: “*These texts appeared without a clear understanding of the sequence and context of the work, a fact bemoaned by the translator-authors themselves, and a regrettable source of confusion that persists to this day, especially for the sociology of religion.*”¹⁰²

As traduções se mostram como parte fundamental para a compreensão da constituição de uma tradição de pensamento weberiana nos Estados Unidos. Por um lado, elas tornam a obra de Weber acessível à comunidade acadêmica; por outro, direcionam a leitura e apreensão do pensamento e demonstram o caminho trilhado pela comunidade weberiana.

O processo de tradução se mostrou afetado por inúmeras complicações relativas a direitos autorais, mas principalmente por disputas interpretativas no que tange à unidade epistemológica dada aos textos. Ao mesmo passo que havia colaboração, havia também competição entre os tradutores¹⁰³. O caso de Edward Shills vale ser comentado. Ele traduziu

¹⁰¹ “Qualquer um que hoje se dedique ao estudo de sua obra se deparará com um volumoso amontoado (que apenas sob reservas pode ser chamado conjunto) de comentários, sistematizações, desenvolvimentos de sua obra, produzidos pelos mais distintos leitores, de épocas e lugares diferentes, e que expressam todos eles uma peculiar interpretação e leitura da obra weberiana”

VALLE, Ulisses do. *As vicissitudes da história: Max Weber e a teoria do conhecimento histórico*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2013. Pág 18.

¹⁰² “Esses textos surgiram sem uma compreensão clara da sequência e do contexto da obra, fato lamentado pelos próprios tradutores-autores, e lamentável fonte de confusão que persiste até hoje, especialmente para a sociologia da religião.” — TL

SCAFF, Lawrence. *Max Weber in America*. Princeton University Press. Princeton, 2011. Pág 202.

¹⁰³ “Como se poderia antecipar, os padrões de cooperação e competição relacionados a Weber e seu trabalho começaram a tomar forma dentro desta rede e seus três grupos principais de acadêmicos ambiciosos. Houve algum compartilhamento de conhecimentos e textos, mas também desacordo interpretativo e competição pelo acesso aos textos, com o domínio da língua alemã como mecanismo de controle e fonte de desacordo e crítica”. — TL

“*As one might anticipate, patterns of cooperation and competition relating to Weber and his work began to take shape within this network and its three main clusters of ambitious scholars. There was some sharing of knowledge and texts, but also interpretative disagreement and competition over access to texts, with mastery of the German language as a mechanism of control and a source of disagreement and criticism.*”

SCAFF, Lawrence. *Max Weber in America*. Princeton University Press. Princeton, 2011. Pág 201.

um volume assustador de textos de Weber como mero exercício intelectual. Esses textos eram passados entre os docentes e discentes quase como contrabando¹⁰⁴.

There were also “priority” disputes, typical of the sciences, and rivalries over informal “rights” to translations. The situation involving both cooperation and competition was rendered more complex by the fact that knowledge of Weber and translation of his work proceeded at two distinct levels: at the level of the publicly accessible discourse over his thought, fed by published, copyrighted work; and at the level of privately or semipublicly produced texts and knowledge about Weber, accessible to select audiences and giving rise to a kind of hidden or “fugitive” literature.¹⁰⁵

Essa competição entre os tradutores criou uma situação curiosa, em que existiam as traduções feitas a partir de direitos de tradução, traduções feitas como mero esforço de disseminação de Weber e traduções que tinham o objetivo de ocupar um espaço de autoridade dentro da comunidade. “*Whoever controlled the interpretation of Weber's work would control the future of sociology.*”¹⁰⁶ A disputa pelas traduções é uma disputa por autoridade e poder de interpretação. Traduzir Weber era disponibilizar o pensamento weberiano à comunidade americana, mas era também ditar as vertentes interpretativas que seriam adotadas pela sociologia americana. Poderíamos supor que comunidades precisam de líderes.

Texto	Data	Tradutor
<i>General Economic History</i>	1927	Frank Knight
<i>The Protestant Ethic</i>	1930	Talcott Parsons

¹⁰⁴ “Apesar de sua dispersão e relativa marginalidade, esses estudiosos ainda serviam ao propósito de difundir o conhecimento do trabalho de Weber de forma mais ampla do que seria o caso de outra forma, especialmente entre as universidades públicas regionais.” — TL

“*Notwithstanding their dispersion and relative marginality, these scholars still served the purpose of spreading knowledge of Weber's work more widely than would have been the case otherwise, particularly among the regional public universities.*”

SCAFF, Lawrence. *Max Weber in America*. Princeton University Press. Princeton, 2011. Pág 201.

¹⁰⁵ “Havia também disputas de “prioridade”, típicas das ciências, e rivalidades por “direitos” informais a traduções. A situação envolvendo cooperação e competição tornou-se mais complexa pelo fato de que o conhecimento de Weber e a tradução de sua obra ocorreram em dois níveis distintos: no nível do discurso publicamente acessível sobre seu pensamento, alimentado por obras publicadas protegidas por direitos autorais; e ao nível dos textos e conhecimentos produzidos privada ou semipublicamente sobre Weber, acessíveis a públicos selecionados e dando origem a uma espécie de literatura oculta ou “fugitiva”. — TL

SCAFF, Lawrence. *Max Weber in America*. Princeton University Press. Princeton, 2011. Pág 201.

¹⁰⁶ “Quem controlasse a interpretação do trabalho de Weber controlaria o futuro da sociologia.” — TL

OAKES, Guy; VIDICH, Arthur J. *Collaboration, Reputation and Ethics in American Academic Life: Hans H. Gerth and C. Wright Mills*. Southern Illinois University Press. Carbondale, 1999. Pág 6.

<i>Essays in Sociology</i>	1946	Hans Gerth C. Wright Mills
<i>The methodology of the Social Sciences</i>	1949	Edward Shils Henry Finch
<i>The Religion of China: Confucianism and Taoism</i>	1951	Hans Gerth Max Rheinstein
<i>Ancient Judaism</i>	1952	Don Martindale Hans Gerth
<i>On Law in Economy and Society</i>	1954	Edward Shils
<i>The Rational and Social Foundations of Music</i>	1958	Don Martindale Gertrud Neuwirth Johannes Riedel
<i>The Religion of India</i>	1958	Don Martindale Hans Gerth

Tabela III — Traduções de livros

A tradução dos textos de Weber é “[...] what later became the “Weber industry” in the United States.”¹⁰⁷ Uma indústria de produção de capital intelectual. A tradução é feita, aquele indivíduo é elevado à posição de autoridade e utiliza-se desse capital intelectual — emprestado de Weber — para alavancar sua própria teoria.

Pelo caso das traduções de livros, podemos notar a passagem por diversas disciplinas. Weber é compreendido como: a) historiador da economia; b) sociólogo; c) teórico do método; d) historiador. No caso americano, as fronteiras disciplinares se formaram mais rígidas e mais separadas¹⁰⁸. A justificativa é de que a academia nos EUA já tem seu início nos moldes

¹⁰⁷ “[...] o que mais tarde se tornou a “indústria Weber” nos Estados Unidos.” — TL
VIDICH, Arthur J. *With a Critical Eye: An Intellectual and His Times*. Newfound Press. Knoxville, 2008. Pág 220

¹⁰⁸ “Intimamente aliada à ideologia do cientificismo estava uma tendência à fragmentação intelectual e à “divisão” dos domínios do conhecimento em pedaços cada vez menores e mais gerenciáveis. Como um escritor moderno observou com propriedade, “os elogios americanos ao espírito científico forneceram o acompanhamento retórico à especialização institucional.” — TL

“Closely allied with the ideology of scientism was a tendency towards intellectual fragmentation and the “carving up” of knowledge domains into ever smaller and more manageable pieces. As one modern writer has aptly observed, “american paeans to the scientific spirit supplied the rhetorical accompaniment to institutional specialization”.

LUCAS, Christopher J. *Crisis in the Academy: Rethinking higher education in america*. St. Martin 's Griffin Press. New York, 1996. Pág 66.

das ciências humanas fragmentadas. A especialização e a profissionalização já são uma marca das instituições americanas.

Na próxima parte da análise, farei um estudo mais cuidadoso de quatro traduções, com ênfase nos elementos elencados pelos tradutores como relevantes, muitas vezes na forma de uma apresentação ou introdução ao texto. Após uma análise sobre o texto traduzido, irei observar alguma produção feita pelo tradutor posterior à tradução. O objetivo não é tanto observar a tradução em si, mas o que foi produzido a partir dela.

3.1. General Economic History (1927) — Frank Knight

Wirtschaftsgeschichte

As primeiras leituras de Weber nos Estados Unidos foram de economistas que viam em Weber postulações — de um historiador-economista ou de um economista-historiador — sobre a origem do capitalismo em bases distintas àquelas dos marxistas. Como visto anteriormente, o capitalismo é parte constituinte do mundo natural do pensamento americano. Assim sendo, as explicações de sua origem deveriam trazer algo da virtude americana. A explicação marxista vulgar era a de um capitalismo perverso, irracional e repleto de barbárie. A explicação weberiana, como um desenrolar histórico, era mais alinhada com os valores americanos. De uma lado, dialogava com os valores do excepcionalismo econômico, mas também abria margem para que esse excepcionalismo fosse alimentado com conceitos novos. A interpretação de que o capitalismo nada mais era do que um tipo de racionalidade instrumental que ajudava a organizar o mundo se encaixava com os valores americanos que consideravam o capitalismo como algo intrinsecamente americano.

Frank Knight dita os primeiros tons do processo de institucionalização do pensamento weberiano. Quando em 1926 se discutia sobre uma possível incorporação de Weber ao currículo das ciências humanas, Knight já possuía uma tradução pronta de *História Geral da Economia* (HGE), tradução que haveria de ser publicada no ano seguinte. Ele havia traduzido o texto por conta própria e o circulava de forma semipública entre seus alunos. Knight era um economista altamente interessado em questões metodológicas que circundam a compreensão do *Homo Economicus*. Desde a sua graduação, demonstrava grande interesse por pensadores que ultrapassassem a lógica imperante em sua época de que as ciências econômicas tinham como função produzir mais lucro unicamente pelo refinamento matemático. Foi um dos primeiros americanos a transpor Weber para uma esfera de pensamento disposta a abrandar as

fronteiras disciplinares rígidas da academia norte-americana e estava na vanguarda, por assim dizer, de um conceito de ciências econômicas interdisciplinares.¹⁰⁹

Knight buscou em Weber um conceito de economia que fizesse a passagem de uma teoria dedutiva — economia simplesmente matemática — para um triângulo metodológico que consistiria em: a) uma análise psicológica da economia; b) uma interpretação histórica; c) um estudo estatístico. E o grande salto capaz de realizar esse triângulo seria as postulações de Weber sobre a origem do capitalismo e sua relação com o pensamento religioso. Knight comenta, na nota do tradutor, que o capítulo mais importante da HEG é o capítulo XXX, intitulado “A evolução do Espírito Capitalista”.

O texto começa com uma oposição à visão Marxista sobre a origem do capitalismo. Weber coloca que, contrário ao que acreditava Marx, a origem do capitalismo não ocorreu devido ao aumento populacional. Caso isso fosse verdade, o capitalismo teria se iniciado na China. Weber postula que Sombart supôs que a origem do capitalismo teria ocorrido devido ao aumento da disponibilidade de metais, mas que isso ocorreu na Índia e mesmo assim o capitalismo não se desenvolveu lá. Weber ataca os dois pressupostos da economia vigente para a formação do capitalismo, as condições materiais e populacionais. O argumento se constrói: não existiam na China, nem na Índia, as condições culturais para formação do capitalismo. O fator que haveria produzido o capitalismo como uma estrutura permanente de organização dos bens materiais seriam: a) calculabilidade racional; tecnologia racional; c) legislação racional; d) espírito racional; e) a racionalização da conduta mundana; f) ética econômica racionalista. O pressuposto é de que o capitalismo — diferente da visão marxista — não se inicia com o mundo moderno¹¹⁰, mas que é modernizado, assim como diversas outras esferas da vida¹¹¹.

¹⁰⁹ “Mesmo como economista, no entanto, Knight ensinou mais tarde seu seminário sobre Weber não sobre tópicos da história econômica e sobre a natureza e origens do capitalismo, mas sobre Economia e Sociedade. A essa altura, a perspectiva havia mudado, e foi o Weber “interdisciplinar” que uniu as disciplinas de ciências sociais que agora atraíam a atenção.” — TL

“*Even as an economist, however, Knight later taught his Weber seminar not on topics in economic history and the nature and origins of capitalism but on Economy and Society. By then the perspective had shifted, and it was the “interdisciplinary” Weber bridging the social science disciplines who now attracted attention.*” SCAFF, Lawrence. *Max Weber in America*. Princeton University Press. Princeton, 2011. Pág 209.

¹¹⁰ “O capitalismo está presente onde quer que a provisão industrial para as necessidades de um grupo humano seja realizada pelo método da empresa, independentemente da necessidade envolvida.” — TL

“*Capitalism is present wherever the industrial provision for the needs of a human group is carried out by the method of enterprise, irrespective of what need is involved.*”

WEBER, Max. *General Economic History*. Translated by Frank H. Knight. The Free Press, Glencoe. 1927. Pág 275.

¹¹¹ “Embora o capitalismo de várias formas seja encontrado em todos os períodos da história, a provisão das necessidades cotidianas por métodos capitalistas é característica apenas do ocidente e mesmo aqui tem sido o método inevitável apenas desde meados do século XIX.” — TL

A noção de que o nosso mundo moderno possui maior interesse na acumulação de bens é equivocada. Todas as comunidades sempre buscaram acumular a maior quantidade de bens materiais possível. Internamente, existe um limitador de ganhos que se manifesta pela ética da vida comunal. Os laços religiosos geram conflitos que não possibilitam o ganho que exceda o tolerável pela comunidade. Externamente, a inexistência desses laços éticos comunais em relação ao estragêiro, sempre compreendido como o outro, possibilita o ganho sem mensuração. A grande mudança proporcionada pelo mundo moderno foi retirar a produção do âmbito comunal, ao estabelecer a produção de bens na esfera do individualismo. A ética dos ganhos perde seu valor de coletivo. Já é possível notar aqui como esse tipo de pensamento se alinha aos valores do excepcionalismo econômico do individualismo.

Weber demonstra essa mudança na análise da ética econômica medieval. A aversão à impessoalidade é apontada como um dos elementos que impediram o desenvolvimento do capitalismo. Por exemplo: a relação entre mestre/escravo era eticamente regulada porque existia pessoalidade — preceito ético de que o indivíduo não é uma unidade ética autônoma, mas só se comporta de forma ética mediante constrangimento externo —, mas um título de dívidas ou um título de créditos era impessoal, logo, não aceito. A comunidade se forma pela conduta que obedece a ética econômica vigente, então, a população judaica é alheia à comunidade por possuir uma ética religiosa que já trazia consigo uma tradição contínua de trabalho não ligado à terra. Eles poderiam comercializar com as pessoas internas ou externas da comunidade em que se encontram¹¹², logo, possuem a impessoalidade do capitalismo moderno. Mesmo com todos esses fatores que poderiam ter auxiliado na criação do capitalismo, os judeus não são encontrados entre os criadores do capitalismo moderno. Weber justifica que não o foram porque não faziam parte da comunidade, logo não faziam parte das organizações de trabalho, e não faziam parte do Estado legal racional.

Os preceitos éticos da igreja católica rejeitavam as pechinchas, os preços abusivos, a usura e a concorrência livre. Entretanto, o capitalismo mesmo assim se originou, em uma sociedade com valores tão avessos a ele. Knight coloca que a formulação ética sobre o

“While capitalism of various forms is met with in all periods of history, the provision of the everyday wants by capitalistic methods is characteristic of the occident alone and even here has been the inevitable method only since the middle of the 19th century.”

WEBER, Max. *General Economic History*. Translated by Frank H. Knight. The Free Press, Glencoe. 1927. Pág 276.

¹¹² “O judaísmo manteve o dualismo originalmente universal de atitudes morais internas e externas.” — TL
“Judaism had maintained the originally universal dualism of internal and external moral attitudes.”

WEBER, Max. *General Economic History*. Translated by Frank H. Knight. The Free Press, Glencoe. 1927. Pág 359.

capitalismo era a que mais lhe preocupava¹¹³. A origem do capitalismo se encontra no cristianismo devido à aversão à mágica. O capitalismo talvez não tenha se desenvolvido no oriente por causa da mágica que perdurou. Weber cita o caso de terem mudado o trajeto das linhas de trem para não perturbar os espíritos e os lugares mágicos. O racionalismo moderno requer o desencantamento do mundo porque não pode aceitar obstáculos substantivos na construção de formulações. Weber propõe que: a chave para se quebrar com o pensamento mágico é a profecia racional. *"In all times there has been but one means of breaking down the power of magic and establishing a rational conduct of life; this means is great rational prophecy."*¹¹⁴

O que é o excepcionalismo se não uma profecia racionalmente motivada? Ele retira a mágica do mundo e transfere o controle e a responsabilidade da história para a ação humana. Weber continua: outras religiões haviam produzido profecias, mas o indivíduo *"does not regard himself as one sent from God to insist upon the obligation to lead it"*¹¹⁵. O mito da cidade sobre o monte era justificado aqui de forma racional e histórica. A vocação (*Beruf*) é a realização do melhor trabalho possível porque essa foi a missão dada por Deus, assim como a narrativa da missão puritana¹¹⁶. O ascetismo é a conduta metódica da vida, a reforma bane o ascetismo transcendental e o asceta deve performar o ascetismo no mundo prático, assim como pensa o pragmata. A formação dos sectos se dá pela vigília constante dos comportamentos éticos da comunidade¹¹⁷, assim como postulava a filosofia moral. A ciência

¹¹³ KNIGHT, Frank. *The Ethics of Competition and other essays*. Books for Libraries Press. New York, 1935. Pág 184.

¹¹⁴ "Em todos os tempos, houve apenas um meio de quebrar o poder da magia e estabelecer uma conduta racional de vida; isso significa que é uma grande profecia racional." — TL
WEBER, Max. *General Economic History*. Translated by Frank H. Knight. The Free Press, Glencoe. 1927. Pág 362.

¹¹⁵ "Não se considera enviado de Deus para insistir na obrigação de liderá-lo" — TL
WEBER, Max. *General Economic History*. Translated by Frank H. Knight. The Free Press, Glencoe. 1927. Pág 362.

¹¹⁶ "Weber também descreveu racionalização como empenho por perfeição... como um hábil refinamento da conduta da vida e o apreendimento de uma exponencial maestria sobre o mundo externo... ele analisou esta evolução em todas as principais frentes da atividade humana - religião, lei, arte, ciência, política e economia [...]" — TL
"Weber also described rationalization as striving for perfection... as an ingenious refinement of the conduct of life and the attainment of increasingly mastery over the external world... he analyzed its evolution in all major branches of human activity - religion, law, art, science, politics, and economics [...]"
FREUND, Julien. *The sociology of Max Weber*. Random House. New York, 1968. Pág 18. *apud* SICA, Alan. *Max Weber & the New Century*. Transaction Publishers. New Brunswick, 1949. Pág 117.

¹¹⁷ "Os ímpios não podem confiar uns nos outros do outro lado da estrada; eles nos procuram quando querem fazer negócios; piety é o caminho mais seguro para a riqueza." — TL
"The Godless cannot trust each other across the road ; they turn to us when they want to do business ; piety is the surest road to wealth."

é vista como um meio de chegar às necessidades materiais sem necessariamente compactuar com a visão de mundo proposta pela ciência, assim como o *will to believe*. É então que chegamos à talvez mais conhecida constatação de Weber sobre a formação do capitalismo. A culpa e o lucro. A guilda leva à riqueza e a riqueza leva à queda da graça — o calvinismo resolve o problema da acumulação com o preceito da predestinação¹¹⁸. O homem apenas administra as coisas divinas, logo, a graça e a providência são apenas um elemento a mais da natureza. Não se deve sentir culpa pela graça porque ela é a ordem natural de organização das coisas.

Não é que o calvinismo cria o capitalismo, mas o calvinismo cria as condições necessárias para a formação do capitalismo moderno. Knight aponta que essa é a genialidade do pensamento weberiano: observar a formação do capitalismo como a confluência de elementos já disponíveis na realidade poderia criar um meio para construção do mundo novo. Knight partilhava da ideia de que o espírito moderno do capitalismo estaria em contínuo progresso e avanço¹¹⁹. Esse weberianismo otimista em relação ao futuro é muito forte durante a primeira metade do século. Apenas no pós-guerra que se começa a observar a difusão de um Weber mais preocupado com os males modernos¹²⁰.

As narrativas anteriores à chegada de Weber entram em confluência direta com um novo aparato epistemológico. Weber está descrevendo o efeito dessas crenças coletivas ao

WEBER, Max. *General Economic History*. Translated by Frank H. Knight. The Free Press, Glencoe. 1927. Pág 366.

¹¹⁸ “O Calvinismo procurou evitar essa dificuldade através da ideia de que o homem era apenas um administrador do que Deus lhe havia dado; condenava o prazer, mas não permitia a fuga do mundo, mas considerava o trabalho conjunto, com sua disciplina racional, a tarefa religiosa do indivíduo.” — TL

“*Calvinism sought to avoid this difficulty through the idea that man was only an administrator of what God had given him ; it condemned enjoyment, yet permitted no flight from the world but rather regarded working together, with its rational discipline, as the religious task of the individual.*”

WEBER, Max. *General Economic History*. Translated by Frank H. Knight. The Free Press, Glencoe. 1927. Pág 367.

¹¹⁹ “A verdadeira revolução que separa e diferencia a vida econômica moderna (especialmente americana) de tudo o que aconteceu antes é este espírito de 'maior e melhor', a transformação construtiva do mundo e da vida individual através do conhecimento, técnica e organização.” — TL

“*The real revolution separating and differentiating modern (especially American) economic life from all that has gone before is this spirit of 'bigger and better,' the constructive transformation of the world and of individual life through knowledge, technique, and organization.*”

KNIGHT, Frank. Round Table on Economic History. *AER*, 19, March 1929. Pág 158. *apud* ROSS, Dorothy. *The Origins of American Social Science*. Cambridge University Press. Cambridge, 1991. Pág 427.

¹²⁰ “A visão pessimista da burocracia de Max Weber não teve impacto sobre os estudantes americanos de administração até a década de 1950”. — TL

“*Max Weber's pessimistic vision of bureaucracy had no impact on American students of administration until the 1950s.*”

ROSS, Dorothy. *The Origins of American Social Science*. Cambridge University Press. Cambridge, 1991. Pág 452.

guiar o comportamento, a capacidade dessas narrativas em introjetarem-se na vida cotidiana e motivarem a ação. Dessa forma, os elementos descritos no primeiro capítulo apenas ganham uma nova interpretação, mas não se alteram de fato. Weber é usado como um reforço racionalista e moderno para determinados valores da sociedade americana.

A crítica que se fez à tradução foi apenas em relação à precisão histórica¹²¹. Em certos momentos do texto existiram confusões entre datas, séculos e elos de causalidade. Em defesa de Knight, ele havia avisado que faria isso: “[...] notably in the sections dealing with medieval institutions, historical exactness would in any case be impossible without vastly greater length of treatment, and the shade and scope of meaning of many expressions in the original is not clear”¹²² Knight era um economista, seu foco não era na precisão histórica, mas apenas em uma narrativa econômica historicamente orientada. Por mais que esse texto tenha tido pouca difusão e influência limitada, ele ajudou a expor os EUA às concepções weberianas. O efeito de um texto como esse dentro de uma universidade de economia conservadora é de legitimação de um tipo de visão de mundo.

Uma análise por parte dos economistas desenvolveu-se em duas linhas de pensamento. Ambas tentaram extrair uma lógica utilitarista¹²³ do pensamento weberiano : a) a ‘teoria da escolha racional’ utiliza a teoria da ação social weberiana com intuito de criar uma previsibilidade das tomadas de decisão individuais. Um tipo de weberianismo analítico¹²⁴ que coloca o foco sobre a racionalidade objetiva e substantiva dos indivíduos. A exploração desses tipos de racionalismo é o esforço em delinear o *homo economicus*, um todo

¹²¹ NOPPENY, Claus. Frank Knight and the Historical School. In: *Methodology of the Social Sciences, Ethics, and Economics in the Newer Historical School. Studies in Economic Ethics and Philosophy*. Springer, Berlin, Heidelberg, 1997.

¹²² “[...] notavelmente nas seções que tratam das instituições medievais, a exatidão histórica seria, em qualquer caso, impossível sem um tratamento muito maior, e a sombra e o escopo do significado de muitas expressões no original não são claros” — TL

WEBER, Max. *General Economic History*. Translated by Frank H. Knight. The Free Press, Glencoe. 1927. Pág XVI.

¹²³ Seria necessário desenvolver uma argumentação entre a diferença de pragmatismo e utilitarismo. De forma sucinta, o pragmatismo é voltado aos fins práticos que levariam a um resultado e o utilitarismo é voltado aos meios éticos que levariam ao resultado desejado.

¹²⁴ “Nossa interpretação da escolha racional de Weber é aproximadamente análoga às interpretações de Marx propostas recentemente por Elster (1985) e Roemer (1986). Assim como eles delinearum um "marxismo analítico", aqui desenvolvemos um "weberianismo analítico". No entanto, nossos argumentos devem permanecer ou cair em seus próprios méritos, não na legitimidade de Weber.” — TL

“Our rational choice interpretation of Weber is roughly analogous to interpretations of Marx proposed recently by Elster (1985) and Roemer (1986). Just as they outlined an “analytical Marxism,” here we develop an “analytical Weberianism.” However, our arguments must stand or fall on their own merits, not on the legitimacy of Weber.”

KISER, Edgar; HECHTER, Michael. The Debate on Historical Sociology: Rational Choice Theory and Its Critics American. *Journal of Sociology*, Vol. 104, No. 3. November 1998. Pág 798.

racionalizável e autointeressado. Inserir esse indivíduo dentro da ‘natureza capitalista’ é legitimar a ética da acumulação e o individualismo predatório como um elemento formador do triunfo americano. Ela é alinhada com o tipo de ciências sociais americana, tenta analisar certos padrões de ações sociais como parte manipulável e operável da natureza social. b) ‘a empresa capitalista como o ápice da modernidade’: configurou-se no esforço em argumentar que o grande salto moderno não residia no desenvolvimento de um Estado moderno, mas da Empresa moderna. O argumento era de que o Estado havia desenvolvido uma racionalidade obsoleta que afetava o curso natural da sociedade. A empresa capitalista, justamente porque se sustentava sobre os valores do individualismo e da competição, tomava decisões mais racionais se não fossem obstruídas pela razão de Estado.

A quebra da bolsa de valores, em outubro de 1929, colocou as questões econômicas, relativas aos estudos de Weber, em parcial estado de dormência¹²⁵. Entretanto, essa mentalidade da empresa capitalista, como a instituição moderna de fato, ainda está presente nos pensadores que advêm da escola de Chicago.

3.2. *The Protestant Ethics and The Spirit of Capitalism* — Talcott Parsons *Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus*

A grande expansão do pensamento weberiano se dá, sem dúvida, por meio de *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (EPEC), tradução publicada em 1930, que ganhou espaço não apenas no âmbito acadêmico, mas foi um livro amplamente consumido pela população civil. O texto teve tamanho sucesso que a Universidade de Chicago o colocou como leitura obrigatória para os estudantes de graduação dos cursos de ciências humanas (1936). *“The Chicago reforms were the first true “institutionalization” of Weber’s thought in an American university. Given Chicago’s prominence in American higher education, it served as a kind of model for subsequent instructional and curricular innovations.”*¹²⁶

¹²⁵ “Embora o problema mundano do capitalismo tenha chegado com força total, uma exploração acadêmica da “ética do trabalho” e de suas fontes culturais-religiosas por um autor alemão pode muito bem ter parecido uma distração com excessivo brio. O “espírito” do capitalismo havia assumido uma forma muito sinistra.” — TL

“While the worldly problem of capitalism had arrived in full force, a scholarly exploration of the “work ethic” and its cultural-religious sources by a German author may well have seemed a distraction with excessive panache. Capitalism’s “spirit” had assumed too sinister a form.”

SCAFF, Lawrence. *Max Weber in America*. Princeton University Press. Princeton, 2011. Pág 226.

¹²⁶ “As reformas de Chicago foram a primeira verdadeira “institucionalização” do pensamento de Weber em uma universidade americana. Dada a proeminência de Chicago no ensino superior americano, ela serviu como uma espécie de modelo para subsequentes inovações educacionais e curriculares.” — TL

SCAFF, Lawrence. *Max Weber in America*. Princeton University Press. Princeton, 2011. Pág 206.

A institucionalização é relevante sob dois pontos de vista: a) Garante a difusão interpretativa do pensamento weberiano, assim criando um corpo discente e docente que orbita em torno de Weber; b) Solidifica essa tradução como a linguagem na qual se fala sobre Weber. Entretanto, o problema existente é que, mediante a institucionalização, o interlocutor de Parsons deixa de ser outros pesquisadores e passa a ser jovens em processo de formação. A EPEC atinge um número infinitamente maior de pessoas porque ela é ensinada a jovens estudantes que se tornam professores, jornalistas, economistas, advogados etc. Se considerarmos todas as pessoas que estudaram nos cursos de humanas de 1936 até hoje, algumas delas se tornaram professores do ensino secundário, que levaram o pensamento weberiano — ou melhor, o pensamento weberiano-parsoniano — ao léxico da população americana. A difusão das considerações de Parsons sob Weber é dominante pois foi capilarizada, por um longo período, dentro da comunidade americana.

3.2.1. Parsons como tradutor

O contexto de escolha de Parsons como tradutor dessa que seria a obra mais importante para a inserção de Weber nos Estados Unidos, mostra-se problemático. Ainda durante sua graduação, em 1925, Parsons recebe uma bolsa de intercâmbio para ir à Europa. Estabelece-se em Viena por seis meses para um curso preparatório de alemão — língua com a qual não havia tido contato até então — e é designado para Heidelberg por mero acaso. Em Heidelberg, Parsons tem aulas com Alfred Weber, Karl Jaspers e Karl Mannheim. Em julho de 1927, Parsons defende seu trabalho de conclusão de curso intitulado ‘Capitalismo na Literatura Germânica Recente’ (*Capitalism’ in Recent German Literature*), pela Universidade de Chicago. Recém-graduado, Parsons envia uma carta para Marianne Weber, solicitando que ele fosse considerado como tradutor da obra.

Parsons quickly became Marianne’s candidate and her support was strong and consistent; indeed, she spoke of him with great warmth to the end of her life in 1954. What they shared throughout decades of contact and friendship, interrupted only by the war, was the love for Max Weber and his work. Without this special relationship—without Parsons’s stubborn dedication and Marianne Weber’s unwavering support, accepted by Siebeck—it is highly improbable the translation would have appeared at all, and certainly not when it did.¹²⁷

Scaff insiste que Marianne Weber defendeu Parsons como tradutor da obra em detrimento de tradutores já consagrados que também se propuseram a traduzir o texto. No momento em questão, Parsons tinha 24 anos de idade, apenas 3 anos de contato com os trabalhos de Weber, 4 anos de contato com o idioma alemão e nenhuma tradução em seu currículo¹²⁸. Parsons é descrito como um jovem ambicioso, carismático e vindo de boa família. Bem visto pela elite intelectual de Heidelberg, Parsons passou de um garoto carismático para um dos indivíduos mais importantes do weberianismo no mundo anglófono.

À parte da clara falta de *curriculum* de Parsons para realizar essa tradução, havia um segundo debate: o esforço de empregar unidade ao trabalho parecia vão, como ainda parece hoje, mas o caminho escolhido foi a ‘invenção’ do texto a ser traduzido. Com exceção de Marianne, nenhum dos editores queria que a obra fosse traduzida como um trabalho isolado:

¹²⁷ “Parsons rapidamente se tornou o candidato de Marianne e seu apoio era forte e consistente; na verdade, ela falou dele com grande calor até o fim de sua vida em 1954. O que eles compartilharam ao longo de décadas de contato e amizade, interrompidos apenas pela guerra, foi o amor por Max Weber e seu trabalho. Sem esse relacionamento especial — sem a dedicação teimosa de Parsons e o apoio inabalável de Marianne Weber, aceito por Siebeck — é altamente improvável que a tradução tivesse aparecido, e certamente não quando apareceu.” — TL

SCAFF, Lawrence. *Max Weber in America*. Princeton University Press. Princeton, 2011. Pág 216.

¹²⁸ “A outra fraqueza óbvia era seu *status e bona fides*: mal saído da pós-graduação em 1927 aos vinte e quatro anos, um acadêmico desconhecido e muito jovem, nenhuma palavra publicada em seu nome, sem título de doutor, sem universidade permanente emprego. Nessas circunstâncias, é notável que ele tenha sido considerado! E, de fato, no início ele mal era, e mesmo no final, outros “tradutores especializados” não identificados foram convidados pelos editores para intervir e avaliar seu trabalho.” — TL

“*The other obvious weakness was his status and bona fides: barely out of graduate study in 1927 at the age of twenty-four, an unknown and very junior scholar; not a published word to his name, without a doctoral degree, without permanent university employment. Under the circumstances it is remarkable he was considered at all! And in fact, at first he barely was, and even to the very end other unnamed “expert translators” were invited by the publishers to intervene and evaluate his work.*”

SCAFF, Lawrence. *Max Weber in America*. Princeton University Press. Princeton, 2011. Pág 216.

“I still think that he [Oskar Siebeck] is right on that [not publishing “The Protestant Ethic” alone in translation]. I do think that the work as a whole is essentially a unit, and that for the proper understanding of Weber’s work it would be too bad to break it up. Also I think that it would prove to be popular and that when the one part became known there would be a considerable demand for the rest. Around here people are talking about it a good deal and I think it would be widely read” (November 12, 1927; TPP).¹²⁹

Por parte dos editores, leitores sistemáticos de Weber, existia a consideração de que a obra isolada criaria confusão entre os leitores. O argumento era que a EPEC, traduzida separadamente dos demais trabalhos da sociologia da religião, seria apenas um texto que associava o capitalismo moderno a um tipo de religião. Nisso se perderia o grande arco epistemológico de observação da modernidade. O protestantismo seria observado como um catalisador da modernidade e se perderia de vista a constituição do mundo moderno. O capitalismo seria visto como o ente fundador da modernidade. O que ocorreu foi justamente o previsto pelos editores do texto. A EPEC não era o ponto de chegada das análises de Weber sobre a modernidade, mas o ponto de partida da definição da modernidade ocidental. A distinção relevante não seria entre Europa e América, como foi recebido nos EUA, mas entre o moderno e o antigo. Não o porquê do capitalismo ter tido sucesso na América, mas quais condições levaram à formação da racionalidade moderna.

3.2.2. Críticas à tradução de Parsons

Mesmo com todo esse debate, Parsons foi escolhido como tradutor. Debater se uma tradução é válida ou não é um problema em si mesmo. Algumas traduções servem propósitos distintos de outras. Este trabalho pode conter traduções equivocadas, pelo simples fato de ter sido traduzido por um indivíduo com uma certa subjetividade. Toda tradução é problemática porque não há equivalente linguístico entre idiomas. Traduzir é apenas o ato de produzir um novo texto em um novo sistema lógico, gramatical e semântico. Então, não existem traduções perfeitas, o melhor que podemos buscar são traduções fidedignas. Se uma tradução fidedigna é aquela que transporta a semântica e a intenção do autor de um aparato linguístico para outro, supondo que isso seja possível, não foi o que ocorreu com a EPEC nas mãos de

¹²⁹ “Ainda acho que ele [Oskar Siebeck] está certo sobre [não publicar “The Protestant Ethic” como uma tradução isolada]. Eu realmente acho que o trabalho como um todo é essencialmente uma unidade e que, para o entendimento adequado do trabalho de Weber, seria muito ruim separá-lo. Também acho que se tornaria popular e que quando uma parte se tornasse conhecida, haveria uma demanda considerável pelas demais. Por aqui as pessoas falam muito sobre isso e acho que seria muito lido.” — TL
SCAFF, Lawrence. *Max Weber in America*. Princeton University Press. Princeton, 2011. Pág 218.

Parsons. O processo de tradução foi tortuoso e durou três anos. Em 1929, um dos revisores da tradução de Parsons teve isso a dizer: “*I cannot, as I told you, assume responsibility for the accuracy of the translation (...)*”¹³⁰. O texto passou pelas mãos de diversas editoras que se negavam a trabalhar com Parsons na posição de tradutor. Outro revisor coloca a própria competência de Parsons em compreender Weber sob questão:

It is very difficult for me to judge Parsons’s translation,(...) But if Parsons’s text is not understandable to readers of English, then in my opinion we must authorize the English firm to have it revised, to be sure by someone schooled in the science who takes on the task of remaining as true to the content as possible. Of course it is the concentrated content of the sentences that produces such difficulties (1) of understanding and (2) of translation. (November 26, 1928).¹³¹

Os problemas linguísticos já foram amplamente debatidos¹³², mas gostaríamos de deixar apenas uma pequena amostra¹³³. Parsons traduziu o conceito de *Entwicklung* como ‘progresso’, tradução menos que ideal tendo em vista que *Entwicklung* faria mais sentido — dentro do panorama do pensamento weberiano — com a ideia de ‘desenvolvimento’. A opção de Parsons poderia gerar um senso teleológico no pensamento weberiano e apenas ampliar as confusões em torno do texto.

¹³⁰ “Não posso, como vos disse, assumir a responsabilidade pela veracidade da tradução (...)” — TL
SCAFF, Lawrence. *Max Weber in America*. Princeton University Press. Princeton, 2011. Pág 221.

¹³¹ “É muito difícil para mim julgar a tradução de Parsons, (...) Mas se o texto de Parsons não é compreensível para os leitores de inglês, então, em minha opinião, devemos autorizar a empresa inglesa a revisá-lo, com certeza por alguém educado em a ciência que assume a tarefa de permanecer o mais fiel possível ao conteúdo. Claro que é o conteúdo concentrado das frases que produz tais dificuldades (1) de compreensão e (2) de tradução. (26 de novembro de 1928).” — TL
SCAFF, Lawrence. *Max Weber in America*. Princeton University Press. Princeton, 2011. Pág 220.

¹³² Recomendo: WELLS, Gordon C. Issues of Language and Translation in Max Weber's Protestant Ethic Writings. *Max Weber Studies*. Vol. 2, No. 1 (November 2001), pp. 33-40

¹³³ “Quanto à célebre terminologia conceitual, depois de todas essas leituras [...] o vocabulário básico pelo qual Parsons é tão famoso permaneceu intacto: normalmente "conduta" ou simplesmente "Vida" para *Lebensführung*, "vida" ou "forma (também 'tipo' e 'maneira') de vida" de *Lebensstil*, "eliminação da magia do mundo" de *Entzauberung der Welt*, "indivíduo histórico" de *historisches Individuum*, o “correlações” flagrantes de *Wahlverwandtschaften* (“afinidades eletivas”) e, mais importante, "gaiola de ferro" de *stahlhartes Gehäuse* (literalmente, "um invólucro duro como aço")” — TL
“As for the celebrated conceptual terminology, after all these readings [...] the basic vocabulary for which Parsons is so famous remained intact: typically “conduct” or simply “life” for *Lebensführung*, “life” or “way (also ‘type’ and ‘manner’) of life” for *Lebensstil*, “elimination of magic from the world” for *Entzauberung der Welt*, “historical individual” for *historisches Individuum*, the egregious “correlations” for *Wahlverwandtschaften* (“elective affinities”), and, most important, “iron cage” for *stahlhartes Gehäuse* (literally, “a casing as hard as steel”)”
SCAFF, Lawrence. *Max Weber in America*. Princeton University Press. Princeton, 2011. Pág 223.

Immersed in the text, Parsons was now on the trail of the people he knew, their ethos, their moral personalities, himself among them. The author's message to his detective-reader should have been *de te narratur fabula* (this story is about you), a line Weber actually did use elsewhere. The cultural significance of the "Protestant ethic" and the "spirit of capitalism" for Americans like Parsons, this retelling of the most compelling narrative of the founding of "America" and its moral order, its "habits of the heart" in Alexis de Tocqueville's words, is one of the essential clues to understanding the Weber phenomenon in the United States.¹³⁴

A grande crítica feita era de que Parsons estava traduzindo Weber não para o público anglófono, mas para o leitor estadunidense, ou melhor dizendo, para os seus pares universitários. A tradução se construía na forma de uma grande narrativa sobre o sucesso econômico, político e social dos Estados Unidos visto pelos olhos de um europeu. Os temas sobre a modernidade — que hoje consideramos mais apropriadamente lidos como fatores sobre a modernidade ocidental — transformaram-se em temas provincianos que aparentavam carregar os moldes do excepcionalismo como filosofia da história americana.

Apesar dos problemas de tradução de EPEC, o debate tem menos relação com questões linguísticas dispostas no texto e possui maior relação com a recepção dessa primeira tradução. Tão problemática quanto seja, deve ser tratada como um documento histórico. Mesmo com todas as críticas, o texto publicado em 1930 foi difundido pelos EUA de forma considerável. Inseriu um novo léxico no debate intelectual que expandiu a rede de indivíduos que visavam o pensamento weberiano como projeto. As contribuições — corretas ou equivocadas — de Parsons permitiram a expansão do pensamento weberiano nos EUA¹³⁵, e, conseqüentemente, o desenvolvimento de uma comunidade intelectual.

¹³⁴ "Imerso no texto, Parsons estava agora na trilha das pessoas que ele conhecia, seus ethos, suas personalidades morais, ele mesmo entre eles. A mensagem do autor para seu detetive-leitor deveria ter sido *de te narratur fabula* (esta história é sobre você), uma frase que Weber realmente usou em outro lugar. O significado cultural da "ética protestante" e do "espírito do capitalismo" para americanos como Parsons, esta releitura da narrativa mais convincente da fundação da "América" e sua ordem moral, seus "hábitos do coração" as palavras de Alexis de Tocqueville, é uma das pistas essenciais para a compreensão do fenômeno Weber nos Estados Unidos." — TL

SCAFF, Lawrence. *Max Weber in America*. Princeton University Press. Princeton, 2011. Pág 214.

¹³⁵ "Do lado positivo, a exposição de Parsons foi eminentemente bem-sucedida como importação intelectual, pelo menos de maneira formal; desde o final dos anos 1930, Weber tem recebido uma estatura singular na sociologia de língua inglesa com muito mais frequência do que em sua terra natal". — TL

"On the positive side, Parsons' exposition was eminently successful as intellectual importation, at least in a formal way; since the late 1930s, Weber has been accorded a singular stature in English-language sociology far more often than in that of his homeland."

COHEN, Jere; HAZELRIGG, Lawrence E.; POPE, Whitney. De-Parsonizing Weber: A Critique of Parsons' Interpretation of Weber's Sociology. *American Sociological Review*, Vol. 40, No. 2. Apr., 1975. Pág. 229.

3.2.3. *Impacto da EPEC*

Discutir se esses problemas de tradução foram intencionais, ou mero fruto da subjetividade espontânea de Parsons, parece produzir excessivas conjecturas. Porém, existem rumores de que o texto foi traduzido da forma que foi em busca do mercado editorial americano, o que definitivamente ocorreu: o livro foi um sucesso até entre a população civil e os conceitos foram introjetados na esfera do debate público. Os conceitos da EPEC foram tão capilarizados no debate americano que 37 anos após a publicação, o Dr. Martin Luther King Jr disse:

We have deluded ourselves into believing the myth that capitalism grew and prospered out of the Protestant ethic of hard work and sacrifice. The fact is that capitalism was built on the exploitation and suffering of black slaves and continues to thrive on the exploitation of the poor — both black and white, here and abroad.¹³⁶

A narrativa presente na EPEC parece ter sido o texto perfeito para o momento ideal dos EUA. Em 1930, o espírito americano sofria de um certo desalento causado pela crise do sistema financeiro. A Grande Depressão abala não apenas o sistema econômico, mas a confiança que a população depositava no Estado e no Mercado — como apontado no ponto 3.3 e 3.4 do primeiro capítulo. O Estado representa a lança e o Mercado o martelo da missão puritana. Essa crise de confiança, associada aos temores gerados pela revolução bolchevique de 1917, colocavam o excepcionalismo americano em cheque. Uma narrativa que associava o sucesso americano a um valor, historicamente construído, mas intrínseco à moralidade individual, era exatamente o que a sociedade americana — e por sociedade, inclui-se os intelectuais — precisavam.

O ascetismo encaixava-se como uma luva em um momento de grande privação material. Para quem não tem o que comer, o melhor é jejuar¹³⁷. A igreja organizava os *foodlines*, que distribuía comida, e como se é de esperar, momentos de crise são ótimos momentos para retorno à tradição. A grande depressão foi um momento de grande expansão

¹³⁶ “Nos iludimos acreditando no mito de que o capitalismo cresceu e prosperou a partir da ética protestante de trabalho árduo e sacrifício. O fato é que o capitalismo foi construído sobre a exploração e o sofrimento de escravos negros e continua a prosperar com a exploração dos pobres - tanto negros quanto brancos, aqui e no exterior.” — TL

Aug. 31, 1967 — Dr. Martin Luther King Jr

<https://www.pri.org/stories/2017-12-04/smiley-capitalism-has-always-been-built-back-poor-both-black-and-white>

¹³⁷ Acredito que esta frase seja retirada de um texto de Camus que me veio à memória, mas não consegui recuperar a referência.

da vida comunitária religiosa, principalmente nas comunidades urbanas¹³⁸ que passaram a depender da igreja para ter acesso a comida e roupas.

Ao mesmo tempo em que a igreja acalentava os miseráveis, atribuía-se a culpa daquela situação às elites do sistema financeiro. Podemos ver aqui duas dinâmicas: a) a matriz narrativa do Urbano *versus* Rural é restabelecida, homens que perderam sua americanidade ao viver e trabalhar sem sujar suas roupas são culpabilizados pelo desastre econômico-social. A elite urbana sempre foi alvo de críticas, mas o estilo de vida extravagante dos anos 20 eram assustadores para a parcela mais conservadora dos EUA. Do consumo de álcool — apesar da lei seca (1920-1933) — a uma certa tolerância sexual¹³⁹, o ambiente urbano parecia decadente e pecaminoso. A situação ter sido atribuída aos banqueiros e aos operadores do sistema financeiro correspondia a uma comprovação da degeneração urbana. Eram homens que haviam abandonado o ascetismo e a ética do “trabalho real”; b) os banqueiros foram responsabilizados, profissão tradicionalmente associada, erroneamente, à população judaica¹⁴⁰. Ou seja, por mais que a grande depressão tenha sido causada por uma crise do liberalismo econômico — falta de regulação dos bancos por parte do Estado —, ainda era possível criticar indivíduos por sua ética de trabalho corrompida ou inexistente.

Os elementos: os conceitos da EPEC — “progresso” e “conduta moral”, opções de Parsons, pareciam muito apropriados para o momento, pois unia a narrativa de sucesso moralmente motivado com uma reafirmação dos valores já disponíveis na sociedade —, um certo antissemitismo em estado de potência e um conservadorismo moral. O texto foi lido como uma proposta de retorno ao tradicional como uma forma de modernizar-se. Ideia com alto poder de aceitação se considerarmos os valores que fundaram e construíram a sociedade americana. O excepcionalismo ganhava uma nova roupagem em um momento de grande tribulação social.

¹³⁸ Recomendo: FLYNN, George Q. *American Catholics & the Roosevelt Presidency, 1932–1936*. Lexington: University of Kentucky Press, 1968.

¹³⁹ Recomendo: CLARK, Shellie. The Sexual Revolution of the "Roaring Twenties": Practice or Perception? *History: A Journal of Student Research*: Vol. 1, Article 7. 2016.

¹⁴⁰ Recomendo: STRONG, Donald S. *Organized Anti-Semitism in America: The Rise of Group Prejudice During the Decade 1930–40*. Washington, DC: American Council on Public Affairs, 1941.

3.2.4. *The Structure of Social Action (1937)*

Essa tradução da EPEC fica por 72 anos como a tradução hegemônica do mundo anglófono¹⁴¹. Talcott Parsons, no momento da publicação do texto, com seus 28 anos, se torna a grande autoridade sobre as questões weberianas nos EUA. Imbuído dessa autoridade, leva o léxico weberiano para o debate público e acadêmico.

No entanto, com os desastrosos da Segunda Guerra Mundial, o centro de gravidade da discussão em torno do significado da obra de Weber atravessa o Atlântico e, em terras norte-americanas, especialmente por conta da influência de Talcott Parsons (1937), a temática da racionalização dá lugar ao conjunto de seus escritos teórico-metodológicos, passando a teoria weberiana da ação a ocupar o posto central como chave interpretativa de seu pensamento.¹⁴²

Estrutura da Ação Social (1937) foi o texto de Parsons difundido pelas academias como uma introdução e interpretação do trabalho de Weber. Esse trabalho contribuiu para moldar o pensamento weberiano nos Estados Unidos e é considerado “*one of the most influential works of sociological theory written originally in English.*”¹⁴³ O texto auxiliou na formação de diversos weberianos nos EUA. Estando corretas ou equivocadas, as palavras de Parsons foram largamente utilizadas pelos weberianos americanos. Parsons trazia consigo o título de tradutor da obra weberiana mais lida nos Estados Unidos e era dificilmente contestado. Parsons desejou estabelecer-se não apenas como um leitor e intérprete, mas como um herdeiro de Weber. Em seu posto de autoridade, Parsons afirmava quais eram os pontos relevantes do trabalho de Weber, colocava-se como o fiel da balança entre as interpretações e afirmações feitas e afirmava uma certa continuidade entre o projeto de Weber e o seu próprio. Ao demonstrar continuidades — entre aquilo que era de Weber e seu trabalho —, Parsons reafirmava seu caráter de autoridade e criava uma linha interpretativa que partia de Weber mas não era possível delimitar onde se separava Weber de Parsons.

¹⁴¹ “A EPEC não só apareceu cedo, mas alcançou uma longevidade impressionante: por setenta e dois anos a versão atribuída a Parsons reinou como a única autoridade para o mundo anglófono.” — TL
“*PESC not only appeared early but achieved impressive longevity: for seventy-two years the version attributed to Parsons reigned as the sole authority for the Anglophone world.*”
SCAFF, Lawrence. *Max Weber in America*. Princeton University Press. Princeton, 2011. Pág 211.

¹⁴² SELL, Carlos Eduardo. Racionalidade e Racionalização em Max Weber. *RBCS* Vol. 27 n° 79 junho/2012. Pág 155.

¹⁴³ “Uma das obras mais influentes da teoria sociológica escrita originalmente em inglês.” — TL
COHEN, Jere; HAZELRIGG, Lawrence E.; POPE, Whitney. De-Parsonizing Weber: A Critique of Parsons' Interpretation of Weber's Sociology. *American Sociological Review*, Vol. 40, No. 2. Apr., 1975. Pág 229.

O funcionalismo estrutural (*structural functionalism*) de Parsons tentou formular um novo tipo de sociologia. Ele acreditava que seria revolucionário a convergência entre Max Weber e Émile Durkheim. Este observa a sociedade como partes que constituem um todo, uma visão micro-macro da sociedade, mas que parte da lógica de que a coesão é a chave para compreensão da realidade social. Não apenas as formas que levaram à formação de uma unidade, mas como essa unidade se mantém estável e harmônica. Durkheim acreditava que a coesão social era uma característica que mostrava interdependência entre indivíduos, e que se dava pela ausência de conflitos e pelo conjunto de normas — cívicas e sociais — que guiam a ação do indivíduo em uma sociedade. Esse conjunto de normas emerge do fato social. A causa do fato social deve ser determinada pelos fatos sociais que o precederam e não dos atos conscientes de indivíduos¹⁴⁴. Logo, a subjetividade individual não poderia ser parte da formulação de uma afirmação sociológica porque a subjetividade é apenas o efeito do fato social, não o fato social em si.

Weber, por outro lado, observa o mundo social de uma forma bastante distinta. A sociologia da compreensão parte do pressuposto de que a ação é um comportamento no qual o indivíduo age motivado por significados e sentidos subjetivos. A interpretação causal funciona quando os motivos da ação são apreendidos por meio da descrição de significados. Weber acreditava que encontrar a intenção era a grande vantagem que as ciências humanas têm em relação às ciências naturais. Nós podemos ter empatia para/com nosso objeto. Compreender é delinear que, dadas as devidas condições, indivíduos tomam decisões baseadas em significados adquiridos pela experiência e pela cultura. Esses significados podem ser encaixados dentro de categorias de racionalidade que motivam a ação. Essas categorias podem ser divididas em quatro. a) *Instrumental rational*, uma racionalidade orientada a fins, previsibilidade, calculabilidade etc ; b) *value rational*, cultura atribui valor à realidade, e o indivíduo se organiza a partir desse valores; c) *effectual*, motivado por afetos, emoções; d) *traditional*, motivada pela tradição e pela recorrência.

A sociedade, dentro do pensamento weberiano, é uma batalha de forças entre indivíduos que são agentes de suas próprias ações. Existe uma distinção entre poder (*Macht*) e dominação (*Herrschaft*). ‘Poder’ é a capacidade de condicionar alguém à ação mesmo com

¹⁴⁴ “A causa determinante de um fato social deve ser buscada entre os fatos sociais que o precedem e não entre os estados de consciência individual.” — TL

"The determining cause of a social fact should be sought among the social facts preceding it and not among the states of the individual consciousness."

DURKHEIM, Émile. *The Rules of Sociological Method*. Tr. by Sarah A. Solovay and John H. Mueller. New York: Free Press, 1950. Pág 110 apud POPE, Whitney; COHEN, Jere; and HAZELRIGG, Lawrence. On the Divergence of Weber and Durkheim: A Critique of Parsons' Convergence Thesis. *American Sociological Review*, Vol. 40, No. 4. Aug., 1975. Pág. 420.

resistência, ou seja, pela coerção; e dominação é a sublimação dessa sujeição pela internalização de princípios.¹⁴⁵ Segundo o esquema de Weber, podem existir três formas legítimas de dominação: a) a dominação legal racional, razão de Estado gerida pela burocracia; b) a dominação tradicional, que se origina na crença de que o passado desenvolveu formas hierárquicas de organização comprovadamente eficientes pelo sucesso em constituir a sociedade atual; c) a dominação carismática, que é a o cumprimento de ordens que advêm de alguém dotado de qualidades extraordinárias. Todo esse aparato é infinitamente mais complexo do que colocado aqui, a síntese é apenas para criar o ambiente necessário para fazer a crítica ao funcionalismo parsoniano que se atém apenas aos parâmetros normativos da ação.

Parsons foca no aspecto normativo da teoria da ação de Weber para tentar convergir com Durkheim. Não é suficiente que exista um voluntarismo entre a ação e as normas, mas que *"there is no such thing as action except as effort to conform with norms"*¹⁴⁶. As normas são fruto das ações, não regidas por elas. Se o voluntarismo é a ação, externamente motivada e obedecida por meios não coercitivos, existe — nem que seja no nível da crença — a concepção de que obedecer é a melhor alternativa, seja porque quem deu a ordem tem motivos legítimos para ordenar ou a obediência é o mal menor. O voluntarismo de Parsons supõe que só existe ação orientada às normas e os desvios são a tentativa de chegar a elas, excluindo a existência de ações voluntárias não normativas. A existência da norma é praticamente irrelevante, a obediência ocorre pela constatação de que é o mal menor ou de que a desobediência é simplesmente inconveniente¹⁴⁷. Isso não é negar a existência de

¹⁴⁵ "A. "Poder" (*Macht*) é a probabilidade de que um ator dentro de uma relação social estará em posição de realizar sua própria vontade apesar da resistência, independentemente da base sobre a qual essa probabilidade se baseia. B. "Dominação" (*Herrschaft*) "é a probabilidade de que um comando com um determinado conteúdo específico seja obedecido por um determinado grupo de pessoas. "Disciplina" é a probabilidade de que, em virtude da habituação, um comando receberá obediência imediata e automática em formas estereotipadas, por parte de um determinado grupo de pessoas." — TL

*"A. "Power" (*Macht*) is the probability that one actor within a social relationship will be in a position to carry out his own will despite resistance, regardless of the basis on which this probability rests. B. "Domination" (*Herrschaft*) "is the probability that a command with a given specific content will be obeyed by a given group of persons. "Discipline" is the probability that by virtue of habituation a command will receive prompt and automatic obedience in stereotyped forms, on the part of a given group of persons."*

WEBER, Max. *Economy and Society: An Outline of Interpretive Sociology*. Bedminster Press. New York, 1968. Pág 53.

¹⁴⁶ "não existe tal coisa como ação, exceto como esforço para se conformar com as normas" — TL
TALCOTT, Parsons. *The Structure of Social Action*. Free Press. Glencoe, 1949. Pág 76.

¹⁴⁷ "A estabilidade da ação meramente costumeira repousa essencialmente no fato de que a pessoa que não se adapta a ela está sujeita a inconveniências e aborrecimentos menores e maiores, desde que a maioria das pessoas com quem entra em contato continuem a defender o costume e se conformar com ele." — TL

elementos normativos que conduzem à ação, mas Parsons ignora a distinção entre convenção e lei¹⁴⁸. Para ser justo, poderia-se argumentar que essa distinção só seria melhor delineada em *Economia e Sociedade* (1968) e no momento da escrita de *The Structure of Social Action* (1937) não se havia traduzido e esmiuçado esse fragmento do pensamento weberiano.

Enquanto Parsons estava correto sobre um interesse de Weber por questões normativas, restringir a totalidade das ações às normas é uma “interpretação criativa”, como aponta Scaff. A ênfase normativa se dá pelo seu desejo de conciliar um pensamento weberiano com um pensamento durkheimiano. O estruturalismo funcionalista de Parsons foca na ‘autoridade’ e pressupõe que o estado natural de uma sociedade é o equilíbrio. Desse ponto de vista, a autoridade ordena, pois é legítimo que ela dê ordens e a obediência leva à harmonia social. É compreensível que esse tipo de teoria social faça sentido para uma mentalidade conservadora de mundo¹⁴⁹, entretanto Weber observa a sociedade como uma *struggle for power* em que não existe essa direção necessária à ordem. *Herrschaft*, traduzido como autoridade, não dominação, é um termo que colocaria o conceito no âmbito de um tipo de controle social válido e necessário para o funcionamento da sociedade.

“The stability of merely customary action rests essentially on the fact that the person who does not adapt himself to it is subjected to both petty and major inconveniences and annoyances as long as the majority of the people he comes in contact with continue to uphold the custom and conform with it.”

WEBER, Max, *Economy and Society: An Outline of Interpretive Sociology*. Bedminster Press. New York, 1968. Pág 30.

¹⁴⁸ ““Convenção” deve ser estritamente distinguida do direito consuetudinário. [...] Segundo a terminologia usual, a validade de uma norma como direito consuetudinário consiste na própria probabilidade de que um aparato coercitivo entre em ação para sua aplicação, embora resulte de mero consenso e não de promulgação. A convenção, ao contrário, é caracterizada pela própria ausência de qualquer aparato coercitivo, ou seja, de qualquer grupo, pelo menos relativamente claramente delimitado, de pessoas que se manteriam continuamente prontas para a tarefa especial de coerção legal por meios físicos ou psicológicos.” — TL

““Convention” must be strictly distinguished from customary law. [...] According to the usual terminology, the validity of a norm as customary law consists in the very likelihood that a coercive apparatus will go into action for its enforcement although it derives from mere consensus rather than from enactment. Convention, on the contrary, is characterized by the very absence of any coercive apparatus, i.e., of any, at least relatively clearly delimited, group of persons who would continuously hold themselves ready for the special task of legal coercion through physical or psychological means.”

WEBER, Max, *Economy and Society: An Outline of Interpretive Sociology*. Bedminster Press. New York, 1968. Pág 320.

¹⁴⁹ “A tendência da ciência social americana de enfatizar o determinismo social nas psicologias funcionais remonta a Talcott Parsons.” — TL

“The tendency of American social science to emphasize the social determinism in functional psychologies has been traced back to Talcott Parsons.”

ROSS, Dorothy. *The Origins of American Social Science*. Cambridge University Press. Cambridge, 1991. Pág 155.

Today we should reassess Parsons's PESC, but not simply because it is riddled with errors. We should do so because it is important as a socially constructed artifact, an exemplar of the vagaries of "authorship." Of course, each generation reads a text with its own problems in mind, and a new generation will read it differently and feel the need understandably to render the original more intelligible, more vivid and more accessible to the zeitgeist.¹⁵⁰

Reavaliar Parsons não é um esforço em tentar retirá-lo do hall de grandes weberianos, é apenas tratá-lo criticamente para evitar que o lugar de Parsons se confunda com o lugar de Weber. O fato de que o funcionalismo parsoniano foi altamente influente na sociologia americana é mais relevante que as possíveis interpretações criativas que ele tenha produzido sobre Weber. Por mais que se critique Parsons, uma das suas contribuições foi retirar Weber do eixo economicista: apesar de manter uma visão naturalista evolutiva da história, ele rejeita a concepção de que a ordem econômica é parte da natureza¹⁵¹.

3.3. *From Max Weber: Essays in Sociology (1946) - Mills and Gerth*

No pós-guerra, existe uma grande onda de leitura que levaria Weber a passar de um sociólogo que tem os EUA como seu objeto, para ser tratado como um teórico das ciências humanas¹⁵². Em grande medida essa mudança se dá devido a um alto número de intelectuais que saem da Europa e buscam refúgio nos EUA. Esses imigrantes se juntam à *New School for Social Research* com uma concepção de academia voltada aos temas universais. Devido à grande força do excepcionalismo, a academia americana havia ganhado status de

¹⁵⁰ "Hoje devemos reavaliar o EPEC de Parsons, mas não simplesmente porque está repleto de erros. Devemos fazer isso porque é importante como um artefato construído socialmente, um exemplo dos caprichos da "autoria". Claro, cada geração lê um texto com seus próprios problemas em mente, e uma nova geração irá lê-lo de forma diferente e sentir a necessidade compreensivelmente de tornar o original mais inteligível, mais vívido e mais acessível ao zeitgeist." — TL

SCAFF, Lawrence. *Max Weber in America*. Princeton University Press. Princeton, 2011. Pág 227

¹⁵¹ Parsons: "[...] elogia a rejeição da crença de que existe um "interesse próprio natural "e que a ordem econômica ocidental é natural." — TL

Parsons: "[...] praises the rejection of the belief that there is a "natural self-interest" and that the occidental economic order is natural."

HONIGSHEIM, Paul. *The Unknown Max Weber*. New Jersey: Transaction Publisher. 2003. Pág 268.

¹⁵² [...] "mundo bastante paroquial das ciências sociais americanas", as melhorias dramáticas do pós-guerra devido em parte à disponibilidade de traduções baratas em teoria social e o papel oposicionista de Weber como uma alternativa ao mero localismo e provincianismo e como um estudioso "cosmopolita" que "vê as coisas em termos da grande história mundial". — TL

[...] "rather parochial world of American social science," the dramatic postwar improvements due partly to the availability of inexpensive translations in social theory, and Weber's oppositional role as an alternative to mere localism and provincialism and as a "cosmopolitan" scholar who "sees things in grand world historic terms."

SCAFF, Lawrence. *Max Weber in America*. Princeton University Press. Princeton, 2011. Pág 206.

“provincianismo intelectual e cultural”. Até mesmo a EPEC trazia um valor provinciano, por mais que o texto fosse sobre a modernidade ocidental. Nos EUA se tornou uma narrativa reflexiva. Enquanto a EPEC trazia um tom de eleger certas ‘virtudes’ dos EUA — seja isso inerente à obra ou à tradução —, o texto de Gerth e Mills trazia uma visão de Weber menos romantizada sobre os Estados Unidos. “*We are beginning to appreciate what aspects of the Weberian legacy were lost in functionalist-dominated postwar sociology*”¹⁵³. Aqui há a consideração de que o sucesso do mundo moderno americano viria acompanhado de males modernos. Diferente da EPEC, os *Ensaio de Sociologia* (ES) vinham carregados de um certo pessimismo em relação ao futuro e à modernidade. Essa passagem de um Weber provinciano para um Weber cosmopolita não é fruto apenas dos imigrantes. O texto, traduzido por Hans H. Gerth e C. Wright Mills, mostra-se como um ponto de virada da comunidade weberiana nos Estados Unidos. A EPEC foi um texto popular e amplamente difundido, entretanto ES elevou Weber ao status de uma alternativa plausível para uma teoria das ciências sociais americanas. A tradução oferecia certo valor didático, sua linguagem era mais próxima de um de compêndio da obra de Weber para uso em sala de aula. Gerth e Mills escreveram diversos pequenos ensaios explicando alguns pontos sobre Weber. Surgia um Weber mais cosmopolita, tanto em temas quanto na orientação metodológica, daquele visto na EPEC.

Em uma análise biográfica da vida de Weber, Gerth e Mills analisam a viagem que Weber fez aos EUA (1904). É apontado que o entusiasmo de Weber com os EUA era uma mistura de fascínio e medo. Ele chamou os arranha-céu de Manhattan de ‘fortalezas do capital’ e comparou-os com as minúsculas casas dos professores das universidades. Ao mesmo tempo que era impressionante o poder de construir grandes obras, o custo parecia ter vindo de uma acumulação prejudicial para aqueles que pertenciam às massas. “*Among these masses, all individualism becomes expensive*”¹⁵⁴. Ao passo que as torres protegiam o capital, elas ocultavam a violência necessária para construí-las. Gerth e Mill apontam para uma certa

¹⁵³ “Estamos começando a avaliar quais aspectos do legado weberiano foram perdidos na sociologia do pós-guerra dominada pelos funcionalistas” — TL
NIELSEN, Donald. H. Gerth, C. Wright Mills, and the Legacy of Max Weber. *International Journal of Politics, Culture and Society*, Vol. 13, No. 4, 2000. Pág 648.

¹⁵⁴ “Entre as massas, todo individualismo se torna caro” — TL
WEBER, Max. *From Max Weber: Essays in Sociology*. Translated: Hans H. Gerth and C. Wright Mills. Oxford University Press. New York, 1946. Pág 15.

preocupação de Weber com questões trabalhistas¹⁵⁵. O racionalismo instrumental do capitalismo parecia ser limitado por um sistema legal pouco humanista.

According to the law, each death costs the company about \$5,000, which is paid to the widow or heirs, and each cripple costs \$10,000, paid to the casualty himself. These compensations are due so long as the company does not introduce certain precautionary measures. But they have calculated that the four hundred casualties a year cost less than would the necessary precautions. The company therefore does not introduce them.¹⁵⁶

_____ Existe também uma referência às considerações de Weber sobre a população negra americana. Weber coloca que os negros dos EUA sentem-se parte da nação, mas que isso nunca seria aceito pelos sulistas. Weber aponta sobre a questão da população negra em alguns momentos durante o texto. Ele questiona o porquê desse desafeto, comparado em certo nível à relação do branco com o nativo americano. Enquanto qualquer fração de descendência africana colocaria aquele indivíduo como pertencente à população negra¹⁵⁷, até mesmo um quarto de descendência dos povos originários era ignorada. A população negra havia sido propriedade, enquanto a indígena não¹⁵⁸. A narrativa que a população nativa não havia se submetido à escravidão é parte da lógica que permite ao nativo ser inserido na hierarquia de status. O conceito de propriedade pode ser aqui expandido. Pela doutrina calvinista da predestinação — o homem apenas administra aquilo que é de Deus e que Deus proveu a ele —, um movimento como a abolição da escravidão iria necessariamente contra a designação

¹⁵⁵ “Vez após vez, Weber ficou impressionado com a extensão do desperdício, especialmente o desperdício de vidas humanas, sob o capitalismo americano.” — TL

“*Again and again, Weber was impressed by the extent of waste, especially the waste of human life, under American capitalism.*”

WEBER, Max. *From Max Weber: Essays in Sociology*. Translated: Hans H. Gerth and C. Wright Mills. Oxford University Press. New York, 1946. Pág 16.

¹⁵⁶ “De acordo com a lei, cada morte custa à empresa cerca de US \$ 5.000, que são pagos à viúva ou herdeiros, e cada aleijado custa US \$ 10.000, pagos à própria vítima. Essas compensações são devidas desde que a empresa não introduza determinadas medidas cautelares. Mas eles calcularam que as quatrocentas vítimas por ano custariam menos do que as precauções necessárias. A empresa, portanto, não os apresenta.” — TL

Weber, Marianne. *Max Weber: ein Lebensbild*. Tubingen, 1926. *apud* WEBER, Max. *From Max Weber: Essays in Sociology*. Translated: Hans H. Gerth and C. Wright Mills. Oxford University Press. New York, 1946. Pág 15.

¹⁵⁷ Apenas a título de curiosidade. Em 1948, Davis Knight foi processado pelo crime de miscigenação por se casar com uma mulher branca. Davis Knight era fenotipicamente branco, mas foi processado porque sua tataravó Rachel Knight era negra.

¹⁵⁸ “Vamos lembrar, primeiro, que a franquia universal e igual dentro da democracia americana (dos brancos! Para os negros e todas as misturas não tem, ainda hoje, nenhuma franquia de fato).” — TL

“*Let us recall, first, that the universal and equal franchise within American democracy (of the Whites! for Negroes and all mixtures have, even today, no de facto franchise).*”

WEBER, Max. *From Max Weber: Essays in Sociology*. Translated: Hans H. Gerth and C. Wright Mills. Oxford University Press. New York, 1946. Pág 311.

divina em administrar aqueles seres. Para Weber o problema era absolutamente insolucionável e talvez o mais sério dos EUA¹⁵⁹.

O capitalismo ter se tornado um racionalismo instrumental parece ser importante para as considerações de Gerth e Mills sobre Weber. Como membros da New Left e pertencentes à Universidade de Wisconsin, certas questões mais ligadas ao campo progressista ganham visibilidade. Enquanto Parsons tentou aproximar Weber e Durkheim, Gerth e Mills tentaram demonstrar que Weber e Marx tinham mais proximidade na questão do objeto que se considerava. Os ensaios introdutórios de Gerth e Mills trazem como primeiro ponto das orientações intelectuais de Weber uma análise entre Marx e Weber. Considerando que ES contém temas como: Dominação, Poder, Classe, Luta de Classe, Tipos de Autoridade etc., essa introdução parece não ser tão estranha. Por outro lado, se considerarmos o esforço didático colocado na produção do texto, é possível supor que explicar Weber em oposição ao pensamento de Marx apresenta certas facilidades práticas, principalmente em Wisconsin, que já possuía uma certa tradição de pensamento marxista.

Eles iniciam o primeiro tópico afirmando que Weber havia dedicado sua vida intelectual a responder perguntas colocadas por Marx e que Weber teria utilizado métodos históricos proposto por Marx, entretanto havia aplicado-os apenas como um princípio heurístico de explicação histórica. O materialismo histórico, assim como a luta de classes, existe dentro do pensamento weberiano, mas não como motor da história¹⁶⁰. Marx e Weber têm como similaridade: a) a tentativa de observar fenômeno ideológico em correlação com os interesses materiais das ordens políticas e econômicas; b) a tentativa de analisar todas as ordens institucionais que formam a estrutura social; c) a consideração da unidade básica do capitalismo moderno na produção em vez do comércio ou da finança.

¹⁵⁹ Para pensar sobre isso, a análise de Weber sobre o sistema de castas hindu pode ser útil. Ele aceitava a ideia que o sistema de castas era baseado em raça, mas para isso deveria se definir algumas distinções. a) reconhecimento que diferenças raciais não são de qualidade mística que podem ser utilizadas para definir um sistema de dominação; b) coloração da pele é um fator importante primordialmente porque é um indicador de distinção; c) A manutenção de status quo por relações raciais é eficiente se organizado por uma doutrina religiosa.

¹⁶⁰ “Pode-se facilmente acumular declarações do trabalho de Weber que reforçariam esse ponto, como as traduções do presente volume deixam claro. É compreensível que Weber tenha considerado igualmente errado considerar sua obra como uma interpretação idealista da história, assim como considerá-la um caso de materialismo histórico.” — TL

“*One might easily accumulate statements from Weber's work that would reinforce this point, as the translations in the present volume make clear. It is understandable that Weber felt it equally wrong to consider his work as an idealist interpretation of history as it was to consider it as a case of historical materialism.*”

WEBER, Max. *From Max Weber: Essays in Sociology*. Translated: Hans H. Gerth and C. Wright Mills. Oxford University Press. New York, 1946. Pág 58.

Eles apontam que o distanciamento entre Weber e Marx era o da explicação monocausal que desenrolava-se em um esforço de unir esferas da realidade já fragmentadas pela modernidade. Para Marx, o capitalismo moderno era irracional devido às contradições modernas: a) os avanços técnicos das linhas de produção não produzirem uma melhor qualidade de vida para o trabalhador; b) as formas de opressão existentes na manutenção da propriedade privada por parte do Estado; c) o lucro individual advindo da exploração do trabalhador; d) o mercado regulado apenas em direção aos interesses da elite. Distintamente, para Weber, o capitalismo é altamente racional. Pode-se pontuar aqui que essa oposição, para além de demonstrar uma afirmação distinta sobre a realidade, demonstra uma distinção fundamentalmente conceitual. Marx observa, pelo menos em sua filosofia da história, a racionalidade como os meios que levariam à construção de um mundo melhor, ou seja, por meio da práxis o ser humano poderia sair da atual condição de irracionalidade e caminhar em direção à um mundo mais racional¹⁶¹. Weber, por suas influências nietzschianas e neokantianas, não postula uma ordem ou direção necessária para a racionalidade. A racionalidade tende a cada vez mais racionalidade, mas isso não implica em um futuro melhor. Weber considera que a distância que existe entre o trabalhador e os meios de produção é apenas uma forma de uma tendência moderna, da mesma forma que se separa: a) o soldado dos meios da violência, o soldado não executa a violência, mas é direcionado a produzir a violência por um terceiro (seja a Constituição, o Estado, o comandante etc); b) o cientista dos meios de investigação, o meio da investigação é a instituição de ensino, logo, o cientista deve provar e comprovar que está apto e competente a produzir dentro dos limites exteriormente estabelecidos; c) o administrador público dos meios de governança, para alteração do sistema que governa a vida é necessário algum tipo de processo impessoal que não permita a ação do indivíduo. É uma tendência da burocracia separar o indivíduo do meio porque aumenta a previsibilidade do sistema. É uma tendência que está mais ligada à burocracia que ao capitalismo.

Essa nota introdutória delinea determinadas visões de mundo básicas para o pensamento weberiano.

¹⁶¹ “[...] o conforto utópico contido na deriva automática do marxismo revisionista para o paraíso parecia substituir uma indignação justa por uma complacência inofensiva.” — TL

“[...] *the Utopian comfort contained in revisionist Marxism's automatic drift into paradise appeared to substitute a harmless complacency for righteous indignation.*”

WEBER, Max. *From Max Weber: Essays in Sociology*. Translated: Hans H. Gerth and C. Wright Mills. Oxford University Press. New York, 1946. Pág 38.

3.3.1. Bureaucracy and Charisma: A Philosophy of History

Gerth e Mills apontam a dialética entre a burocratização e o carisma como o tema central da filosofia da história de Weber. A racionalização foi vista pela filosofia iluminista como um elo linear, unidirecional e progressivo entre o caos e a organização, entre o antigo e o novo. Essa lógica construiu uma visão histórica de progresso. Gerth e Mills, mesmo com certas restrições, argumentam que Weber ainda possui uma filosofia da história, embora não-linear, dentro da lógica do progresso:

Weber's view of 'disenchantment' **embodies**¹⁶² an element of liberalism and of the enlightenment philosophy that construed man's history as a unilinear 'progress' towards moral perfection (sublimation), or towards cumulative technological rationalization. [...] We nevertheless feel justified in holding that a unilinear construction is clearly implied in Weber's idea of the bureaucratic trend.¹⁶³

Colocar essa 'tendência' da burocratização como o cerne da filosofia da história weberiana como uma noção de progresso foi bastante criticado, principalmente por Bendix e Roth. Mas vamos ao argumento de Gerth e Mills antes de tecer a crítica.

A burocracia seria a forma pura da racionalização moderna. Deveria ser intencionalmente produzida e previsível. Os indivíduos obedecem não a um indivíduo, mas a uma ordem social externa e intangível. Remove-se completamente a personalidade da tomada de decisões, assim aumentando ao máximo a previsibilidade e o controle do sistema. Requer um *staff* de pessoas livres, com salário fixo e algum nível de treinamento técnico para operação da coisa pública. *"In public and lawful government these three elements constitute bureaucratic authority.' In private economic domination, they constitute 'bureaucratic management'."*¹⁶⁴ O desencantamento do mundo, que é onde Gerth e Mills sustentam o

¹⁶² Na versão do texto em português existe um desvio da tradução desse termo: "a opinião de Weber sobre o "desencantamento" **encerra** um elemento do liberalismo e da filosofia iluminista que construiu a história do homem como um "progresso" unilinear na direção da perfeição moral (sublimação), ou no sentido da racionalização tecnológica cumulativa."

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1982. Pág 69.

¹⁶³ "A visão de Weber do "desencanto" **incorpora** um elemento do liberalismo e da filosofia iluminista que interpretou a história do homem como um "progresso" unilinear em direção à perfeição moral (sublimação), ou em direção à racionalização tecnológica cumulativa. [...] Não obstante, nos sentimos justificados em sustentar que uma construção unilinear está claramente implícita na ideia de Weber da tendência burocrática." — TL
WEBER, Max. *From Max Weber: Essays in Sociology*. Translated: Hans H. Gerth and C. Wright Mills. Oxford University Press. New York, 1946. Pág 51.

¹⁶⁴ "No governo público e legal, esses três elementos constituem a autoridade burocrática. ' Na dominação econômica privada, eles constituem 'gestão burocrática'. " — TL

argumento, não é simplesmente a retirada de magia do mundo, mas a sistematização do mundo dentro de sistemas de previsibilidade, coerência e estabilidade. Eles argumentam que esse processo de remoção da imprevisibilidade do mundo é interrompido pelas descontinuidades do tempo e é balanceado pelo carisma.

O carisma é a oposição da burocracia justamente porque rejeita a tradição como elemento motivador da ação. Os exemplos utilizados por Gerth e Mills para exemplificar essa oposição são interessantes. Massa *versus* Personalidade, rotina *versus* criatividade empreendedora, “*the conventions of ordinary people versus the inner freedom of the pioneering and exceptional man*”, regras institucionais *versus* individualismo, “*the drudgery and boredom of ordinary existence versus the imaginative flight of the genius.*”¹⁶⁵ Eles consideram o líder carismático como um tipo de ‘soberano’ por incorporar os valores da liberdade, do pioneirismo e do empreendedorismo, o que rompe a previsibilidade da história criada pela burocratização e é capaz de criar algo novo e inovador no mundo.

In spite of the careful nominalism of his method, Weber's conception of the charismatic leader is a continuation of a 'philosophy of history' which, after Carlyle's Heroes and Hero Worship, influenced a great deal of nineteenth-century history writing. In such an emphasis, the monumentalized individual becomes the sovereign of history.¹⁶⁶

Eles colocam que essa ruptura criada pelo líder carismático é resolvida pela ‘rotinização do carisma’ (*the routinization of charisma*). Se esse movimento carismático é bem-sucedido, ou seja, se determinado grupo de pessoas considera que essa irrupção é válida, o movimento carismático pode ser rotinizado em burocratização ou tradicionalismo. “*The 'philosophical' element in Weber's construction of history is this \ antinomic balance of*

WEBER, Max. *From Max Weber: Essays in Sociology*. Translated: Hans H. Gerth and C. Wright Mills. Oxford University Press. New York, 1946. Pág 196.

¹⁶⁵ “As convenções das pessoas comuns versus a liberdade interior do homem pioneiro e excepcional” [...] “o trabalho enfadonho e o tédio da existência comum versus a fuga imaginativa do gênio.” — TL
WEBER, Max. *From Max Weber: Essays in Sociology*. Translated: Hans H. Gerth and C. Wright Mills. Oxford University Press. New York, 1946. Pág 53.

¹⁶⁶ “Apesar do nominalismo cuidadoso de seu método, a concepção de Weber do líder carismático é uma continuação de uma "filosofia da história" que, após Heróis e adoração ao herói de Carlyle, influenciou grande parte da história escrita do século XIX. Com tal ênfase, o indivíduo monumentalizado torna-se o soberano da história.” — TL
WEBER, Max. *From Max Weber: Essays in Sociology*. Translated: Hans H. Gerth and C. Wright Mills. Oxford University Press. New York, 1946. Pág 53.

*charismatic movements (leaders and ideas) with rational routinization (enduring institutions and material interests).”*¹⁶⁷

Assim, a história — como passagem do tempo — se fundamenta na noção de que grandes momentos de alteração histórica ocorreram, pois líderes carismáticos alteraram a ordem vigente da sociedade. É novamente o argumento do excepcionalismo, sobre bases distintas: não mais como um argumento conservador, mas progressista. Mills e Gerth apontam que o texto weberiano raramente foca nos grandes homens da história (Napoleão, Calvino, Cromwell, Washington e Lincoln), mas na rotinização do carisma que esses indivíduos empregaram no mundo.

A consideração da quebra carismática como a filosofia da história weberiana foi amplamente criticada. Bendix colocou que não se alinhava ao pensamento de Gerth e Mills “*where Weber's approach is related to the “great man theory of history”*”.¹⁶⁸

Bendix aponta que ocorre um argumento paradoxal na forma que Gerth e Mills pensam sobre a filosofia da história weberiana. Se o líder carismático leva à rotinização e esse fenômeno é recorrente, logo, temos que: a dinâmica histórica weberiana que só poderia ser explicada pela dialética entre esses dois fenômenos ou a burocracia é um fenômeno sempre incompleto. Se a burocracia fosse completada, existiria a impossibilidade do surgimento do líder carismático. Bendix aponta que Gerth e Mills não levaram em conta a ‘declinação do carisma’ como um ponto chave do desenvolvimento histórico. “[...] *he did not subscribe to a theory of history that sees history's dynamic element in the charismatic “break-throughs” of great men and its stable element in the “decline of charisma” through routinization.*”¹⁶⁹

A ‘declinação do carisma’ existia até em sociedades pré-modernas. A partir do momento que se forma a instituição da igreja, advinda do líder carismático, a força carismática do líder seria substituída pelo poder institucional da igreja. A rotinização do carisma e a burocracia, nesse caso, não são forças opostas, mas elementos congruentes da

¹⁶⁷ “O elemento ‘filosófico’ na construção da história de Weber é este \ equilíbrio antinômico dos movimentos carismáticos (líderes e ideias) com a rotinização racional (instituições duradouras e interesses materiais).” — TL WEBER, Max. *From Max Weber: Essays in Sociology*. Translated: Hans H. Gerth and C. Wright Mills. Oxford University Press. New York, 1946. Pág 53.

¹⁶⁸ “[...] onde a abordagem de Weber está relacionada à “teoria da história dos grandes homens””. — TL BENDIX, Reinhard. *Max Weber: An Intellectual Portrait*. Routledge. London, 1998. Pág 329.

¹⁶⁹ “[...] ele não subscreveu uma teoria da história que vê o elemento dinâmico da história nas “rupturas” carismáticas de grandes homens e seu elemento estável no “declínio do carisma” por meio da rotinização.” — TL BENDIX, Reinhard. *Max Weber: An Intellectual Portrait*. Routledge. London, 1998. Pág 328.

formação da dominação. Bendix postula que o pensamento de Gerth e Mills desconsidera que o pensamento weberiano sobre a história não está localizado na construção de leis. *“The point is that Weber was not interested in developmental theories”*¹⁷⁰.

Gerth e Mills são sociólogos. O interesse deles é distinto do que nós procuramos em Weber. Eles se afastam do pensamento do *structural functionalism*, mas a tentativa de aproximar o pensamento weberiano do pensamento marxista acaba por deturpar sua visão histórica. Em plena Guerra Fria é minimamente ousado tentar criar essa concepção de um pensamento weberiano, que até esse momento, estava controlado e dominado por um conservadorismo bastante intenso. Essa guinada feita por Gerth e Mills, mesmo com todos seus problemas, foi providencial na construção de um pensamento weberiano de esquerda nos EUA¹⁷¹. Mills principalmente foi grande influenciador da New Left americana.

I had inadvertently stumbled into one of the internecine Weber wars that were then flourishing on both sides of the Atlantic and had walked into a quicksand of a history whose source lay in the contrast between Gerth's Weberian-Marxism as opposed to Mayer's formal, religiously oriented Lutheran interpretation of Weber.¹⁷²

A tradução em si foi muito pouco criticada. O afastamento do pensamento parsoniano já se demonstra como um passo que a academia americana parecia desejar. A grande onda de imigração causada pela Segunda Guerra foi muito relevante para a passagem de Weber para a condição de um intelectual cosmopolita. Transportar Weber da Europa para a América não foi um esforço simples. Transportar qualquer intelectual é complexo por uma infinidade de

¹⁷⁰ “A questão é que Weber não se interessava por teorias do desenvolvimento”. — TL
BENDIX, Reinhard. *Max Weber: An Intellectual Portrait*. Routledge. London, 1998. Pág 327.

¹⁷¹ “A apropriação do legado sociológico weberiano para o público americano não apenas assombra seu relacionamento pessoal e informa suas criações intelectuais substantivas, mas também molda muitas de suas interações com outros sociólogos importantes, por exemplo, Karl Mannheim, Louis Wirth, Edward Shils, Talcott Parsons, e outros envolvidos no trânsito de Weber para essas praias.” — TL
“The appropriation of the Weberian sociological legacy for American audiences not only haunts their personal relationship and informs their substantive intellectual creations, but also molds many of their interactions with other leading sociologists, for example, Karl Mannheim, Louis Wirth, Edward Shils, Talcott Parsons, and others involved in the transit of Weber to these shores.”
NIELSEN, Donald. H. Gerth, C. Wright Mills, and the Legacy of Max Weber. *International Journal of Politics, Culture and Society*, Vol. 13, No. 4, 2000. Pág 649.

¹⁷² “Eu tinha inadvertidamente tropeçado em uma das guerras internas de Weber que então floresciam em ambos os lados do Atlântico e entrei na areia movediça de uma história cuja fonte estava no contraste entre o marxismo weberiano de Gerth em oposição ao luteranismo formal e religioso de Mayer na interpretação de Weber.” — TL
VIDICH, Arthur J. *With a Critical Eye: An Intellectual and His Times*. Newfound Press. Knoxville, 2008. Pág 401.

elementos. Entretanto, o esforço de educar a população americana sobre Weber durante a Guerra Fria sob uma ótica progressista é de outro nível de grandeza.

3.3.2. *The Sociological imagination (1959)*

Mills pertence ao conjunto de weberianos do grupo intelectual de Wisconsin. Texano, formou-se em sociologia com mestrado em filosofia, inicialmente, pela Texas A&M — uma universidade militar — e depois pela Austin Texas University. Mills é um tipo de intelectual diferente da maioria. Tinha origem humilde, texana e conservadora, mas havia se tornado um progressista urbano. Ele observava nas elites intelectuais urbanas um certo desdém e possuía hábitos pouco ortodoxos para o que se esperava de um intelectual.

Mesmo acreditando que Mills estivesse mais próximo da Teoria das Elites, Mills foi tratado como um marxista nos EUA. A ‘Teoria das Elites’ considerava que no decorrer da história as elites estavam sempre presentes, porque eram uma minoria organizada versus uma não-elite caótica. A democracia liberal não poderia combater essa organização porque fazia parte dos meios de dominação. Ele era membro da New Left e fez uma viagem para Cuba em 1960. Mesmo se considerarmos que o *McCarthyism* teve seu “fim” durante os anos 50s¹⁷³, programas como o COINTELPRO¹⁷⁴ continuaram durante todo o movimento civil. Não é preciso muito mais que isso para ser considerado comunista nos EUA. Nós entendemos essa situação de primeira experiência, mas cabe comentar.

Ao momento em que Mills atinge sua maturidade intelectual (1955-1965), tanto o Estado quanto as grandes corporações estão investindo uma infinidade de recursos em pesquisa sociológica. Existem grandes valores financiando pesquisas sobre marketing, análise eleitoral e estudos de nichos sociais. O mercado parecia ter profissionalizado as capacidades de controle social vindos das ciências sociais. A ascensão dos *think tanks* no pós-guerra é vertiginosa. Lobistas de todas as espécies buscaram nos *think tanks* formas de legitimar ações praticadas contra a sociedade. Dois casos curiosos são: a) da indústria tabagista que inunda o

¹⁷³ Earl Warren, presidente da suprema corte, começou a votar a inconstitucionalidade dos atos praticados pelo departamento de justiça. Os casos mais famosos são: *Slochower v. Board of Education* (1956), em que um professor acusado de ser comunista foi despedido ao invocar a 5ª emenda quando questionado sobre suas filiações políticas. *Watkins v. United States* (1957) em que o departamento de justiça processou testemunhas que não queriam colaborar com as investigações como desacato ao congresso. Warren afirmou que J. Edgar Hoover e Joseph McCarthy estavam ativamente se esforçando para rasgar o tecido social da democracia americana.

¹⁷⁴ COINTELPRO foi um programa de inteligência dirigido por J. Edgar Rover para investigar, infiltrar, desestabilizar e produzir Intel sobre grupos considerados inimigos internos dos EUA.

debate público e acadêmico com argumentos que o tabagismo é uma questão de liberdade individual, assim retirando o debate sobre as responsabilidades industriais na produção de cigarros — caso muito similar ao lobby feito pelas indústrias de armas; b) mais recentemente, seguiu-se a mesma lógica de análise na internet. Steve Bannon — ligado à ascensão do trumpismo e amigo pessoal do filho do presidente brasileiro — saiu de um desses *think tanks*.

Uma sociologia que serve o mercado ou o Estado é necessariamente uma sociologia matematizável, ou seja, uma que se fundamenta sobre a coleta de dados, produção de gráficos e análises estatísticas. Mills rejeita a ideia de que a sociedade pudesse ser transformada em dados com objetivo de atender uma necessidade de mercado. Postula ele: existe, por um lado, uma sociologia que faz o trabalho de uma elite — seja uma elite cultural que pensa sobre o indivíduo comum; seja uma elite do capital que paga para que sociólogos pensem sobre a vida do sujeito comum —; e existe, por um outro lado, uma sociologia acadêmica que não se importa com o indivíduo. No final das contas o indivíduo tornou-se apenas uma vítima da ação de sociólogos que foram, ou, engolidos ou pela modernidade capitalista, ou, pelo academicismo. Os sociólogos parecem, do ponto de vista de Mills, exercer o papel de mantenedores do *status quo*, seja o do capital ou da intelectualidade. Mills, acredita que a função do sociólogo não era essa. Ele apontava que o papel do sociólogo era treinar a percepção da população para observar a relação direta entre o cotidiano e as macroestruturas que governam a vida cotidiana.

O homem moderno é, do ponto de vista de Mills, um refém da modernidade. Ele assiste a modernidade sem agência ou forma de combatê-la. A constante alteração da realidade é uma causa de mal-estar, não apenas porque cria um ambiente de instabilidade, mas porque as constantes alterações que preservaram papéis de opressão e submissão do indivíduo. A secularização das estruturas de dominação alterou-se apenas no sentido que colocou a responsabilidade de ser dominado sob a responsabilidade do sujeito¹⁷⁵: é uma crise pessoal estar desempregado, é uma crise pessoal não estar subjugado pela dominação capitalista. A reação do indivíduo perante a modernidade é: a) a indiferença, quando possui valores sobre o mundo, mas não se é capaz de associar aqueles valores com a realidade; b) a ansiedade, quando se percebe que a realidade tem problemas insolucionáveis e o sentimento

¹⁷⁵ “Os fatos da história contemporânea também são fatos sobre o sucesso e o fracasso de homens e mulheres individualmente. Quando uma sociedade se industrializa, o camponês torna-se trabalhador; um senhor feudal é liquidado ou se torna um empresário.” — TL

“*The facts of contemporary history are also facts about the success and the failure of individual men and women. When a society is industrialized, a peasant becomes a worker; a feudal lord is liquidated or becomes a businessman.*”

MILLS, Charles Wright. *The Sociological Imagination*. Oxford University Press. New York, 2000. Pág 3.

de impotência perante essa constatação¹⁷⁶. Mills observa que esses dois sentimentos são o grande pêndulo da existência moderna. A indiferença é um mecanismo de proteção que transforma valores em apatia, enquanto a ansiedade é um tipo de ruído de fundo da experiência moderna¹⁷⁷.

Do indivíduo é cobrado também a performance do sucesso. A modernidade pede, mesmo perante o fracasso, a afirmação de que o problema é interno. Trata-se da afirmação de que os males causados pela experiência moderna são fruto da conduta individual. Para Mills, a incapacidade de conectar o fracasso pessoal com as estruturas sociais é a gênese do mal-estar moderno. Não se relaciona a existência pessoal com as grandes estruturas colocadas pela sociedade e esse é o problema da sociedade moderna¹⁷⁸. A ansiedade ou mal-estar parte dessa culpabilidade individual, que falha em perceber a perversão das estruturas externas à experiência individual. Mills observava que os males que tocavam o homem moderno não eram apenas compreensíveis, mas que não existiria outra forma de reagir ao mundo em que vivemos. O individualismo capitalista é uma forma do indivíduo se proteger, não apenas da incapacidade de mudar o mundo, mas também do mal-estar que decorre da constatação de que o mundo não pode ser mudado. Esperar que o homem comum se comporte de forma diferente é pedir muito dele. É o tipo de mentalidade que afastou a academia do homem concreto. Fala-se sobre ‘povo’ como uma categoria abstrata, nunca é sobre o indivíduo de fato, concreto e material. Se o intelectual é incapaz de pensar sobre o homem comum, é porque perdeu a capacidade de ter empatia com o seu objeto.

¹⁷⁶ “Além disso, a relevância estrutural dos públicos está diminuindo, à medida que os homens em geral se tornam 'homens da massa', cada um preso em ambientes bastante impotentes.” — TL

“Moreover, the structural relevance of publics is declining, as men at large become 'mass men', each trapped in quite powerless milieux.”

MILLS, Charles Wright. *The Sociological Imagination*. Oxford University Press. New York, 2000. Pág 52.

¹⁷⁷ “Nem todos compartilham desse mal-estar, mas o fato de muitos não compartilharem é, por si só, um motivo de mais mal-estar entre aqueles que estão atentos à promessa e honestos o suficiente para admitir a mediocridade pretensiosa de muitos esforços atuais.” — TL

“Not everyone shares this uneasiness, but the fact that many do not is itself a cause for further uneasiness among those who are alert to the promise and honest enough to admit the pretentious mediocrity of much current effort.”

MILLS, Charles Wright. *The Sociological Imagination*. Oxford University Press. New York, 2000. Pág 19.

¹⁷⁸ “No entanto, os homens geralmente não definem os problemas que enfrentam em termos de mudança histórica e contradição institucional. [...] Eles não possuem a qualidade mental essencial para compreender a interação do homem e da sociedade, da biografia e da história, do eu e do mundo. Eles não podem lidar com seus problemas pessoais de forma a controlar as transformações estruturais que geralmente estão por trás deles.” — TL

“Yet men do not usually define the troubles they endure in terms of historical change and institutional contradiction. [...] They do not possess the quality of mind essential to grasp the interplay of man and society, of biography and history, of self and world. They cannot cope with their personal troubles in such ways as to control the structural transformations that usually lie behind them.”

MILLS, Charles Wright. *The Sociological Imagination*. Oxford University Press. New York, 2000. Pág 4.

During the modern era, physical and biological science has been the major common denominator of serious reflection and popular metaphysics in Western societies. 'The technique of the laboratory' has been the accepted mode of procedure and the source of intellectual security. That is one meaning of the idea of an intellectual common denominator: men can state their strongest convictions in its terms; other terms and other styles of reflection seem mere vehicles of escape and obscurity.¹⁷⁹

O intelectual havia perdido a capacidade empática para com o indivíduo porque a ciência moderna condicionou-o para tanto. A 'técnica do laboratório' é o isolamento dos fatores externos que poderiam interferir na aferição de medidas e na produção de análises. Enquanto para as ciências da natureza isso é perfeitamente plausível e encorajado, para o cientista humano a técnica do laboratório causou o distanciamento do objeto. Objeto que no caso é outro ser humano. O tratamento do indivíduo como objeto de pesquisa é uma das razões pela qual existe uma distância tão grande entre a academia e a sociedade, entretanto não é a razão mais interessante apontada por Mills. *"The social scientist usually lives in circumstances of middling class and status and power. By his activities in these milieux, he is often in no better position than the ordinary individual to solve structural problems [...]"*¹⁸⁰ Então, se o intelectual é parte formadora da classe média, qual seria a causa desse distanciamento?

¹⁷⁹ "Durante a era moderna, as ciências físicas e biológicas foram o principal denominador comum da reflexão séria e da metafísica popular nas sociedades ocidentais. 'A técnica do laboratório' tem sido o modo de procedimento aceito e a fonte de segurança intelectual. Esse é um dos significados da ideia de um denominador intelectual comum: os homens podem expressar suas convicções mais fortes em seus termos; outros termos e outros estilos de reflexão parecem meros veículos de fuga e obscuridade." — TL
MILLS, Charles Wright. *The Sociological Imagination*. Oxford University Press. New York, 2000. Pág 14.

¹⁸⁰ "O cientista social geralmente vive em circunstâncias de classe média, em status e em poder. Por suas atividades nesses meios, muitas vezes ele não está em melhor posição do que o indivíduo comum para resolver problemas estruturais [...] Mas o cientista social não é apenas um 'homem comum' " — TL
MILLS, Charles Wright. *The Sociological Imagination*. Oxford University Press. New York, 2000. Pág 184.

“In many academic circles today anyone who tries to write in a widely intelligible way is liable to be condemned as a 'mere literary man' or, worse still, 'a mere journalist.' Perhaps you have already learned that these phrases, as commonly used, only indicate the spurious inference: superficial because readable. [...] His claims for prestige readily become tied to his self-image as a 'scientist.' To be called a 'mere journalist' makes him feel undignified and shallow. [...] It has become a convention—those who do not use it are subject to moral disapproval.”¹⁸¹

Os intelectuais formaram a sua própria hierarquia social. Estar distante da sociedade também é uma forma de se afirmar enquanto indivíduo distinto do ordinário. Os males que afetam todos os ‘homens comuns’ foram resolvidos pela diferenciação hierárquica. O intelectual se considera separado da sociedade. Algo de nobre, mas não aristocrata. Algo de artístico, mas não abstrato. Os males modernos afetam o intelectual também, entretanto a resposta para o problema não é o distanciamento da sociedade. Mills propõe que os intelectuais voltem para o papel educacional.

It is the political task of the social scientist—as of any liberal educator—continually to translate personal troubles into public issues, and public issues into the terms of their human meaning for a variety of individuals. It is his task to display in his work— and, as an educator, in his life as well—this kind of sociological imagination. And it is his purpose to cultivate such habits of mind among the men and women who are publicly exposed to him. To secure these ends is to secure reason and individuality, and to make these the predominant values of a democratic society.¹⁸²

Imaginação sociológica é a forma que Mills considera que a sociologia poderia ser usada como arma contra o *status quo*. Não é um método para clarificar as asserções de intelectuais sobre a realidade, mas uma ferramenta que poderia possibilitar a emancipação do indivíduo com o uso das emoções criadas pela condição moderna¹⁸³. A indiferença tem que

¹⁸¹ “Em muitos círculos acadêmicos hoje, qualquer pessoa que tente escrever de uma forma amplamente inteligível está sujeita a ser condenada como um 'mero homem literário' ou, pior ainda, 'um mero jornalista'. Talvez você já tenha aprendido que essas frases, como comumente usadas, indicam apenas a inferência espúria: superficial porque legível. [...] Suas reivindicações de prestígio tornam-se prontamente ligadas à sua autoimagem como um 'cientista'. Ser chamado de 'mero jornalista' o faz sentir-se indigno e superficial. [...] Tornou-se uma convenção - aqueles que não usam estão sujeitos à desaprovação moral.” — TL
MILLS, Charles Wright. *The Sociological Imagination*. Oxford University Press. New York, 2000. Pág 218.

¹⁸² “É tarefa política do cientista social - como de qualquer educador liberal - traduzir continuamente os problemas pessoais em questões públicas e as questões públicas em termos de seu significado humano para uma variedade de indivíduos. É sua tarefa exibir em seu trabalho - e, como educador, em sua vida também - esse tipo de imaginação sociológica. E é seu propósito cultivar tais hábitos mentais entre os homens e mulheres que são publicamente expostos a ele. Garantir esses fins é assegurar a razão e a individualidade e fazer deles os valores predominantes de uma sociedade democrática.” — TL
MILLS, Charles Wright. *The Sociological Imagination*. Oxford University Press. New York, 2000. Pág 187.

¹⁸³ “O ‘ problema básico ’, aliás, e sua resposta, geralmente requerem atenção tanto à inquietação decorrente da ‘ profundidade ’ da biografia, quanto à indiferença decorrente da própria estrutura de uma sociedade histórica. Por

ser formulada em um problema e a ansiedade em ação de mudança social. *Quality of mind* é uma competência intelectual que possibilita a interligação entre a experiência concreta e material e a constelação de elementos que formam a realidade histórica¹⁸⁴. Ela deve permitir perceber a conexão entre: a) O indivíduo e a Sociedade; b) A Biografia e a História; c) O Eu e o Mundo. Para Mills, essa visão sofisticada de mundo iria transpor uma série de empecilhos criados pela modernidade.

The first fruit of this imagination—and the first lesson of the social science that embodies it—is the idea that the individual can understand his own experience and gauge his own fate only by locating himself within his period, that he can know his own chances in life only by becoming aware of those of all individuals in his circumstances.¹⁸⁵

Vamos fazer um parêntese para duas análises concretas da imaginação sociológica aplicadas a casos contemporâneos.

a) “Imigrantes roubaram seu trabalho.” Mesmo sendo um país de imigrantes, os EUA possuem uma forte aversão ao estrangeiro. A narrativa propagada de que o trabalho de ‘americanos de verdade’ foi roubado por imigrantes não documentados é fortemente propagada porque a xenofobia é associada a um problema real. O desemprego é um fato. Tanto pela industrialização quanto pelo encerramento de alguns tipos de profissão, existem menos empregos. O problema social é verídico, a solução adotada não é. O objetivo de Mills era que, pela compreensão das estruturas sociais e da história, fosse possível chegar ao problema de fato. Imigrantes não documentados não roubaram empregos, um capitalista

nossa escolha e declaração de problemas, devemos primeiro traduzir indiferença em problemas, inquietação em problemas e, segundo, devemos admitir tanto problemas quanto questões na declaração de nosso problema.” — TL

“The ‘basic problem,’ by the way, and its answer, usually require attention both to uneasiness arising from the ‘depth’ of biography, and to indifference arising from the very structure of an historical society. By our choice and statement of problems, we must first translate indifference into issues, uneasiness into trouble, and second, we must admit both troubles and issues in the statement of our problem.”

MILLS, Charles Wright. *The Sociological Imagination*. Oxford University Press. New York, 2000. Pág 131.

¹⁸⁴ “O que os homens comuns têm consciência direta e o que tentam fazer é limitado pelas órbitas privadas em que vivem; suas visões e seus poderes são limitados às cenas de close-up do trabalho, família, vizinhança; em outros meios, eles se movem vicariamente e permanecem como espectadores”. — TL

“What ordinary men are directly aware of and what they try to do are bounded by the private orbits in which they live; their visions and their powers are limited to the close-up scenes of job, family, neighborhood; in other milieux, they move vicariously and remain spectators.”

MILLS, Charles Wright. *The Sociological Imagination*. Oxford University Press. New York, 2000. Pág 3.

¹⁸⁵ “O primeiro fruto dessa imaginação - e a primeira lição da ciência social que a incorpora - é a ideia de que o indivíduo pode compreender sua própria experiência e avaliar seu próprio destino apenas localizando-se dentro de seu período, para que possa conhecer suas próprias chances na vida apenas tornando-se ciente das circunstâncias de todos os indivíduos.” — TL

MILLS, Charles Wright. *The Sociological Imagination*. Oxford University Press. New York, 2000. Pág 5.

notou que contratá-los é mais barato (não se gasta com direitos trabalhistas, plano de saúde (no caso americano, desemprego normalmente quer dizer uma restrição do acesso ao sistema de saúde porque o empregador é responsável pelo pagamento do seguro), segurança no trabalho etc.). Logo, construir um muro na fronteira com o México não irá resolver o problema porque o que causou o problema não foi o imigrante, mas uma lógica de lucros que leva o empresário a explorar uma mão de obra que não possui chance de se defender perante um tribunal.

b) “A China está roubando as fábricas americanas.” Novamente, o problema é real. O deslocamento da manufatura americana para a China criou uma grande onda de desemprego. O ponto é que se formula a questão como se a China tivesse um plano para destruir a sociedade americana. Bilionários decidiram mudar suas fábricas para a China como uma forma de explorar a desigualdade global (*global inequality*) e não serem obrigados a seguir as normas do EPA (*Environmental Protection Agency*) e dos Direitos Humanos.

Das análises práticas surge uma questão sobre a ‘Era dos Fatos’¹⁸⁶. Os veículos de mídia nos EUA cumprem um papel fundamental na manutenção dessas narrativas. Os grandes conglomerados de mídia, o grupo Sinclair sendo o caso mais claro, perpetuam essas narrativas como uma forma do controle social como descrito no primeiro capítulo. A manutenção dessas narrativas é interessante para as elites pois direciona a ansiedade real em direção a um inimigo externo e imaginário, enquanto conduz as populações a desenvolverem um certo tipo de idolatria para com seus opressores. A ascensão dos bilionários como figuras públicas (Jeff Bezos, Mark Zuckerberg, Elon Musk) parece se transformar em um tipo de dominação carismática através desses veículos de mídia. A construção dos “bilionários popstars” parece contribuir diretamente para a manutenção da mentalidade de que o capitalismo é a salvação do mundo e o que o Estado intervencionista impede o progresso. Mentalidade que podemos observar também no Brasil de forma bastante clara.

3.4. *Economy and Society: An Outline of Interpretive Sociology (1968) - Guenther Roth*
Wirtschaft und Gesellschaft. Grundriß der verstehenden Soziologie

¹⁸⁶ “Não é apenas de informação que eles precisam - nesta Era dos Fatos, a informação geralmente domina sua atenção e sobrecarrega sua capacidade de assimilá-la. [...] O que eles precisam, e o que eles sentem que precisam, é uma qualidade mental que os ajudará a usar a informação e a desenvolver a razão, a fim de alcançar somas lúcidas do que está acontecendo no mundo e do que pode estar acontecendo dentro de si.” — TL
“It is not only information that they need—in this Age of Fact, information often dominates their attention and overwhelms their capacities to assimilate it. [...] What they need, and what they feel they need, is a quality of mind that will help them to use information and to develop reason in order to achieve lucid summations of what is going on in the world and of what may be happening within themselves.”
MILLS, Charles Wright. *The Sociological Imagination*. Oxford University Press. New York, 2000. Pág 5.

Nos Estados Unidos, apenas em 1968 seria publicada a tradução de *Economia e Sociedade* (EeS). O texto deve ser considerado um ‘livro’ apenas no sentido metafórico. O conjunto de textos e manuscritos é resultado do trabalho de editores — Guenther Roth e Claus Wittich — e tradutores — Ephraim Fischhoff, Hans Gerth, A. M. Henderson, Ferdinand Kogegar, C. Wright Mills, Talcott Parsons, Max Rheinstein, Guenther Roth, Edward Shills, Claus Wittich. Guenther Roth, sociólogo alemão naturalizado americano em 1963 e professor da Universidade de Washington, escreveu o prefácio do texto.

Weber rejected the prevalent evolutionary and mono-causal theories, whether idealist or materialist, mechanistic or organicist; he fought both the reductionism of social scientists and the surface approach of historians, both the persistent search for hidden "deeper" causes and the ingrained aversion against historically transcendent concepts.¹⁸⁷

O esforço empregado por Roth na introdução do texto parece muito mais um desenvolvimento do que o pensamento weberiano não é, do que a delimitação do que propriamente é. De acordo com Roth, as ideias de Weber “[...] *have been gradually assimilated by social scientists — by way of accurate reception, imaginative adaptation and, not too infrequently, inventive misinterpretation.*”¹⁸⁸ E pondera que o momento de publicação de *Economia e Sociedade* é fundamental para tentar corrigir determinadas interpretações oriundas das traduções fragmentárias da obra de Weber. Ele tece críticas orientadas diretamente a Parsons¹⁸⁹ e afirma que EeS tem como objetivo unir o pensamento weberiano, que havia sido fragmentado pelas diversas traduções e escolas de pensamento, sob a égide de uma teoria sociológica voltada para a formulação de um corpo conceitual para a história.

¹⁸⁷ “Weber rejeitou as teorias evolucionárias e monocausais prevalentes, fossem idealistas ou materialistas, mecanicistas ou organicistas; ele lutou tanto contra o reducionismo dos cientistas sociais quanto contra a abordagem superficial dos historiadores, tanto a busca persistente por causas “mais profundas” ocultas quanto a aversão arraigada contra conceitos historicamente transcendentais.” — TL
WEBER, Max. *Economy and Society: An Outline of Interpretive Sociology*. Bedminster Press. New York, 1968. Pág XXXV.

¹⁸⁸ “[...] foram gradualmente assimilados por cientistas sociais - por meio de recepção precisa, adaptação imaginativa e, não raramente, má interpretação inventiva.” — TL
WEBER, Max. *Economy and Society: An Outline of Interpretive Sociology*. Bedminster Press. New York, 1968. Pág XXXIII.

¹⁸⁹ “Seria incompatível com o espírito da abordagem de Weber valorizar as generalizações trans-históricas (“funcionalistas”) de qualquer teoria sociológica formal mais do que a análise competente de um fenômeno histórico importante com a ajuda de uma tipologia adequada.” — TL
“*It would be incompatible with the spirit of Weber's approach to value the transhistorical (“functionalist”) generalizations of any formal sociological theory more highly than the competent analysis of a major historical phenomenon with the help of a fitting typology.*”
WEBER, Max. *Economy and Society: An Outline of Interpretive Sociology*. Bedminster Press. New York, 1968. Pág XXXVII.

Roth argumenta que o método weberiano tinha como objetivo tratar questões relativas à história. No caso, a sociologia seria um procedimento fundamental para o desenvolvimento da pesquisa historiográfica. Ele não nega o pensamento sociológico, mas argumenta que o grande papel da sociologia é criar as bases conceituais para o pensamento histórico.

3.4.1. Weber's Vision of History (1979)

Roth aponta que Weber se encontra em uma encruzilhada do pensamento histórico. A desilusão com a visão evolucionista (seja deísta ou naturalista), causada pela crise do modelo nomotético de explicação científica, não sustentava uma visão baseada em etapas evolutivas da história. O tipo de questionamento presente à época de Weber tentava estabelecer o ser humano dentro da história. Definir os elementos que trouxeram a humanidade até o momento atual e como se orientar para o futuro só poderia ser encontrada do ponto de vista da história universal. Na virada do século, parecia que o capitalismo havia dominado o globo, mas o progresso que existia não era o progresso que se esperava.

Na metodologia weberiana praticada, sociologia é o aspecto generalizado do estudo da história e contrasta com a análise causal de fenômenos individuais. Roth propõe que o método weberiano funciona sobre três bases, todas as três históricas, da seguinte forma: a) sociológica; b) histórica; c) situacional.

A) Sociológica

É a formulação de um corpo conceitual que se organiza em três níveis. A primeira fase do trabalho sociológico é o tipo ideal. É a definição de um fenômeno histórico simples dentro de um quadro conceitual controlável. Retomemos o argumento: se pela visão de realidade weberiana o mundo é um todo irracional, o que o tipo ideal faz é ordenar a realidade dentro de um conjunto de códigos generalizantes. Assim, o tipo ideal é a delimitação de características que não tentam descrever a totalidade da realidade, até mesmo porque isso seria impossível, mas cria uma ponte entre o geral e o particular. O uso do tipo ideal é o que cientistas sociais sempre fizeram — capitalismo para Marx, democracia para Tocqueville —, mas a proposta de Weber é de que essa construção consciente auxiliaria na produção de uma ciência humana que não iria incorrer no erro de confundir o conceito que se produz sobre a realidade com a realidade em si. Então quando se diz ‘revolução’, não existe a concepção que esse tipo ideal irá descrever a totalidade de todas as revoluções, mas destaca os elementos

relevantes para o esforço intelectual que está sendo empreendido. É um instrumento para a fragmentação da realidade, não um fim da investigação racional.

A segunda parte do esforço sociológico é a construção de modelos ou configurações. Um tipo ideal não pode explicar um evento pois é uma generalização aberta, então se torna necessário construir modelos que encadeiem tipos ideais. Por exemplo, existe o tipo ideal “burguês” — uma classe social construída por um certo tipo de valores e um certo tipo de sociabilidade — e existe o tipo ideal “revolução” — uma insurreição social com objetivos de alterar a ordem vigente. Para Roth, a ‘hifenização’ de ‘revolução-burguesa’ é a construção ideal típica que começa a se deslocar do geral para o particular, mas permanece geral. Roth aponta para uma distinção, proposta por Mommsen, entre modelos estruturais e modelos processuais. Modelos estruturais seriam conceitos de uma época (*epochal concepts*) como feudalismo, renascimento e fascismo, ou seja, modelos que trazem consigo um período histórico determinado. Modelos processuais seriam a democratização dos Estados nacionais ou a implementação do capitalismo moderno, ou seja, processos de longa duração.

A terceira parte do esforço sociológico é a definição de regras da experiência (*rules of experience*). Uma regra da experiência é um certo padrão de causalidades que pode ser afirmado sem alto grau de rigor empírico. Roth afirma que regras da experiência são: “*a summary of a number of historical constellations, without being testable propositions in the strict sense: for' example, the observation that foreign conquerors . and native priests have formed alliances[...]*”¹⁹⁰

B) Histórica

Para Roth, esse corpo conceitual é de onde o esforço histórico deve iniciar. Também se organiza em três etapas. Primeiramente, a identificação do fenômeno histórico a ser explicado. Essa etapa deve conter a relevância e a distinção desse fenômeno, por exemplo, ‘o racionalismo ocidental’, em que se delineia um modelo ou configuração única existente na realidade, já anteriormente descrito e definido no esforço sociológico.

Na segunda etapa ocorre a formulação da causalidade que se transforma em uma teoria secular, dentro da concatenação histórica. É a definição de quais nexos causais levam

¹⁹⁰ “Um resumo de uma série de constelações históricas, sem serem proposições testáveis em sentido estrito: por exemplo, a observação de que conquistadores estrangeiros. e padres nativos formaram alianças [...]” — TL WEBER, Max. *Economy and Society: An Outline of Interpretive Sociology*. Bedminster Press. New York, 1968. Pág XXXVI.

ao desencadeamento dos eventos. Imputação causal deve ser definida pelo método da comparação.

Weber's comparative strategy was directed toward establishing, with the aid of his typologies, (1) the *differences* between modern and older conditions, and (2) the *causes* of the differences. This involved the exploration of secular phenomena that had "dropped out" of history (for example, ancient capitalism) but that were culturally important in themselves or useful for identifying modernity; it also involved the search for the "causal chains" of history.¹⁹¹

A EeS não tinha como objetivo explicar a singularidade ocidental, mas forneceu a tipologia necessária para tanto. A burocracia, o patrimonialismo, a dominação carismática e os conceitos relativos a comunidades, sectos, igrejas e hierocracias, “[...] *even in Economy and Society there are many historical explanations that amount to sketches of secular theories about the genesis and consequences of particular historical phenomena, from the Protestant ethic to the modern state.*”¹⁹²

C) Situacional

Weber, ao analisar a situação contemporânea a ele, nota que a tendência moderna é a redução da democracia e da liberdade. O argumento gira em torno da ideia que não existe uma ligação necessária entre o capitalismo, a liberdade e a democracia. “*It is ridiculous to attribute elective affinity with democracy or even freedom to today’s advanced capitalism*”¹⁹³. Essa afinidade eletiva entre o capitalismo e a democracia parecia ser uma tendência, dado um

¹⁹¹ “A estratégia comparativa de Weber foi dirigida a estabelecer, com o auxílio de suas tipologias, (1) as diferenças entre as condições modernas e antigas e (2) as causas das diferenças. Isso envolvia a exploração de fenômenos seculares que haviam "desaparecido" da história (por exemplo, o capitalismo antigo), mas que eram culturalmente importantes em si mesmos ou úteis para identificar a modernidade; também envolveu a busca das "cadeias causais" da história.” — TL
WEBER, Max. *Economy and Society: An Outline of Interpretive Sociology*. Bedminster Press. New York, 1968. Pág XXXIX.

¹⁹² “[...] mesmo em Economia e Sociedade existem muitas explicações históricas que equivalem a esboços de teorias seculares sobre a gênese e as consequências de fenômenos históricos particulares, da ética protestante ao estado moderno.” — TL
ROTH, Guenther; SCHLUCHTER, Wolfgang. *Max Weber’s Vision of History: Ethics and Methods*. University of California Press. Los Angeles, 1979. Pág 197.

¹⁹³ “É ridículo atribuir afinidade eletiva com a democracia ou mesmo a liberdade ao capitalismo avançado de hoje” — TL
WEBER, Max. *Zur Lage der bürgerlichen Demokratie in Russland*. Archiv, 22 (1905/6); partially reprinted in Ps. pp. 63ff. *apud* ROTH, Guenther; SCHLUCHTER, Wolfgang. *Max Weber’s Vision of History: Ethics and Methods*. University of California Press. Los Angeles, 1979. Pág 202

recorte muito específico¹⁹⁴. Na visão de Weber, os democratas e os individualistas estariam nadando contra a corrente porque a ascensão da liberdade moderna era uma confluência de fatores históricos específicos, e não uma característica inerente à existência moderna¹⁹⁵. Apesar de ter acertado sobre a proliferação de governos autoritários depois das Guerras Mundiais¹⁹⁶, o projeto de Weber não era produzir um tipo de ciência humana que fosse capaz de desenvolver uma teoria da história universal — diferente do marxismo, que tentou oferecer uma teoria total do curso da história ocidental.

Nos seus escritos acadêmicos, Weber utiliza da neutralidade axiológica. ‘O capitalismo faz parte do racionalismo moderno’ e dessa afirmação não se produz um juízo de valor. Entretanto, os escritos políticos possuem em seu cerne o embate entre o Estado e a sociedade. Necessariamente, uma análise situacional é também uma análise do embate entre classes, não pelos meios de produção, mas pela validade das formas de legitimação de relações contínuas entre dominadores e dominados. O juízo de valor de que o capitalismo acirrava os embates de classes não é alheio ao pensamento weberiano. Weber sempre buscou a explicação sócio-histórica para o surgimento da ação política¹⁹⁷.

¹⁹⁴ No pensamento americano Mills ressaltou que apenas uma faixa muito curta da humanidade vivia sob democracias liberais e a tendência parecia ser a ascensão de governos autoritários.

¹⁹⁵ Esses fatores para Weber seriam: a) a expansão além-mar, ou seja, a capacidade de expandir para um novo espaço; b) a natureza da estrutura econômica e social de uma época; c) ascensão da ciência; d) a distinção histórica de algumas formas de pensamento religioso.

¹⁹⁶ “O que pode nos impressionar hoje em particular sobre sua afirmação de que o capitalismo avançado não promove inerentemente ou necessariamente a democracia é a observação ao longo dos últimos setenta anos de que a democracia liberal sobreviveu principalmente em seu próprio lar, que por acaso também são os centros do mundo capitalista economia.” — TL

“*What may today strike us particularly about his assertion that advanced capitalism does not inherently or necessarily promote democracy is the observation over the last seventy years that liberal democracy has survived mainly in its own hearthlands, which also happen to be the centers of the capitalist world economy.*” ROTH, Guenther; SCHLUCHTER, Wolfgang. *Max Weber’s Vision of History: Ethics and Methods*. University of California Press. Los Angeles, 1979. Pág 203.

¹⁹⁷ “Ele reconheceu que a introdução do capitalismo avançado em países “subdesenvolvidos”, como Alemanha e Rússia, nos quais a burguesia não havia desempenhado seu papel histórico ocidental de promover as liberdades religiosas, políticas e econômicas, militou contra o crescimento da democracia liberal ao reforçar o tradicionalismo sentimentos, como o comunismo agrário arcaico (no caso russo), impulsionando o socialismo radical e assustando a fraca burguesia a se submeter ao governo autoritário.” — TL

“*He recognized that the introduction of advanced capitalism into “underdeveloped” countries such as Germany and Russia, in which the bourgeoisie had not played its Western historical role of promoting religious, political, and economic liberties, militated against growth of liberal democracy by reinforcing traditionalist sentiments, such as archaic agrarian communism (in the Russian case), propelling radical socialism, and frightening the weak bourgeoisie into submitting to authoritarian rule.*”

ROTH, Guenther; SCHLUCHTER, Wolfgang. *Max Weber’s Vision of History: Ethics and Methods*. University of California Press. Los Angeles, 1979. Pág 200.

A grande distinção é que para Weber “‘*the future as history*’ open to human will and resolution.”¹⁹⁸. Esse eixo aberto para o futuro é um sinal de negação do conhecimento nomotético determinista, ao mesmo tempo que retira qualquer teleologia da história. Não são escritos políticos que passam pelo crivo do método, pois são conjunturais. A fase situacional, proposta por Roth, é a definição dos valores atuais que poderiam determinar a direção das tendências da história. É uma escolha moral que parte da negação da história evolutiva ou naturalista. Esse tipo de análise não é encontrada nos escritos metodológicos de Weber, mas está presente nos escritos políticos. É um caso à parte, pois está preocupado com a determinação de uma dada distribuição de poder com direção à mudança ou à preservação de um estado de coisas. Como é possível realizar essa mudança?

Para Roth, a filosofia da história de Weber era pragmática em vez de pessimista — “*unless we save ourselves, nothing and nobody will save us.*”¹⁹⁹ — mas o que o conhecimento não pode fazer é desvelar a chave mestra para o futuro²⁰⁰. Para Roth, o pensamento histórico weberiano só atribui agência histórica a indivíduos: “*in history only men act, not social organism or reified collectivities*”²⁰¹.

4. Considerações finais

A ideologia nacional americana buscou afastar-se do pensamento histórico-social da Europa. Observar certas continuidades, inerentes à relação colonial, é também notar quais partes da herança colonial foram preservadas. Distintas realidades históricas produzem

¹⁹⁸ “O ‘futuro como história’ aberto à vontade e resolução humanas.” — TL

ROTH, Guenther; SCHLUCHTER, Wolfgang. *Max Weber’s Vision of History: Ethics and Methods*. University of California Press. Los Angeles, 1979. Pág 201.

¹⁹⁹ “A menos que nos salvemos, nada e ninguém nos salvará.” — TL

ROTH, Guenther; SCHLUCHTER, Wolfgang. *Max Weber’s Vision of History: Ethics and Methods*. University of California Press. Los Angeles, 1979. Pág 205.

²⁰⁰ “Como um resultado do lance de um dado pode ser estimado numa probabilidade de 1 para 6. Essa probabilidade, entretanto, não autoriza em nenhuma circunstância adiantar-se seguramente ao lançamento do dado. Enquanto os dados ainda estiverem rolando ou, em quanto o respectivo processo de devir não estiver consumado, não existe nenhuma realidade necessária, mas tão somente um conflito de possibilidades.”

VALLE, Ulisses do. *As vicissitudes da história: Max Weber e a teoria do conhecimento histórico*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2013. Pág 398.

²⁰¹ “Na história, apenas os homens agem, não organismos sociais ou coletividades reificadas” — TL

ROTH, Guenther; SCHLUCHTER, Wolfgang. *Max Weber’s Vision of History: Ethics and Methods*. University of California Press. Los Angeles, 1979. Pág 205.

distintas formas de produção de conhecimento sobre o passado com objetivo de suprir carências de orientação inerentes ao agir humano. E isso se aplica à escolha de textos e autores a serem lidos no ambiente acadêmico. Um certo conjunto de mitologias e ideologias americanas orientou a seleção dos textos, como também conferiu um certo sentido à leitura de Weber, eventualmente levando a ‘interpretações criativas’ que alteraram a forma que se pensa sobre o autor alemão. Essas alterações criaram uma forma nova de pensar sobre Weber, que podemos concordar ou não, mas que foram influentes no caminho trilhado pelas ciências humanas nos EUA.

O modelo de ciências humanas americano estava largamente voltado a um pragmatismo teleológico que caminharia em direção à ideia de que a democracia liberal seria a grande solução para os problemas do mundo moderno.

The causes of the differential opinion regarding various aspects of Weber's work are these: it is understandable that Weber was not discussed intensively in terms of his politics. To be sure, people were sympathetic to this man who opposed Kaiser Wilhelm and who visited and praised the United States, but people were unfamiliar with the details of domestic politics in pre-war and revolutionary Germany, and Weber's political pessimism was foreign to them. With a surplus of land and for a long time without neighbors, Americans had come to believe that the American form of democracy represented the solution to many political problems.²⁰²

HGE trouxe um texto que não apresentava grandes problemas de tradução, mas foi um texto muito pouco circulado para que se produzissem muitas críticas. O texto introduziu o pensamento weberiano no intuito de construir um Weber analítico e utilitarista.

EPEC trazia um conjunto de conceitos que reanimaram o excepcionalismo americano em um momento que parecia ser a derrocada de um sonho que tinha acabado de começar. O funcionalismo estrutural parece ter dominado o pensamento weberiano nos EUA por bastante tempo. Como aponta Sell, Parsons como um “liberal triunfalista”²⁰³, demonstra fortes marcas

²⁰² “As causas da diferença de opinião sobre vários aspectos da obra de Weber são as seguintes: é compreensível que Weber não tenha sido discutido intensamente em termos de sua política. Certamente, as pessoas simpatizaram com esse homem que se opôs ao Kaiser Wilhelm e que visitou e elogiou os Estados Unidos, mas as pessoas não estavam familiarizadas com os detalhes da política interna na Alemanha pré-guerra e revolucionária, e o pessimismo político de Weber era estranho para elas. Com um excedente de terras e por muito tempo sem vizinhos, os americanos passaram a acreditar que a forma americana de democracia representava a solução para muitos problemas políticos.” — TL
HONIGSHEIM, Paul. *The Unknown Max Weber*. Transaction Publisher. New Jersey, 2003. Pág 269.

²⁰³ SELL, Carlos Eduardo. *Max Weber e a racionalização da vida*. Vozes. Petrópolis, 2013. Pág 297.

do tipo de pensamento histórico americano. Uma história evolutiva se liga a uma visão funcionalista porque ambas consideram que a natureza conduziu os EUA ao triunfo moderno.

ES foi a produção que colocou Weber como um ponto-chave da ruptura com o estruturalismo funcional. Gerth e Mills colocaram Weber como uma alternativa ao pensamento parsoniano. A tentativa de aproximar Weber de Marx tem um tipo de orientação política-metodológica²⁰⁴, mas nada tão sério que afetasse o processo de tradução. Não ocorreu a tentativa de desenvolver uma teoria sociológica sustentada no capital intelectual advindo do título de ‘tradutor’. Mills se destacou nos EUA devido à sua produção intelectual que ajudou a orientar a formação da New Left.

EeS trouxe o pensamento histórico para a dianteira da reflexão weberiana. O texto criou uma certa convergência entre vários autores. A própria fabricação do texto que reuniu 10 tradutores já demonstrava uma certa convergência da comunidade weberiana nos EUA. Pela primeira vez, intelectuais de orientações políticas e metodológicas diversas se congregavam em torno de um só projeto.

_____Weber foi de fato utilizado para manutenção do excepcionalismo americano. Entretanto, não deveríamos considerar que isso foi feito sob lógicas escusas de manutenção do imperialismo, mas que algo de novo ocorreu nos EUA. Não é o mesmo Weber que conhecemos no Brasil, com certeza não é o Weber conhecido na Alemanha, mas é algo novo e caracteristicamente americano.

Traduzir os textos Max Weber foi um meio de produção de capital intelectual. Isso não é nem positivo, nem negativo. É apenas uma das formas de sua produção. No caso de Parsons, as traduções foram providenciais na produção do funcionalismo estrutural. No caso de Gerth e Mills, foi necessário traduzir para separar o pensamento weberiano da autoridade de Parsons.

Situações relatadas neste trabalho não deveriam refletir mal sobre a academia americana. Uma análise minuciosa da formação de toda e qualquer comunidade acadêmica do mundo encontraria uma série de lutas pelo poder e formas pouco ortodoxas de organização comunitária. Se tratarmos o ambiente acadêmico como um ambiente humano e histórico, encontraremos as mesmas dinâmicas de poder da comunidade civil. Capital acadêmico e as formas de organização da hierarquia atuam igualmente em todas as esferas.

Com certeza este trabalho não delinea a totalidade da formação da comunidade weberiana nos EUA, mas traz algumas noções que podem ser úteis para uma orientação mais

²⁰⁴ Pensar o papel que a New Left teve sobre os escritos de Mills é compreender também um tipo de ação política motivada pelo tipo de ciências humanas disponível nos EUA.

generalizada do debate. Grandes nomes do pensamento weberiano nos EUA foram ignorados por limitações do trabalho.

Em futuros trabalhos seria importante delinear: a) a obra de Bendix em oposição ao trabalho de Roth, ambos na constituição de um Weber historiador; b) o papel de Edward Shils na tradução de Metodologias das Ciências Sociais; c) a análise dos trabalhos historiográficos que foram produzidos sob metodologia weberiana, a maioria deles sobre grandes presidentes vistos como líderes carismáticos; d) a formação de uma comunidade weberiana anarquista nos EUA (*Max Weber, Anarchism and Libertarian Culture: Personality and Power Politics — Carl Levy*); e) os núcleos de teólogos que se voltaram para a sociologia das religiões; f) os grupos de direito que estudam a sociologia das leis de Weber; g) os antropólogos que fizeram muitos trabalhos partindo do pensamento weberiano; entre tantos outros. A fonte é inesgotável para bem e para mal.

CONCLUSÃO

O caso americano traz uma miríade de conceitos problemáticos que parecem ter sido ignorados ou estereotipados pela academia. Partir do pressuposto de que a intelectualidade americana apenas trabalha para justificar o imperialismo ou de que não possuem a profundidade intelectual da Europa é minimizar o problema. Tomando Koselleck, se todas as revoluções são permanentes, podemos considerar que esse esforço ainda não acabou.²⁰⁵

O mito da terra prometida foi providencial na formação do contexto analisado, mas nos acompanha até hoje. Tendo os EUA dominado, pelo menos culturalmente, o Planeta Terra, é necessário uma maior produção sobre que mundo é esse que eles estão tentando construir e quais ferramentas eles estão dispostos a usar para concretizar esse ideal puritano de construção do mundo novo.

O mundo torna-se cada vez mais desencantado a cada rompimento de barreira. No séc. XIX, a fronteira era o Oeste americano e a ferramenta eram as armas produzidas por Samuel Colt ("*God created men. Colt made them equal*") e, assim, a natureza é desencantada pelo controle da técnica industrial bélica. No séc. XX, a fronteira se dividia entre a corrida espacial — desencantando os limites planeta terra como espaço ocupável — e a área de influência no terceiro mundo e as ferramentas eram bombas atômicas produzidas por Oppenheimer ("*Now I am become Death, the destroyer of worlds.*") e foguetes produzidos por ex-nazistas. No séc. XXI talvez tenha-se encontrado a última fronteira a ser conquistada. A comodificação da experiência individual parece ser um longo caminho percorrido pelos EUA. O mundo digital é a última fronteira a ser conquistada por essa ideologia. O conceito de capitalismo de vigilância é nada mais que o domínio dos sistemas de formação e definição da identidade em nome da produção de receita publicitária (*ad revenue*), na melhor das hipóteses. Toda a sociabilidade humana foi desencantada na forma de zeros e uns.

A utopia da missão puritana americana não é similar às utopias europeias. Não é a concretização de uma sociedade justa, igualitária, em que todas as necessidades humanas são supridas e a razão governa o caminhar humano, mas o desenvolvimento de uma sociedade que seleciona os indivíduos mais aptos a constituir o futuro.

Gostaria de demonstrar essa questão na forma com que os republicanos falam sobre os seus ideais políticos. O pressuposto é que: se você acredita em democracia, você também deve acreditar em igualdade social, o que só pode ser alcançado por acesso à educação, logo

²⁰⁵ “Se tomarmos ao pé da letra as declarações das revoluções Americana, Francesa ou Russa, então não restará dúvida quanto ao fato de que suas "realizações" deveriam beneficiar toda a humanidade. Em outras palavras, todas as variações modernas do termo "revolução" pretenderam, do ponto de vista geográfico, uma revolução universal e, do ponto de vista temporal, uma revolução permanente, até que seus objetivos fossem cumpridos.” KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Contraponto. Rio de Janeiro, 2006. Pág 72.

o governo deveria pagar pelo sistema educacional. Essa é a suposição lógica que deveria organizar esse debate se os valores americanos estivessem igualmente distribuídos por todo o espectro político. Entretanto, não é nisso que os republicanos acreditam.

Sendo os EUA uma democracia capitalista, quando é necessário escolher o conjunto de valores que organizarão a sociedade, um democrata normalmente irá optar pela ‘democracia’, enquanto republicanos normalmente irão acentuar o ‘capitalismo’²⁰⁶. Democratas ainda são capitalistas e republicanos ainda acreditam na democracia. Refiro-me a um certo sistema de valores que organiza o que eles acreditam que é a sociedade, ou deveria ser.

A mentalidade da ‘democracia’ é igualitária: uma pessoa um voto, independentemente de qualquer elemento que possa desabonar esse poder; ou seja, todo indivíduo nasce com direitos inalienáveis que devem ser preservados e enaltecidos. Qualquer sistema que não garanta a execução desse poder é uma tirania. O poder reside nas massas, que apenas conferem aos líderes eleitos o poder que possuem.

A mentalidade do ‘capitalismo’ se organiza a partir da lógica do livre mercado, em que aqueles mais aptos a exercer poder econômico o fazem por: a) na explicação protestante de mundo seria a graça, Deus lhe recompensa pela virtude com que você conduz sua vida; b) na explicação secular, o mérito, a competência, a adaptabilidade, o aperfeiçoamento técnico, enfim, todo esse linguajar que imputa sobre o indivíduo a responsabilidade por suas próprias condições materiais. Se duas empresas competem pelo mercado e uma é bem-sucedida e a outra não, o indicativo é de que a primeira é mais competente, logo, seu sucesso é legítimo tanto quanto o fracasso da segunda é também legítimo. Não é uma visão predatória do mundo, em que a acumulação de capital é uma arma para destruição de empresas menores, é apenas como a natureza se organiza. É o estado natural da humanidade: algumas pessoas são imbuídas de capacidades que os colocam na parte de cima da pirâmide econômica. Isso, claro, no plano ideal. O mito do *self-made-man* carrega um entrave interno que, enquanto qualquer um pode se tornar um indivíduo de sucesso, não são todos que podem alcançar o sucesso. Acredita-se então, que o capitalismo é um meio legítimo de organizar a sociedade. A existência de pessoas que nasceram com nada e morreram com grandes impérios é a prova de que o sistema é justo, mesmo não o sendo.

²⁰⁶ Isso de forma extremamente generalizada, os EUA possuem um sistema político em que o indivíduo mais à esquerda do partido democrata seria um centrista em qualquer outro lugar do mundo. Em face do partido republicano o partido democrata parece esquerda.

O esforço político em alterar essa ‘ordem natural’ da sociedade é alheio aos republicanos, porque significa interferir com os valores que levaram os EUA até a posição de sucesso que hoje gozam. Ensino superior público e gratuito, sistema universal de saúde, impostos sobre os muito ricos, salário mínimo digno; tudo isso iria desbalancear a organização ‘natural’. Pessoas que não ‘merecem’ ocupar determinados espaços sociais passariam a possuir ‘um poder que eles não merecem’, e se isso ocorrer a sociedade como um todo entrará em colapso. Se questionarmos conservadores hoje sobre o que há de errado com a sociedade, a resposta estará organizada na linha de que determinadas pessoas ocupam espaços que não deveriam ocupar, e elas só ocupam esse espaço por políticas sociais que interferiram com a natureza da organização social.

Vamos ao debate sobre os *State Rights*. O *Civil Rights Act of 1964* foi proposto por John F. Kennedy, mas assinado por Lyndon B. Johnson. O Marco dos Direitos Civis, proíbe a segregação racial e expandiu o direito de voto da população negra. A ordem federal de encerrar a segregação foi rebatida com o argumento dos ‘direitos estatais’. O caso não era que o partido republicano era a favor da segregação, apenas era a favor de que o federalismo fosse mantido e que os estados escolhessem a forma correta para desagregar. Por acaso, é o mesmo argumento utilizado durante a guerra civil para manutenção da instituição da escravidão.

A suposição de que republicanos das classes médias inferiores defendem as elites porque acreditam que um dia serão ricos é verdade apenas em parte. Eles defendem as elites porque acreditam que a sociedade precisa das elites. Eles são a elite porque o mundo é assim. Não existe problema em ser uma peça da engrenagem da sociedade, contanto que as elites corretas estejam no topo, ou melhor colocando, que os grupos corretos não estejam nas bases. As não-elites vão continuar votando em indivíduos que prometam a manutenção do *status quo* porque esse lugar lhes é de direito.

O grande problema aqui é a dificuldade de compreender como essa mentalidade funciona. Os Republicanos são difíceis de compreender porque é muito complexo definir no que eles acreditam. Eles acreditam que o Estado tem o direito de regular o acesso a aborto porque isso iria reduzir o número de abortos, mas o Estado não deveria regular o acesso a armas, porque tudo que isso faria é desarmar o cidadão de boa fé. Eles acreditam que pagar *bailout* para bancos que destroem a economia (2008) é necessário, mas qualquer programa de redistribuição de renda iria destruir o tecido da sociedade americana. Eles acreditam que o Estado deve ser pequeno para regular a condução da indústria, mas muito forte em manter a paz e a ordem por meio de uma polícia violenta e um exército forte.

É uma racionalidade substantiva bastante persistente. Organiza o mundo dentro de parâmetros muito fortes, mas que abrem espaço para uma certa flexibilidade que incorpora uma série de conflitos. *Latinos for Trump* é uma demonstração clara que certos conflitos de valores são facilmente resolvidos pela mentalidade americana.

A questão é que esse pressuposto — se você acredita em democracia, você também deve acreditar em igualdade social, o que só pode ser alcançado por acesso à educação, logo o governo deveria pagar as pelo sistema educacional — não é verdadeiro para a totalidade da população. É o que os EUA gostariam de ser e a imagem que eles gostariam de passar, mas não é a realidade para a população de forma geral. Assim como o Brasil, é um país que não conseguiu lidar com a bagagem histórica do escravismo, nem com os atos cometidos contra as populações originárias, tampouco com as responsabilidades das interferências em terras soberanas mundo afora e nem com sua própria massa de miseráveis. “*Make America Great Again*” tem o peso de uma afirmação histórica muito assustadora. Qual é essa *Great America* da qual eles se referem? Seriam os anos 1980 de Regan ou os anos 1960-1970 de Nixon? Essa *Great America* é pré ou pós abolição da escravidão? Mulheres possuem direitos nessa *Great America*?

Referências

ADORNO, Theodoro. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Zahar. Rio de Janeiro, 1985

ALMEIDA, Tiago Santos. Erguendo barreiras contra o irracionalismo: História das Ciências e diagnóstico da atualidade em Gaston Bachelard. *Revista Tempo*. Vol.25 no.3 Niterói Sept./Dec. 2019

BENDIX, Reinhard. *Max Weber: An Intellectual Portrait*. Routledge. London, 1998.

BOCK, Kenneth E. Darwin Social Theory. *Philosophy of Science*. Vol. 22, No. 2. Apr 1955.

BRUBAKER, Rogers. *The Limits of Rationality An Essay on the Social and Moral Thought of Max Weber*. London/New York, 1984

CLARK, Shellie. The Sexual Revolution of the "Roaring Twenties": Practice or Perception? *History: A Journal of Student Research*: Vol. 1 , Article 7. 2016.

COHEN, Jere; HAZELRIGG, Lawrence E.; POPE, Whitney. De-Parsonizing Weber: A Critique of Parsons' Interpretation of Weber's Sociology. *American Sociological Review*, Vol. 40, No. 2. Apr., 1975. pp. 229-241

COLLINS, Michael L. Collins. *Texas Devils: Rangers and Regulars on the Lower Rio Grande, 1846-1861*. University of Oklahoma Press. Norman, 2010

DILTHEY, Wilhelm. *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*. Editora Unesp. São Paulo, 2010.

DILTHEY, Wilhelm. *Introdução às ciências humanas*. Forense Universitária. Rio de Janeiro, 2010.

DORON, Yael. The Tower of Babel: Massification, Individuality and Empathy in Large Societies and in Small groups. *Group Analysis*. Vol. 49(2). 2016

EISEN, Arnold. The meanings and confusions of Weberian 'rationality'. *The British Journal of Sociology*, Vol. 29, No. 1 (Mar., 1978), pp. 57-70. 1978

FILHO, José Jeremias de Oliveira. Patologia e regras metodológicas. *Estudos Avançados* 9(23), 1995

FLYNN, George Q. *American Catholics & the Roosevelt Presidency, 1932–1936*. Lexington: University of Kentucky Press, 1968.

FREUND, Julien. *The sociology of Max Weber*. Random House. New York, 1968.

GANE, Nicholas. *Max Weber and Postmodern Theory*. Publisher Palgrave. Hampshire, 2002.

GARRETT, Garet. *The American Story*. Henry Regnery Company. Chicago, 1955.

GERTH, Nobuko. "Between Two Worlds" Hans Gerth : *Eine Biografie 1908-1978*. Springer Fachmedien. Wiesbaden, 2002. Pág 34.

GERTZ, René. Max Weber, A História e seu estudo. In: *Lições de história: da história científica à crítica da razão metódica no limiar do século XX*. Editora FGV, 2016

HIETALA, Thomas R. *Manifest design: American exceptionalism and Empire*. Cornell University Press. Ithaca, 2003.

HOVELER, J. David. *Creating the American Mind: Intellect and Politics in the Colonial Colleges*. Rowman & Littlefield, 2007.

HOLLINGER. David A. The Problem of Pragmatism in American. *History: The Journal of American History*, Vol. 67, No. 1. Jun., 1980.

HONIGSHEIM, Paul. *The Unknown Max Weber*. Transaction Publisher. New Jersey, 2003.

JAMES, William. *Pragmatism: A New Name for Some Old Ways of Thinking*. Harvard University, April, 1907.

Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/5116/5116-h/5116-h.htm#link2H_4_0008>.

KAKEL, Carroll. *The Holocaust as Colonial Genocide: Hitler's 'Indian Wars' in the 'Wild East'*. Palgrave Macmillan. Basingstoke, 2013.

KARLBERG, Stephen. Max Weber's Types of Rationality: Cornerstones for the Analysis of Rationalization Processes in History. *The American Journal of Sociology*, Vol. 85, No. 5 (Mar., 1980)

KILLIAN, Lewis. The Stigma of Race: Who Now Bears the Mark of Cain? *Symbolic Interaction*, 8(1), 1-14. 1985

KISER, Edgar; HECHTER, Michael. The Debate on Historical Sociology: Rational Choice Theory and Its Critics. *American Journal of Sociology*, Vol. 104, No. 3. November 1998.

KNIGHT, Frank Hyneman. *The Ethics of Competition and other essays*. Books for Libraries Press. New York, 1935

KNIGHT, Frank Hyneman. What is truth in economics? *Journal of Political Economy*. Vol. 48, No. 1. Feb., 1940, pp. 1-32

KUHN, Thomas S. *The Structure of Scientific Revolutions*. The University of Chicago Press. Chicago/London, 1996. Traduzido por Paulo Aukar. Santa Maria, 2016.

KUKLICK, Bruce. *A History of Philosophy in America*. Oxford University Press Inc. New York, 2001.

LACAPRA, Dominick. Intellectual History and Its Ways. *The American Historical Review*, Vol. 97, No. 2. 1992.

LACAPRA, Dominick. Rethinking Intellectual History and Reading Texts. *History and Theory*. Vol. 19, No. 3 (Oct., 1980), pp. 245-276. Pág 245.

LÖWITH, Karl. *Max Weber and Karl Marx*. Gedisa Editorial: Barcelona, 2007.

LUCAS, Christopher J. *American Higher Education: A History*. Palgrave Macmillan. New York, 2006.

LUCAS, Christopher J. *Crisis in the Academy: Rethinking Higher Education in America*. St. Martin's Griffin Press. New York, 1996.

MENNE, Jeff. *Post-Fordist cinema: Hollywood auteurs and the corporate counterculture*. Columbia University Press. New York, 2019.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *As Aventuras da Dialética*. Martins Fontes. São Paulo, 2006

MILLS, Charles Wright. *The Sociological Imagination*. Oxford University Press. New York, 2000.

NIELSEN, Donald. Gerth, C. Wright Mills, and the Legacy of Max Weber. *International Journal of Politics, Culture and Society*, Vol. 13, No. 4, 2000.

NOPPENNEY, Claus. Frank Knight and the Historical School. In: *Methodology of the Social Sciences, Ethics, and Economics in the Newer Historical School. Studies in Economic Ethics and Philosophy*. Springer, Berlin, Heidelberg, 1997.

OAKES, Guy; VIDICH, Arthur J. *Collaboration, Reputation and Ethics in American Academic Life: Hans H. Gerth and C. Wright Mills*. Southern Illinois University Press. Carbondale, 1999.

OSTENDORF, Berndt. Why Is American Popular Culture So Popular? A View from Europe. *Amerikastudien* 46.3 (2001): 339-66.

OWEN, David. *Maturity and Modernity: Nietzsche, Weber, Foucault and the Ambivalence of Reason*. Routledge. London, 1994

PAUL, Heike. *The Myths That Made America*. CPI - Clausen & Bosse. Leck, 2014.

PEIRCE, Charles Sanders. Issues of Pragmaticism. *The Monist* v. XV, n. 4, pp. 481-499, 1905.

PEIRCE, Charles Sanders. Truth and Falsity and Error. *Dictionary of Philosophy and Psychology*, v. 2. Collected Papers 5.565. 1901.

POPE, Whitney; COHEN, Jere; and HAZELRIGG, Lawrence. On the Divergence of Weber and Durkheim: A Critique of Parsons' Convergence Thesis. *American Sociological Review*, Vol. 40, No. 4. Aug., 1975

RHEINBERGER, Hans-Jörg. *On historicizing epistemology: an essay*. Translated by: David Fernbach. Stanford University Press. Stanford, 2010.

ROTH, Guenther; SCHLUCHTER, Wolfgang. *Max Weber's Vision of History: Ethics and Methods*. University of California Press. Los Angeles, 1979.

ROSS, Dorothy. *The Origins of American Social Science*. Cambridge University Press. Cambridge, 1991.

RUTKOFF, Peter; SCOTT, William. *New School: A History of the New School for Social Research*. The Free Press. New York, 1986.

SCAFF, Lawrence. *Max Weber in America*. Princeton University Press. Princeton, 2011.

SCAFF, Lawrence A. *Weber and the Weberians*. Partridge Macmillan. New York, 2014.

SCHLUCHTER, Wolfgang. *O desencantamento do Mundo*. Editora UFRJ. Rio de Janeiro, 2014

SCHLUCHTER, Wolfgang. *Rationalism, Religion and Domination: A Weberian Perspective*. University of California Press. Berkeley, 1992

SCHLUCHTER, Wolfgang. *The Rise of Western Rationalism: Max Weber's Developmental History*. University of California Press. Berkeley, 1981.

SCHNEIDER, Herbert and Carol. *Samuel Johnson, President of King's College: His Career and Writings*. Columbia University Press, 4 vols., 1929, Volume II.

SCHOLTZ, Gunter. O problema do historicismo e as ciências do espírito no século XX. *História da Historiografia*, Ouro Preto, número 6, 2011.

SCHÜTZ, Alfred. *The Phenomenology of the Social World*. Northwestern University Press, 1967.

SELL, Carlos Eduardo. *Max Weber e a racionalização da vida*. Vozes. Petrópolis, 2013

SELL, Carlos Eduardo. Racionalidade e Racionalização em Max Weber. *RBCS* Vol. 27 n° 79 junho/2012.

SHILS, Edward. Tradition. *Comparative Studies in Society and History*, Vol. 13, No. 2, Special Issue on Tradition and Modernity (Apr., 1971), pp. 122-159

SICA, Alan. *Max Weber & the New Century*. Transaction Publishers. New Brunswick, 1949.

SOLLORS, Werner. *Beyond Ethnicity: Consent and Descent in American Culture*. Oxford University Press. New York, 1986.

STRONG, Donald S. *Organized Anti-Semitism in America: The Rise of Group Prejudice During the Decade 1930–40*. Washington, DC: American Council on Public Affairs, 1941.

TALCOTT, Parsons. *The Structure of Social Action*. Free Press. Glencoe, 1949.

TALCOTT, Parsons. Review Max Webers Wissenschaftslehre. By Alexander Von Schelting. *American Sociological Review*, Vol. 1, No. 4 (Aug., 1936), pp. 675-681

TURNER, Frederick Jackson. *The Frontier In American History*. Harvard University, 1920.

VALLE, Ulisses do. *As vicissitudes da história: Max Weber e a teoria do conhecimento histórico*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2013.

VIDICH, Arthur J. *With a Critical Eye: An Intellectual and His Times*. Newfound Press. Knoxville, 2008. Pág 220

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Editora LTC. Rio de Janeiro, 1982.

WEBER, Max. *From Max Weber: Essays in Sociology*. Translated: Hans H. Gerth and C. Wright Mills. Oxford University Press. New York, 1946.

WEBER, Max. *General Economic History*. Translated by Frank H. Knight. The Free Press. Glencoe, 1927.

WEBER, Max. *Economy and Society: An Outline of Interpretive Sociology*. Bedminster Press. New York, 1968.

WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais, vol. I e II*. Unicamp. São Paulo, 2001.

WHIMSTER, Sam; LASH, Scott. *Max Weber, Rationality and Modernity*. Londres, Allen & Unwin, 1987.

ZINN, Howard. *A People's History of the United States, 1492-Present*. Routledge. New York, 2003.

Documentos

John Winthrop, A Model of Christian Charity — 1630

Disponível em: https://www.winthropsociety.com/doc_charity.php

The Unanimous Declaration of the thirteen united States of America — 1776

Disponível em: <https://www.archives.gov/founding-docs/declaration-transcript>

The Thirteenth Amendment to the United States Constitution

Disponível em: <https://guides.loc.gov/13th-amendment>